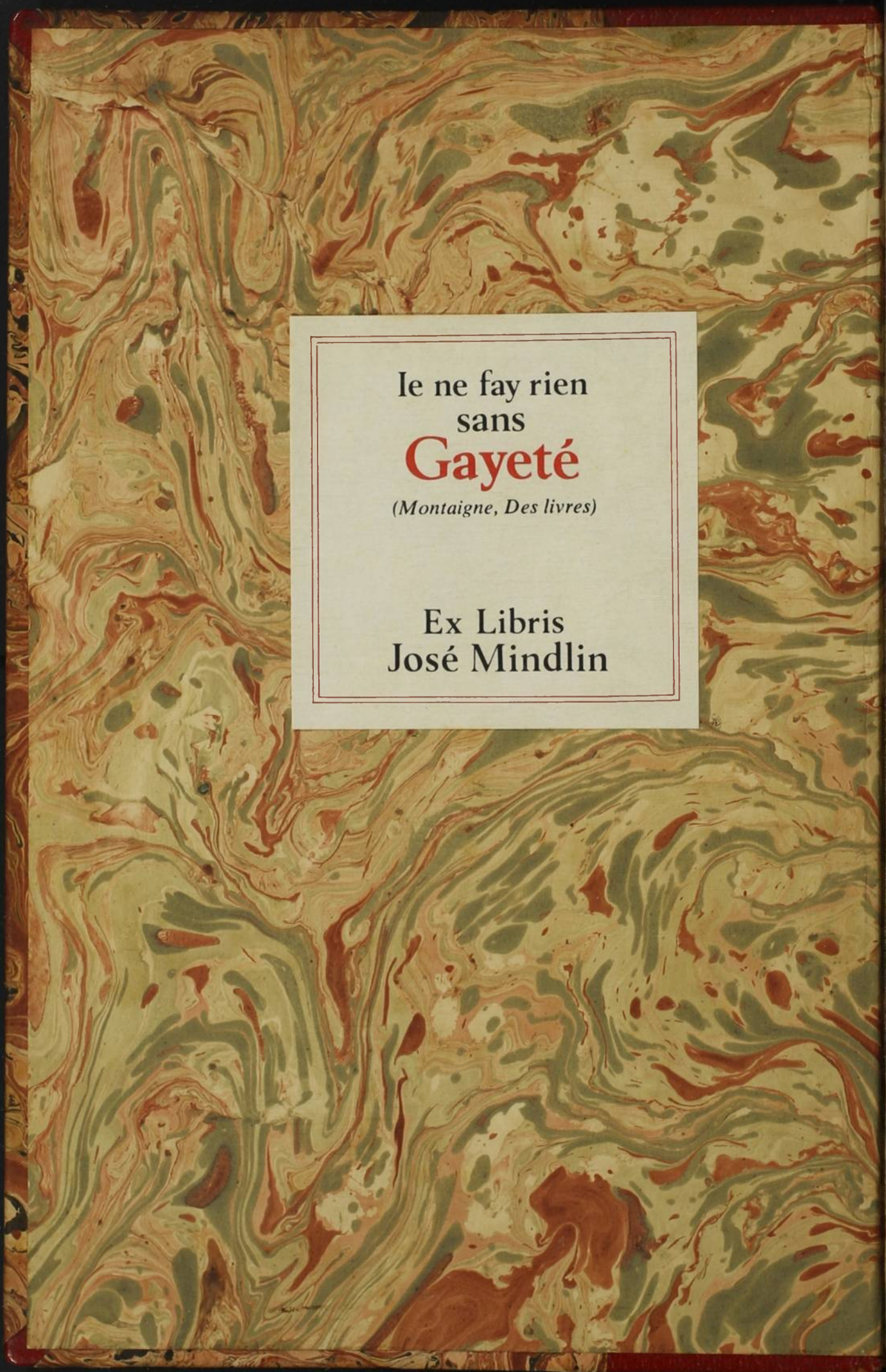
Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

BIBLIOTÉCA DA OFICINA DOS NOVOS—VI

ASTÔLFO MARQUES

A vida maranhense

CONTOS

(1902—1904)

(1.ª SÉRIE)

MARANHÃO—1905

A VIDA MARANHENSE

ASTÔLFO MARQUES

DA OFICINA DOS NOVOS

A vida maranhense

CONTOS

(1902—1904)

MARANHÃO—1905

Typ.—FRIAS—2030

A

Francisco Serra

E

João Quadros,

OS DOIS QUE COMIGO FUNDARAM

A

«Oficina dos Novos»

O. D. C.

H. M.

S. Luis, Janeiro de 1905.

O suplicio da Ignacia

I

No sino da Cadeia acabára de soar a hora fatal, os reboantes sons vindo ferir tristemente os ouvidos de milhares de pessoas, que alvoroçadamente fervilhavam na pequena praça, para onde, dêsde o alvorecer, acorria de todos os recantos da cidade a populaça em pêso para assistir á execução da escrava Ignacia.

Numa confusão indomavel todos se queriam aproximar do cadafalso, sedentos de curiosidade, ao mesmo tempo que se queriam afastar arredando a vista do monstro que se erguia diante dos seus olhos.

A fôrca, alguns esteios mal cruzados, tendo ao alto uma trave de espessura capaz de suportar o pêso a que a iam sujeitar, era duma construção brutalmente acabada. Desigual e tôsca, condizia com o fim que lhe destinavam.

Aquella máquina ali erguida em nome da Jus-

tiça, como instrumento da desafronta publica, era o objecto da atenção de milhares de olhos. Até innocentes criancinhas eram pela barbaria daquêlles tempos obrigadas a assistir a tão tristes e horripilantes scenas, mimoseando-as, depois, os seus pais com uma surra, seguida do indispensavel banho de «agua de sal», para que essas inconscientes, com os corpinhos chagados, «não aprendessem» o que viram.

O tristonho badalejar do sino annunciára já a chegada do momento ancioso e sofregamente esperado. Chegára a occasião de desafrontar o crime pelo crime, e a Justiça, folgando immensamente por castigar a culpada, manda lêr em vóz alta a sentença pela qual era a escrava Ignacia condemnada a expiar a pena última, e manda executar essa sentença, sob os aplausos de uma sociedade que se acha crente de que ella cumpriu o seu devêr.

Sinos, cornêtas, tambôres, tilintar de baionêtas, numa triste, acabrunhadôra e horrivel confusão, abafaram as ultimas palavras que acabavam de ser lidas.

E a paciente, aos impulsos do carrasco, subia ao tablado, sob o qual os religiosos irmãos da Mi-

sericordia, numa atitude piedósa, esperavam, com a sua redentôra bandeira, o momento de com as dobras do pavilhão da caridade cobrir a miseranda Ignacia, se a córda partisse.

Restabeleceu-se um silencio monotono e tristonho, que só foi novamente perturbado, quando num grito forte e estridente as palavras *Morro innocente !* retumbaram por todo o largo, ao mesmo tempo que o carrasco, destro e ligeiro, cavalgando na trave, empurrou bruscamente, violentamente, a condemnada, deixando-a suspensa na córda, a espernear, as mãos atadas, os olhos desvairadamente esbugalhados para o céu, a bôca se estorcendo babosa e entreaberta, deixando vêr os dentes que cessavam de rilhar, como que lançando um sorriso de escarneo para todo aquêlle povilêu, que ali acudira a presenciar os seus derradeiros momentos, tão terriveis e cruciantes !

E no meio de tanta gente que apinhava o largo, sedenta de curiosidade, só uma pessôa ria, só uma unica alma não se condoía da supliciada: era o carrasco, que com um riso alvar, executava com as cordas, que lhe foram dadas pelos homens da lei, aquella sôbre cujos hombros pezava um crime nefando e ignominiôso.

Estava feita a justiça. E os juizes, rectos, conspicuos e senhôres duma provectidão nunca desmentida, tinham tranquilla a consciencia nunca immaculada...

II

A Ignacia era escrava da familia Mafra, que a estimava immensuravelmente. Como cozinheira, que era da casa, esmerava-se em evidenciar o seu apurado e fino paladar nos variegados quitútes que preparava para reconfortar os estomagos das pessôas da nobre familia. Ninguem lhe levava a palma num bife de grélha ou de caçarola, nem tampouco numa sôpa; fosse esta de massas, de arrôs ou cevadinha, ella tinha um dom particular no *savoir-faire*. E quantas familias, ao festejar um anniversario, não iam pedir ás Mafras que «emprestassem a Ignacia para preparar alguns pratos!»

A esses predicados reunia a mulata uma belleza fascinante que provocava o ciume entre os seus parceiros, que lhe disputavam a amizade. Para um delles, o Fidélis, um prêto possante e de cara de poucos amigos, tivéra ella um dia, pondo as mãos á cinta e fazendo resaltar bamboleantes os seus volumosos quadris, esta resposta:

—Ixe, cacá! tu não te enchergas, negro?! Não vês logo que eu não sou p'rô teu bico?! Era o que faltava: eu mi limpá e infeitá p'rôs teus beiços de róda de carro! Não te miras?!

O prêto, enraivecido com a resposta que a Ignacia lhe déra, na presença dos seus parceiros, que o trotearam grandemente, jurou-lhe que lhe poria abaixo as tripas, se ella persistisse no inabalavel intuito de não acceder aos seus rogos, ameaça esta que, todavia, não impediu que ella continuasse firme no seu proposito de resistencia.

Numa tarde, chegada que foi a hora do jantar, os senhores da Ignacia sentaram-se á mesa, e o chefe da familia, tendo diante de si a sopeira em que fumegava cheirosa a sôpa de arrôs amarellenta de gordura, dividiu-a pelas pessôas que tomavam parte na refeição. Sorvido o gostoso prato, iam passar ao «cozido», quando uma criança, erguen-

do-se a chorar fortemente, as mãos sobre o ventre, revolucionou toda a casa.

Acudiram logo inquerindo uns aos outros o que seria, quando em cada um dos jantantes se foram manifestando as mesmas dôres, agora seguidas de vomitos, que a todos iam prostando.—Não restava dúvida, dizia o velho Mafra, estavam envenenados. Seria casual ou proposital? No primeiro caso, não sabia como explicar. No segundo, outra pessôa não se intrometia no serviço da cozinha, onde tudo estava entregue á Ignacia, cuja fidelidade nunca fôra posta em dúvida.

O doutor Ramos, o médico da casa, acudiu pressurosamente ao chamado, comprovando serem de envenenamento todos os sintomas e que da sôpa havia partido todo o mal. Prestados que fôram os mais prontos e zelozos cuidados aos doentes, socorridos a tempo de escaparem da morte, um consêlho de familia foi organizado, presidindo-o o médico.

A pobre Ignacia, aterrada, sem compreendêr o que queria dizer todo aquêlle movimento, explodiu num chôro estridulante, quando lhe perguntaram se elle puzéra «alguma coisa» na sôpa.

—Está ahi tudo, podem vêr! respondeu solu-

çando, com o desespero de quem tem o amor-proprio ofendido.

Examinada a caçarola em que se cozinhára a sôpa, qual não foi a surprêsa causada áquella familia, que tanto idolatrava a mulata, quando o médico exclamou:

—Não resta a menor duvida. Aqui temos a prova no fundo da panella; é arsenico, e em grande quantidade!

—Malvada! miseravel! assassina! foram os gritos que caíram sôbre a infeliz rapariga, gritos partidos dos mesmos peitos d'onde, minutos antes, partiram os que a innocentavam.

E lá vieram as autoridades com os seus médicos, que procederam a um exame mais minuciôso. Além dos médicos legistas encontrarem as mesmas provas que o doutôr Ramos, as autoridades, rebuscando os recantos da cozinha, descobriram, numa lata em que a cozinheira guardava temperos, um papelzinho contendo arsenico. Barafustaram ainda o bahú de couro da Ignacia, que o franqueára sem o menor vexame, como quem tem a consciencia limpida e pura, e com surprêsa de todos e estupefação da desventurada escrava, foi

encontrado no fundo da caixa, escondido num cantinho, outro papelzinho com o mesmo veneno.

E que grande que foi o alarido que reinou naquella casa, onde até então imperavam a santa paz e a mais dôce cordura! Os mais violentos improperios foram atirados á rapariga, que, de quando em vez, recobrando a razão, de joêlhos no sólo, os olhos fitos para o céu, assim implorava a clemencia do velho Mafra:

—Então meu sinhô mi julga capaz de fazê tamanho mal p'ra voçuncê mais minha sinhora e esses innocentinhos? Tende piedade de mim!

—Fôste tu mesmo, malvada! quem mais seria? Olha a bruxa a mostrar uma carinha de santa! Cinica! Infame! Miseravel! Some-te desta casa, assassina! Deus te ajuste! Raios te partam!

Foi sob este chuveiro de insultos e pragas que dois policiaes, brandindo os chanfalhos, arrastaram á prisão a infeliz que, sem forças para mais protestar, nem lagrimas para chorar, com o espirito obcecado pela accusação de que era alvo, seguiu completamente bestializada, sem saber para onde a levavam.

* * *

O processo foi summarissimo.

Feito debaixo de tão irrefragaveis e esmagadoras provas, dentro de poucos dias era a Ignacia pronunciada e condemnada á pena capital, confirmando o Tribunal da Relação a sentença.

E ali, entre aquellas quatro nègras e humidas parèdes do carcere, a escrava procurava conceber no seu cerebro confuso quem, por espirito de malvadez, deitaria tão compromettedòres papeis naquêlles logares em que só ella dominava. Como pudéra lá penetrar outra pessôa, se ella não arredára o pé da cozinha, a não ser num instante em que «déra um pulo» á quitanda do Ennes, para comprar um tostão de massa de tomates?! Ah! maldita sôpa! Sim, maldita, porquê fôra ella a causa da sua perdição, do seu torturamento, da sua desgraça, enfim!

A condemnada, de gôrda e bonita que era, emmagrecia, enfeiava. Aquêlles ondeados cabellos, que outr'ora ella tanto se esmerava em pentear, collocando no rodilhado cócó o ramilhête de cheirosas manjeronas e rosas de «todo o anno» ou do branco jasmin e do rescendente trêvo conjuntamente uma baunilha frèsca e dum odôr inebriante, estavam agora tecidos, ruços, e embran-

queciam. Os seus dentes, dum esmalte brilhante, que, quando ella gargalhava no açougue, causavam allucinação e despertavam o ciume na rapaziada, achavam-se todos cobertos de um limo nêgro. Aquêlles olhos, reluzentes e castanhos, que fascinavam, jaziam amortecidos e encovados. Enfim, tudo quanto constituia a belleza da Ignacia e que fizéra pulular doidejantes tantos e tantos corações, tudo desaparecêra em tão curto espaço de tempo.

E quando a tiraram daquêlle carcere, a mandado da justiça, essa mesma por que ella esperava para atestar a sua innocencia e que, no entanto, afirmava ser ella a culpada, deixou-se conduzir com uma brandura de que só os innocentes, os justos se revestem.

O seu confessôr aconselhára-lhe que apelasse para a Justiça Divina. E foi crente numa justiça diversa da da terra que a Ignacia se resignou, subindo ao patibulo sem soltar uma imprecação, a não ser as duas palavras que naquêlle grito de dôr duma alma immaculada e cheia de purêza, lhe saíram do intimo do peito, na occasião em que o carrasco a trucidava vigorosamente em nome da Lei.

III

Passaram-se uns oito annos depois da execução da Ignacia.

Sôbre o deploravel facto havia já caído o véu do esquecimento.

O padre Moreira, capellão da familia Mafra, foi numa manhan chamado ás pressas para ministrar a extrema-unção a um escravo dos Mafras, que se achava muribundo. Era o Fidélis, aquêlle que ameaçára de pôr á mostra as tripas da infeliz supliciada.

Ficando a sós o sacerdote e o enfermo, instantes depois saía aquêlle do quarto com o semblante em que se reflectia qualquer coisa de anormal, de horrivel. Chegou-se ao velho Mafra, pedindo-lhe o favôr de penetrar no aposento do agonisante, que tinha algo de importante a revelar-lhe.

—Então, Fidélis, estás reconciliado com Deus?

Que desejas de mim? entrou, perguntando, o senhôr do prêto.

—Ah! meu sinhô, a minh'alma 'stá perdida! Vou p'rô inferno .. Não foi Ignacia quem botou veneno na panella,—fui eu!. .

—Foste tu, miseravel?!

—Sim, fui eu, meu sinhô!. .

—Então tu, coração de pedra, tiveste a coragem de vêr morrêr innocente aquella pobre mulher, quando o envenenadôr, o culpado, o infame, o assassino, eras tu?!

—Sim, meu sinhô!... Fiz aquillo p'ra mi vingá... Eu queria tanto bem p'ra aquella mulata, e ella tinha tanta raiva de mim ... Eu jurei que ella não seria mais de outro .. Eu queria morrê sem dizê nada, mas sinhô padre mandou eu pidi perdão p'ra meu sinhô..

—Mas como foi que praticaste tamanha malvadêz?

Então o prêto poz-se a narrar compassadamente, em vôz quase imperceptivel,—pois que as agonias da morte lhe iam prendendo a lingua,—a campanha em que elle se empenhou para «fazer mal» á mulata.

Quando elle se desenganára de serem balda-

dos os seus rogos para conquistar a amisade da Ignacia, começou a imaginar uma tramoia, que por qualquer fórma comprometêsse a sua inimiga. E foi para elle um «feliz achado» num dia em que o senhôr lhe mandou deitar arsenico numa grande casa de cupim, que aparecêra no tecto da varanda da sua vivenda. No papel, que continha não pequena quantidade do violento veneno, o Fidélis viu o instrumento mais apropriado para a sua vingança. Era uma vez a Ignacia!

E ei-lo ufanôso a pôr em pratica os seus intentos vingativos. Deitou um pouquinho apenas no lugar em que fizéra habitação a destruidôra formiga e foi para o seu aposento, onde, trancado, entregou-se ardorosamente á execução do seu perfido e sinistro plano. Distribuiu o arsenico por três pequenos papeis, tendo a paciencia de os embrulhar como se da botica viéssem, e aguardou que a sua parceira «arredasse pé» da cozinha, o que não se fez demorar. A sorte, nesse dia, era propicia aos intentos do perverso. Mal a cozinheira transpunha a porta da rua, a caminho da quitanda, e elle já, de ponta de pé, ganhando a cozinha.

Collocou primeiramente um dos embrulhos na lata de tempêros; em seguida despejou o con-

teúdo de outro na caçarola em que fervia a sôpa, e ao passar pelo quarto onde se aboletava a Ignacia, e que ficava contiguo ao delle, espreitou para todos os lados, e, não vendo pessôa alguma, dum pulo se achou junto ao bahú de couro da desditosa rapariga e depositou num cantinho delle o terceiro embrulho, o mesmo que fôra encontrado na busca dada pela policia

Terminada esta triste e horrorosa revelação, o confidente, como quem tinha alliviado dos hombros um enorme pêso, suspirou e, fazendo um esforço, mais uma vez, pediu:

—Perdão, meu sinhô!...

O Velho Mafra, banhado num pranto commovedôr, fez communicar o facto ás autoridades, que corrêram a ouvir a confirmação da propria bôca do moribundo.

E quando todos os membros da familia, que fôram á presença do expirante concedêr-lhe o perdão implorado, deixaram o quarto, onde já reinava fortemente o cheiro da morte, o padre Moreira tornou a achar-se junto do leito do Fidélis e lançou a absolvição á alma daquêlle homem, que ao expirar, comprimindo angustias lacerantes, se revelára aos olhos daquella familia e dos homens da

lei o autôr dum crime hediondo, ignominiôso, pelo qual fôra injustamente supliciada uma mulher, cujas últimas palavras, antes de cair victima do baraço da justiça, foram: *Morro innocente* !

***

Ao divulgar-se na cidade a noticia do erro judiciario, foi uma consternação geral.

O nome da condemnada era pronunciado por por todas as bôcas como o de uma santa. Missas em numero consideravel foram mandadas celebrar por alma da que injustamente padecêra a pena de pagar o crime pelo crime.

Toda a sorte de penitencias vieram á scena com o proposito de desagravar a alma pura e limpida da Ignacia, que, na hora extrema, se soubera revestir de tamanha resignação. E de todas ellas a que rezultou mais tocante, mais excelsamente linda e mais grandemente admiravel foi a a que se entregou um dos juizes signatários da sentença que mandava supliciar a desafortunada.

O juiz, com a alma possuida dum grande terror,

abandonou o seu posto de alta hierarquia na magistratura, e foi residir solitariamente na obscuridade, na pequena povoação de S. Miguel. Ahi, nêsse logarèjo, fez construir uma capellinha, onde passava horas e horas a rezar, pedindo perdão para a sua culpa,—o êrro em que caíra pondo o seu nome sob uma sentença que condemnava uma innocente.

Foi lá, numa casinha, defronte daquella ermida caiáda, muito alva, como simbolo da Paz e da Innocencia, que ella morreu.

Chegada a hora fatal, apenas um pouco de raciocinio lhe restava ainda, mas era o bastante para que, fazendo abrir as janellas, e girando a encanecida cabêça para a capellinha, que elle edificára com tamanho devotamento, a contemplasse no último olhar e para que o seu derradeiro suspiro lhe levasse a alma,—alma dum justo que, errando uma vez, não trepidára em carpir as maiores angustias para se reconciliar com a consciencia, naquelle momento fragil, desfallecida, esvahida...

E com tudo o que os seus olhos podiam alcançar, o juiz arrependido expirava contemplando a sua igrèjinha, cujos sinos agora plangiam lugubremente, tristonhamente.

1903.

A Monteiro de Souza

O BATIDINHO

O Sol elevando-se no Oriente, brunia com os seus obliquos raios a ondeada superficie das aguas, que formava como que um fundo fantastico de luminosa prata ao quadro encantadôr que bordava a praia.

Perto os suspiros do gigante estremecido, a beijar ininterruptamente o formoso manto de arêa que cobre a praia, a qual devolvia em ricas galas, por entre centenas de barcos atopetados de laranjas e garrafões de tiquira, a fecundante caricia das ondas e a terna excitação de vividos effluvios.

Longe o rumôr da invasão elegante, o ranger dos «carros da roça» o tropel dos cavallos, a estridente vibração do tambôr, das armonicas e dos pandeiros, a «entrada solenne do Trancrêdo, cantando a «Revista do anno», tudo isso enchia o ar de confusas notas e imprimia ao sólo ritimicas trepidações.

O dia avançava. Já o Sol dardejava fortemen-

te, e terminara, havia pouco, a ceremonia relijiosa na Ermida.

Dum luminoso grupo, reunido no adro, destacou-se um par. Eram Rosaura e Levina, a gentil Rosaura glorificada pela sua arrogante formosura em plena florescencia, e a amavel Levina, tão fina de espirito como de contornos. Encaminhavam-se para a rampa, quando se encontraram com o Pedro Maneiro e o Zé Prisco, que desembarcaram do *Tupi,* o qual chegára com quarenta e seis horas de viajem.

O Zé Prisco indagou logo se havia animação, se tinha muita gente, se já houvéra rôlo e outras coisas mais, ao que ellas responderam ir tudo muito bem, e que só o que as entristecia era a falta dum «batidinho», pois no dia seguinte terminava a festa e nada... Uma gente sem gosto, concluiam.

O Pedro Maneiro garantiu logo que a coisa se faria, dêsde que houvesse gente, pois por dinheiro não fazia questão. Ellas que fossem escolher a casa e convidar o pessoal. Chegando ao adro os dois recem-vindos encontraram-se com o Franklin e o doutor Antéro, que lhes garantiram que o «batidinho» estava já organisado para as duas horas da tarde, mais ou menos, horas em que, por

uma forte calma, elles se poderiam transportar para o festim, sem receio de «encontrar familias». Iriam sem susto, que ninguem os veriam. O Filinto era o encarregado dos convites e o Armando o director geral do *Batidinho*. E despediram-se, ficando assentado encontrarem-se no festim.

Uma hora da tarde. O Felinto percorrêra já todas as casas onde se aboletavam as dançarinas, avisando-as de que ás duas horas em ponto começaria a função, sendo que o estrondo dum foguête de bomba real chamaria a postos; tres ditos, d'ahi a minutos, indicariam o começo da festança. Eram esses os sinaes convencionados. E foi cumprida á risca essa parte preliminar do programma.

O avarandado em que se realisaria o pagóde, preparado em fórma de anfiteatro, apresentava um aspéto ruidoso. Num primeiro plano os dançarinos (havia-os de ambos os sexos), no segundo os assistentes, em numero elevado, notando-se representantes de todas as classes sociaes, até «clerigos e juizes», como comentava ufano o Pedro Maneiro. Num tablado organisado á pressa, em forma de barracão, estava a orquestra, que, sob a regencia do Perez, e composta de violas e violões, requereques, maracás e pandeiros, tinha como executô-

res os mais abalisados rapazes, escolhidos pelo Alberto, que fôra tambem o arquitéto daquelle pavilhão.

A noticia do «batidinho» circulára já por todo o sitio, sendo por isso enorme o numero de invasôres. Ao Alberto sugeriu, á vista disso, uma «idéa magnifica»: Fez-se porteiro. Cada galopin que quizesse entrar pagaria «cinco cédulas», e o produto dessas entradas reverteria em favor da compra do *chanfre*. Haviam de vêr que daria «para duas caixas de cerveja».

O Armando, que ficára encarregado da direção geral do *samba*, tinha como auxiliares, além do Fe'into, o Zé Prisco e o Barrôso. Ia, dizia o director, «fazer como no theatro». Haveria tres actos, com tantas scenas quantas o espaço de tempo permitisse, não podendo cada pessôa dançante demorar se na roda mais de quinze minutos.

Tudo assim organisado, afinada a orquestra, selecionado o repertorio, o Armando fez tinir uma campainha. Era o inicio da função.

Sáe á scena a Rosaura, com a sua rechonchuda e dulcerosa figurinha, sendo recebida por uma

estrepitosa salva de palmas. Agradeceu com gesto, e, sinalando á orquestra, começou:

Adeus, caboclo indio,
estou feita no vadiar.
Minha senhora de que chora essa criança?
Chora de barriga cheia, chora de arriar.
Adeus, caboclo indio,
estou feita no vadiar.
. . . . . .

E, assim cantando viam-se-lhe os seios impudicamente desabrochados no decóte. Animava-se o *Batidinho*. Os pandeiros rufavam alvoroçadamente e retiniam. A Rosaura tinha agora como companheiras, a Zenaide, a Florinda e a Maria Vieira. O Armando, no auge do contentamento, saltára para a roda e, num bater animadôr de palmas, saracoteava com as rechonchudas pernas. E atabalhoadamente proseguiam:

Adeus, caboclo indio,
estou feita no vadiar,
Péga caboclo,
bota camiza p'ra dentro,
tenho ordem do mani-chupa
da Guarda Municipal.

Nisto o Armando faz tangêr a campainha, indicando «a mudança de scena». Uma chuva de aplausos fez que a Rosaura, sorrindo cheia de graça e brandura, cedêsse a praça e se antevisse «no caminho da gloria», na frase do Pedro Maneiro.

Mudados scena e repertorio, um festivo bimbalhar de sinarada, e um grande rumôr de palmas saudou a Bébé, que com a Levina e a madura Halina tomavam o lugar em que a Rosaura acabava de receber tantas ovações. E começaram:

Mulata quem te domina,
(côro) ó maneiro páu,
quem te faz andar assim?
ó maneiro páu,
Mulata no meu poder,
ó maneiro páu,
Não gasta senão setim,
ó maneiro páu.
. . . . . .

O Filinto andava adoidado, a perguntar aos assistentes se não achavam que a Bébé se saía na dança muito melhor do que a Rosaura, encon-

trando grande maioria em prol da «sua sabia opinião». E num algarar de vozes continuavam:

Era eu mais o meu mano,
(côro) ó maneiro páu.
. . . . . .
Elle não paga, nem eu,
ó maneiro páu.

Segundo quarto de hora. Entra a terceira scena, em que tomam parte pessôas de ambos os sexos. Personagens: Firmina, Eufemia, Vivina, Caóba, Nóca, Zé Prisco, Augusto e Filinto. Formados em ala, por entre ella vem a Firmina, que trazia á mão uma ventarola, reclamo do *Cambará*, e que servia de batuta. Antes de penetrar na roda fez uma ligeira allocução. Não viria á scena se não fosse o afavel rôgo da sua amiga Cóta, que lhe disse, e ella repetia sem modestia, ser a unica pessôa que se poderia desempenhar bem desse ponto. Sabia-a «peritima», pois no Amazonas era ella considerada a «Rainha dos batidinhos».

Portanto, concluia, vinha satisfazer a sua amiga, mas pedia toda a attenção para o exordio. Com

a mesma acolhida delirante da Bébé, o mesmo algarar de vozes, entrou:

Bôa noite, meus senhores,
(côro) Tan tan ran tan
Que é de *seu* Liberato?
Tan tan ran tan
Seu Liberato não está aqui?
Tan tan ran tan.
Para onde elle foi?
Tan tan ran tan.
. . . . . .
Seu Liberato é um canalha!
Tan tan ran tan.
. . . . . .
Mas eu vou p'ra S. Bento,
Tan tan ran tan.
Pr'a festa do Livramento.
Tan tan ran tan.
. . . . . .

As palmas e os hurras, que coroaram as ultimas gesticulações da Firmina, agora cançada e subjugada, tornaram-na delirante sob as caricias da Cóta, que lhe agradeceu, acrescentando que «ella ia cada vez melhor» e que era por isso que «o ita-

liano, lá de Manáus, não socegava dês que ella p'ra cá se veiu». Essa «era a verdade», concluia.

O Armando annuncia um intervallo duns dez minutos, ao mesmo tempo que o Filinto, seguido pelo Augusto e pelo Barrôso, penetraram no anfiteatro, sobraçando garrafas de *Pilsner* e *Brau,* de duas caixas compradas com a renda da porta. Não havendo cópos para satisfazer aquella multidão, o Pedro Maneiro propõe que se recrutem todas as cuias, canécas e tijelas existentes na visinhança, de modo que a demora na distribuição das «talagádas» não «borrasse o capitulo».

E as garrafas vasias amontoavam-se, ao passo que as cheias appareciam como que miraculosamente. O Filinto sentia-se feliz em poder introduzir no meio dellas «alguma bisca», tal como uma garrafa de *Munim,* uma outra de *drinque,* o que concorreria para «melar o povo» e «animar a festa».

E realisava-se o vaticinio do Filinto. Um bando farfalhante de saias invadia o centro do anfiteatro, num côro de gritos e gargalhadas, ditos chistosos, alcunhas.

Numa pequena roda a Levina e a Bébé commentavam:

— Ora a Eufêmia! Quem haveria de dizer?!

Lá no *Silva Santos*, e já no *Marciano* mesmo, com aquelle vestido mal amanhado de chita côr de rosa, do bate-enxuga de todos os sabados, e hoje apresenta-se assim entre nós!

—E já tem alguma coisa, acrescentava a Bébé; tem rosêta de argola e sandália bordada... Quem será o pato?

—Ora, quem será...Isso nem se pergunta. Caixeiro viajante, caixeiro viajante, responde a Bébé.

—Não viste a Paraná? Até de carro andou! E' assim este mundo. E viva a pandega! Agora o que eu garanto é que aqui ella não dansa. Não admito que uma sujeita da força della venha aqui impingir que sabe dançar. Ou eu faço isso, ou não me chamarei mas Levina.

Lá isso é, concordou a Bébé. Aqui é só p'ra turunas.

Outra que não me entra aqui é a Mariana. Debochada que ella é! Não parece tão velha! Pensa que ninguem sabe que ella pinta a cabêça. Não a viste, tamanha sete horas do dia, deitada ali na beira da estrada numa rêde com o Pinto Estoiro?!

Isto é publico aqui já. Uma devassidão ! concordou a Bébé.

Um toque retinido de campainha veiu interromper a conversa das duas e terminar a confusão que ia no anfiteatro. Um silencio relijioso mesmo chegára a estabelecer-se. Era o Armando que chamava a postos para o ultimo acto. Dansam todos, gritou ! (Aplausos das galerias). Nisto pula em scena a Eufêmia, numa desenxabidez inaudita, saracoteando-lhe nas orêlhas rutilantes brincos.

—Fóra, fóra ! gritaram unisonos os assistentes. Fóra, fóra a branca fobáda ! Venha a Rosaura ! Venha a Bebé ! A Firmina !

A Levina manobrára tão bem que provocára no auditorio essa antipatia pela Eufêmia.

E a apupada, atarantada e pálida, deixou a roda.

Então salta um vulto a bolear, torcendo se em denguices. Era a Gordinha, que, dizia ella, ha de zannos que não via um *Batidinho* tão a seu gosto como aquelle e que por isso se influira. Outro vulto cáe na roda: Era a Rosaura, que com um rubôr de braza na face morena, ia puxando pelo braço o Zé Prisco, que se deixava levar, e bailaricava tambem. Entra-

ram a Bébé, a Florinda, seguidas por todas as outras, até mesmo a Eufêmia.

E era agora uma sarabanda boleada de quadris, a porfiar desbragadamente, ininterruptamente. Era um desnalgar de dançarinos. O Pedro Maneiro, sentado num banco, bamboava as pernas e esfregava entusiasticamente as mãos. A Gordinha acenou á orquestra, e entrou:

Tomba o carro na ladeira,
(côro) O' tombadôr!
Não deixa o carro cair,
O' tombadôr!
sem eixo, nem parafuso,
O' tombadôr!
tomba o carro na ladeira,
O' tombadôr!
tomba aqui, tomba acolá,
O' tombadôr!
. . . . . .

E' indescritivel o ruido brilhante por que foram saudados os ultimos canticos e os derradeiros requebros da Gordinha. Na azeitona translucida das pupilas da Rosaura faiscou um relampago de contrariedade, logo dissimulada, pois ella tambem

fez côro nas ovações á Gordinha, que teve como coroamento á «sua maestria» uma garrafa de Champanha derramada nos seios. Fôra «uma surpresa» do Franklin.

Terminára o festim. Chegára a hora de quem quizesse aproveitar-se do luar regressar a cidade.

Era agora o dispersar e os comentarios.

O Alberto afirmava que a *Paraense*, que ha tres annos causára furôr naquêlle santo lugar, como a melhor dançarina, estava muito aquem da Bébé. E rematava:—Deixem eu dizer uma coisa a vocês:

— Esse arreganho e essa confusão toda, que estão fazendo com a Gordinha, é palhaçada. E' só porque ella veiu do Amazonas. A Bébé, e mesmo a Rosaura, valem mais do que ella.

—Bravos, bravos, *seu* Alberto, você pensou comigo, exclama o Pedro Maneiro, que, com o Barrôso, se chegára ao grupo. A Bébé, a Bébé! Mas a coisa esteve mais do que bòa, —esteve supimpa! E amanhan novo *batidinho*. Ha de haver aqui já pouca gente, *vadeia-se* á vontade.

O doutor Antéro noutra roda, afirmava que se houvesse um premio, e elle fosse o presidente do juri, conferi-lo ia á Gordinha.—Ella deu a nota, deu a letra, concluiu o doutor.

—Qual, doutor, dirigiu-se-lhe o Alberto, você é despeitado. A Bébé vale mais, só quem quer escurecèr é que diz o contrario.

Nêste momento ouve-se um relinchar estridente de cavalos. Era uma tropa, que, pateando ruidosamente o sólo, e deixando atrás uma espessa nuvem de pó, lenta e rumorosa, abandonava o suburbio em demanda da cidade, por entre a areenta estrada da Moropoia, onde, além d'outros arvorêdos, surgiam a ramalhar frêscos e rosados pela tarde os lequeados coqueiros e anajazeiros.

Dispersadas as pessôas que haviam assistido ou tomado parte no *Batidinho*, formam-se novos grupos em locaes diversos.

Aqui, cablocos quinquagenarios beberricando a sua «talagáda de *munim* e chupitando os seus cachimbos de enormes taquaris, deixavam a alma expandir-se no mais dôce e consoladôr regosijo. Ali, a um canto, crianças pinchavam, fazendo as castanhas saltitar para a «róda» numa corrida vertiginosa, incessante. Mais além, sob amplo e verdejante caramanchão, um grupo de moçoilas, uma bella rapariga, tendo o resplendôr dos seus olhos a negrejar infinitamente no moreno rôsto, cantava maviosamente, acompanhada pelo Perez, a dê-

dilhar no seu sonoro e afinado violão, a canção da moda, do «anel da fama»:

Rosa formosa, eu te adoro louco,
Amôres são tantos que não sei dizer;
Se eu sonhasse, um dia, que tu não me amavas
Mesmo nessa hora quizera morrêr.
.....

E assim continuou noite afóra o mesmo seductor e alegre rumorejar de que ao caír da tarde se enchèra o suburbio. Envolviam-o e doiravam-o agora algidos e enluarados céus crivados de estrellas...

1902—Julho.

A Tótó Branco

VIOLENCIA

Já as primeiras sombras da noite avançavam sobre as claridades do dia que terminava; era uma tarde invernosa,—humida e triste.

Findára o trabalho.

Duma grande porta, cujo gradil, era agora aberto de par a par, saíam grupos de moças com os cabellos cheios de felpas do algodão, que acabavam de fiar e tecer.

Encaminhavam-se ao lar domestico, depois de haver pago o tributo do dia. Abandonavam hoje o trabalho, para empreendê-lo amanhã novamente, sempre alimentando a mesma esperança de melhores dias, sempre com a illusão dum futuro risonho...

Os grupos dispersavam-se, tomando as operarias direções diversas, quando uma joven, um pouco pálida, melancolica, meiga e de simpatia insinuante, que aguardára o tempo necessario a saída das suas companheiras, abandonou os teares. O seu semblante não refletia, como nos dellas, as

alegrias do espirito. Acreditar-se-ia que ella levava na alma as tristezas do infortunio e no coração as amarguras do sofrimento.

Era Vicencia, uma operaria que trabalhava em quatro teares.

Quando todas as tardes saía do trabalho, Martinho, o seu enamorado, esperava-a na parte externa do edificio da fabrica.

Vicencia era honrada, mas estava condemnada a cair. E caiu, seduzida pelas palavras do Martinho, a quem amava com os delirios duma paixão violenta, preferindo-o ao Carlinhos, seu namorado e companheiro de infancia.

— Sómente o que sinto, disse ella uma vez ao Martinho, é que não nos possamos casar, por causa da tua familia, que, *disque*, é nobre.

—Isso, porém, não será obstaculo para que não me queiras, retorquiu lhe o Martinho, sem perceber o *disque* com que ella precedêra o qualificativo.

—Nunca!... Amanhan me abandonarás e já nenhum laço me prenderá á quelle a quem eu tanto bem quiz.

—Que queres dizer com isso?

—Nada. Não sei...

Duravam já tres annos as relações de Vicencia com o Martinho. Era o periodo dos amôres apaixonados, dos entusiasmos que precedem a borrasca da alma.

Vicencia era muito querida dos seus paes, bôa gente, trabalhadora e honrada. Ella tambem os estimava muito, com o carinho de filha docil e cheia de mimos. Apezar disso, na edade de 17 annos, havia-lhes causado um não pequeno desgosto. Dizia a quantas pessôas a queriam escutar que elles a maltratavam, surrando-a atrozmente,—o que não era exacto. Os delirios da sua imaginação já enferma é que lhe davam motivo a calumniar os seus projenitores.

Com o aparecimento desta crise, ao alvorecer dum bello dia, não encontraram a Vicencia. Não obstante estranharem a saída della para a fabrica sem receber a benção paterna, não se puzeram em cuidados, senão á noitinha, quando não a viram aparecer. A policia foi inteirada e os jornaes narraram o sucesso.

Tres dias depois Vicencia voltava a casa, desculpando-se com a sua amiga Joanna, que a levára a passar aquêlles dias com ella num sitio ao Ou-

teiro da Cruz. E os paes de Vicencia acreditaram-na.

Foi o começo das suas relações intimas com o Martinho. Tinha o desejo da exhibição, e sentia-se orgulhosa de que as suas companheiras de trabalho não tivessem por namorado *um fidalgo*, como o Martinho, que trazia o apellido de uma familia illustre, embora no seu intimo ella duvidasse da hierarquia do mancêbo.

Nessa tarde o Martinho esperava-a, havia já muito tempo, para conduzi-la ao lugar já costumado. Vicencia, vendo-o, apressou o passo, como que querendo fugir delle.

—Vicencia, aonde vaes? perguntou lhe o Martinho; e, como ella não respondessse, seguiu-a até que, ao alcança-la, deteve-a pela mão.

—Porque fojes de mim?

—Deixe-me, senhor, por favor!

—Por que me tratas de senhor? Que significa isso?

—Não sei. Deixe-me!

—Mas que tens! Estás doente ou zangada?

—Sim, estou doente e zangada. Sinto uma dôr, umas pontadas no coração... Além disso... está já tarde, vem muita chuva...

—E porque estás zangada?

—Não estou. E' uma agonia, e nada mais o que me aflige...

—Vamos, explica-mo já. Querem vêr que já déste volta á cabeça e não queres mais saber de mim?

—Sim, é verdade! exclamou Vicencia, ardendo em ira. Não o quero mais, não quero vê-lo mais, aborreço-o!

—E porque me aborreces?!

—Não sei. Tenho agora necessidade de odia-lo, como dantes tinha de querê-lo.

Começava a chover, o que facilitou a Vicencia o meio de se desenvencilhar do Martinho, que ficou pensativo, raciocinando sobre aquelle facto tão incompreensivel.

Fazia já noite, e a chuva, a principio finissima, quase inpercetivel, aumentava agora, estendendo com a sua monotonia as tristezas da noite. E o Martinho, chapinhando na lama, recolhia-se a casa.

Vicencia, cujas sombras da alcova eram illuminadas pelos relampagos, não podia conciliar o somno. Procurava reflectir sobre o que havia dito

ao Martinho, mas não conseguia coordenar as idéas.

Só sentia desejos de matar e estrangular o *fidalgo*. Dominava-a uma grande inquietação. Movia-se dum para outro lado da cama, sendo a excitação cada vez maior. A inquietação crescia a todos os momentos, revestindo caracteres desesperadores. Revolvia-se no leito, agitando-se como que em espantosas convulsões. Todo o seu corpo tremia, estorcia-se estirava os braços e as pernas, trincava os dentes, contraía os musculos e ficava rigida como um cadaver.

Depois de passar nesse estado cêrca duma hora, começou a gritar estridentemente. Acudiram os paes e visinhos. Mestre Amancio, o infeliz pae da operaria, saíu á procura dum medico, voltando sem haver logrado encontrar um que fôsse. Que fazer numa tão horrenda noite ?! Remedios caseiros, remedios caseiros, concluiu o Mestre Amancio, depois de desilludido de encontrar um facultativo. E tornou a casa.

Lá chegando encontrou a Vicencia já calma, mas sem sentidos. Nhá Pulqueria, a extremosa mãi da enferma, chorava e desesperava-se, ao vêr a sua filha no meio daquella dôr, nos espasmos do

sofrimento. A visinhança havia já enchido as mêsas da alcova da paciente de remedios de toda a especie. Eram pires com azeite de carrapato e cebolinhas brancas, vidrinhos com éther em pequenas dóses, algodão queimado, aguardente com fumo baependi, enfim toda a qualidade de mezinhas, que, diziam, haviam curado a Fulano, a Cicrano, atacados da mesma molestia.

Tendo a Carlota do mestre Antonio observado ser agravante ao mal aquella aglomeração num tão pequeno recinto, concordaram todos em saír para a varanda, onde estariam á vontade.

—Logo que ella se mêxa, ou tenha novidade, chame-nos, observou a Carlota á mãe de Vicencia.

Reunidas na varanda acharam-se mais a comodo. A Carlota assumiu o posto de dona da casa, pois a sua comadre Pulqueria, dizia ella, não sabe nada de si com esse desastre.

A Benedicta Bem-Bom, dizendo-se muito triste, por estar sem o seu marido (o cachimbo), teve o prazer de ser obsequiada logo pela Carlota, que lhe observou muito cuidado, pois o «taquari estava com vontade de rachar». A Clara Peixeira propoz que corresse o café, visto que o frio estava batendo. Todas aprovaram, menos a Carlota, que,

muito escrupulosa, temia que a comadre visse nisso um presagio máu, pois pareceria um quarto de defunto. Concluía essa observação, quando o Amancio chegou á varanda, pedindo que passassem uma chicara de café para o Gregorio, um seu amigo entendido em negocios de homœpatia, que chegára, havia pouco, para examinar a doente.

Todos perguntaram, unisonos, como ia a Vicencia lá pelo quarto, se já tinha voltado a si, ao que o Amancio respondeu que tinha agora todas as esperanças e concluiu:

—Verão que resultado, que espanto!

E voltou ao quarto na desnorteada antevisão do triunfo do relijioso Gregorio.

Então a Carlota cuidou do café, enquanto as outras travaram conversação. A Maria do Joaquim Portuguez opinava que era melhor casar a Vicencia, pois na sua opinião aquillo era histerico, e ella não conhecia para isso outro remedio...

—Casar com quem?! pergunta a Luiza do Macario. Isso agora não é tão facil como julgam. Quem a mandou abandonar o Carlinhos, que lhe tinha amizade, por causa desse branco, que nem aqui aparece agora, que é preciso?

A Clara Peixeira dizia não ver vantagem no

casamento. E, ao demais, quem se casaria agora com a Vicencia, que já estava desmoralisadissima ?

—Bem-bom ! exclamou a Benedita. Seu Carlinhos está lambendo-se para o chamarem de novo. Elles que o chamem.

—Quem ? Seu Carlinhos? pergunta a Carlota. Então vocês não sabem da desfeita que elle soffreu ? O que me admira é como a comadre tem mudado nestes tempos, a ponto de estar pensando que o branco ia casar. O que elle queria era tomar gosto.

— E como tomou, acrescentou a Luzia do Macario. E agora o Carlos diz que é *carpina* e não *pedreiro*.

—Então já, visinha ? ! perguntou admirada a Anna Eleuteria. Ella bem que não deixava de ter a sua desconfiançasinha. Com a sua perna côxa, o que a impedia de andar depressa, vira (quantas vezes !), quando buzinava de manhã cêdo, e que ella tinha de ir á praia receber o quinhão do seu compadre Odorico, o Martinho que, de par com a Vicencia, se embrenhava pelo lado da Cambôa, isto tão cêdo ainda que «nem na fundição havia dado o primeiro apito».

—E quaes eram os culpados?! perguntava a

Carlota meio sufocada pelo fumo do café, que «cheirava até na rua», conforme observou a Bem-Bom. A mãi della, respondeu, a «minha comadre», que não tem olhos. Então não via logo em que havia de dar esse negocio da Vicencia sair para a fabrica, quando ainda estava tudo escuro e só voltar á tarde, quando já estava de novo escuro ? !

—Vocês querem saber a minha opinião ? perguntou a Clara Peixeira. O melhor medico que aqui poderia vir era *nhá* Conceição. Dos cuidados della é que a Vicencia já está precisando. Convém ir endireitando a cousa desde já...

Haviam já todos sorvido o almejado café e, como começassem a somnolear, iam-se retirando, dizendo estimarem não haver novidade de maior.

Qualquer cousa que houvesse, não fizessem acanhamento, era só chamar. Viriam, debaixo de chuva, embora.

E fóra a chuva caia lentamente e os relampagos illuminavam as sombras da alcova em que, esticada, sem sentidos, os cabellos em desalinho, estava a pálida figura da infeliz Vicencia, que tinha agora os labios queimados pelo ether e por outros antidotos que lhe haviam sido aplicados para restituir-lhe os sentidos.

Passaram-se tres annos depois da noite em que Vicencia fôra atacada pelo histerismo, que a prostou sem sentidos doze horas.

Não é mais a pobre operaria de quatro teares. Reside num dos mais pintorescos suburbios da capital com Calcida, uma filhinha, de quase tres annos de edade, fruto do seu feliz consorcio com o Carlinhos, que a desposou quatro mezes depois da terrivel noite, não por necessidade de casar-se, mas para mostrar ao Martinho que de homem não se faz pouco...

O Carlinhos está agora em excursão pelo interior do Estado. E a linda Cacilda é o mimo do suburbio. Querem-lhe todos muitos bem, especialmente o Martinho, que todos os sabados á tarde vae para passar o domingo naquelle aprazivel lugar.

1902—Maio.

A MARTINS BESSA

A festa do Sevéro

Eram já onze horas da noite. O Severo festejava nessa data o seu anniversario natalicio, na sua residencia, no caminho do Apicum. Houvéra ladainha, cantada pelo Raimundo Favinha, seguida por uma ligeira «prática» do Salú. E no corredôr faziam as delicias dos convivas quatro musicos: o *mestre* Aurélio, no clarinête; o Pantaleão, na rabeca; o Lino Morcêgo, na flauta, e o Antoninho, com o seu *pistão de prata*.

Dançava-se na sala e no quarto (a casa era meia morada). A varanda estava impedida com uma mêsa, repleta de variadas e suculentas iguarias. Eram mestres-sala: o Domingos Farófa, na sala, e o João Paraense, no quarto.

Haviam já dançado uma quadrilha.

A rapaziada, com a garganta de quando em vez reconfortada por alguma golada das multiplas qualidades da sortida adéga, que funcionava num

quartinho ao lado da cozinha, e sob a direção do Gregório, gritava á proporção que obedecia aos mandos do Farófa e do Paraense.

Fazia o *clou* da festa a Martinha, a mulatinha dos cabellos ondeados e do rôsto rechonchudo, que da Maióba viéra á cidade com o fim único de assistir a festa do anniversario do seu tio. Zumbaias, requebros e homenagens, tudo era para ella, que recebia com emoção, dando involuntariamente motivo a fazer rebrilhar o ciúme nos olhos das outras que lá folgavam, especialmente a Marcelina, que chegára mesmo a dizêr que «só se ella não aparecêsse no Marciano»; lá, ella haveria de «rachar» e «esquentar cadeiras» a valer.

Ia-se dançar a segunda quadrilha; e, para maior realce, o *mestre* Aurélio escolhêra uma composição do Lavradôr da Serra, uma quadrilha de sopetão, como a chamava o Antonio *Pistão de Prata*. Deram a prevenção e formaram todos, o Farófa tendo por dama a Martinha. A orquestra violinou a primeira parte; e o Farófa, procurando chamar o seu entusiasmo ao maior auge, vociferou:

—Sentido, cavalheiros! *Alavan! Outro fá!... Turdemi! Balancê! Minguche: Balancê!* Preenche a parte, rapaziada! Gipirita e repulêgo! Olha o *vite*

granché p'ra direita! Olha a inveja!... No compasso da vióla: carambola! Sentido! Segue! *Returné! Sem fini!*.

Uma estridente salva de palmas, partida do lado dos assistentes, atroou por toda a casa, indo o Severo dar um abraço no Farófa. Assim era que elle gostava duma marcação, toda «cheia de pericias e rica de manobras». Que fôsse assim a segunda parte, e elle faria abrir mais cervêja, da *frapé*.

O Romário tambem cumprimentou o mestre-sala. Gostára muito da marcação. No seu tempo chamava-se «marcação mixta com apimentação», o que afinal de contas vinha a ser, sem mais nem menos, a «tal americana» de hoje, dançada garbosamente na alta sociedade.

A um sinal do *mestre* Aurélio, o Pantaleão, tamborilando com o arco do violino sôbre a estante, bandolinou o instrumento para verificar a afinação e gesticulou a entrada da segunda parte, ao mesmo tempo que o Domingos dava comêço á marcação e acompanhava castanholando os acórdes da música. Dando o braço á Martinha, seguia o *Promanâ*! Completado o «Promenade», ordenou: Sentido! Primeiros cavalheiros: marcação simples! *Outro fá!* Cruzeirinho de amôr! *Travessica* e *balancé! A cé*

pláci: turdemi! Olha o trazás para a direita! Segue! *Returnê!* No compasso da musica: Cruzeirinho! Mais uma casquinha, p'ra *terminar!...*

A manifestação ao terminar a segunda parte foi ainda mais estrepitosa do que a anteriôr. A Martinha apresentava uns olhos rutilantes de prazer, deixando com o suor que do seu collo á mostra se evaporava pelo ambiente, um odôr inebriante de oleo de baunilha, bem como dos cravos apensos ao galho de alecrim que, em ramalhête, lhe enfloravam a cabêça. O Farófa não a largava mais do braço e foi sobraçando-a que, depois de obrigá-la a sorvêr uns tragos do cópo de Bräu, que o Gregório lhe trouxéra, golejou, lambendo a espuma que lhe ficára no espêsso bigode.

Nas duassalas pululava um contentamento fulgente. A orquestra ronronhou a terceira parte. Os instrumentos retiniam mais estridentemente; a grulha entre os dançantes era maior.

—Cerra! bradou o Farófa; e, na pausa que fez, ouviu-se, vindo da outra sala, o éco da voz do Paraense: *Balancê!* Olha o *caramujé!* ordenou o Domingos. Entra! Revira! Cerra pela outra ponta!... *Returnê!* Avança, Maria! Fôgo no Matias! *A ce placi: turdemi!* Atenção! Cavalheiros da direita:

puxa á esquerda! *Balancê! Chan di dame! Vite granché a visaviz!* Mais uma quebrinha, minhas meninas! *Pramaná p'ra finalizá!*

—Bravos, bravos! Muito bem! gritaram todos.

—Sublime! exclamou o Romário. Isto é que «marcação mista», no mais é historia... E que bello que fica! que entusiasmo que causa! E ainda vem o sr. Albuquerque Mello proclamar que as quadrilhas devem ser marcadas em «puro francês», como réza lá um tal *Chapa e sal*, que elle diz possuir! Não tem *chapa*, nem *chá* com *sal*, nem nada! E' o «misto», e mais «misto»! Tóque cá nêstes ossos, *seu* Domingos, e apimente mais ainda!

—Meus senhôres, exclama o Farófa, proponho que o nosso bom amigo o sr. Sevéro venha dançar a quarta parte!

Bôa idéa! Muito bem! Ha de dançar! gritaram todos.

E retumbaram por todos os recantos da casa as aclamações ao festejado, o Zé da Cambôa, correndo pressurôso a oferecêr-lhe o *seu* par. O Sevéro obstinou-se em não accedêr. Não era mais homem para aquellas violencias; o seu tempo passára com os festêjos de Santo Antonio da Palma e S. Pedro da Bôa União. Ademais, no seu pensa-

mento arrefecêra-se já a lembrança das bôas pandegas dos tempos que não tornam mais...

Em todo o caso... estava pela vontade dos seus amigos. Pedia, porém, ao Domingos que a marcação fôsse o mais «janambúra» possivel.

—Bravissimo! apoiado! *Mestre* Aurelio, fôgo na cangica! ordenou o Paraense.

E começaram.—*Atención!* bradou afectadamente o Farófa.

—Não senhor, *seu* Farófa, gritou o Zé da Cambóa; não empole o termo, fale direito!

—Atenção! emendou o Domingos. Primeiros cavalheiros: *Porte cé dame! Alavan! Cê pê! Aviza-viz! peti-róde! Balancê* e *turdemi! Trúa, trúa*, rapaziada! Segundos cavalheiros: imitação! *Baiancê*! Cruzeirinho do bello sexo!

—Bonito! bonito! gritou entusiasmado o Zé da Cambôa.

—Cerra! continuou o mestre-sala. Olha o *caramuje*! O sr. Sevéro, com seu par, ao centro! Ao som da musica: viva o sr. Sevéro!... Viva o mulatãme cheirôso! Viva a orquestra!... Mais uma casquinha!... Olha o *a cé pláci* e *turdemi*! *Sem fini* de contradança!

Novas palmas estalejaram mais profusamente.

O Zé da Cambôa, inflando de alegria, foi ao corredôr e, arrastando pelos braços o Pantaleão, fê-lo sentar-se ao centro da sala e gritou:

—Senhôres, atenção, que lá vai um inproviso! Acompanha, Pantá! disse. E o rabequista, erguendo o arco, fez rinchavelar o maviôso instrumento.

—Lá vai obra, atenção!

O *seu* Sevéro dançando
Janambura e a balão,
Dá-nos muita recordação
Do velho Zé Peneirando.

—Fiáu! Fóra! Sáe! Este não é delle, é do Luis Pinto! Não tem sal! Fiáu! fiáu! Isso é fôrça de agua, é carraspana! *Seu* Pantaleão, no seu lugar!

E por uma infrene assuada, sairam do recinto recitadôr e acompanhante.

—Só faltava seu Cambôa vir com esse «misto» para cá, disse o Farófa ironicamente, olhando de soslaio para o Romário.

—Compreendo, *seu* Domingos, compreendo a tróça, diz o Romário. Não me zangarei, entretanto; tenho, porém, a dizer-lhe que a sua marcação é

«mista,» e que igual a esta, dêsde que Cincinato Côxo deixou o pôsto, nunca vi uma que me satisfizesse tanto como a sua.

—Rufa o pinho e tóca mansinho! vociferou o Sevéro, que agóra arfava de contentamento. A dança revivescêra-lhe o entusiasmo e o homem saltitava alegre e radiante.

Corrêram todos os dançantes aos seus postos, máu grado o fiasco do Zé da Cambôa, o qual sem se dar por achado, prometêra aguardar-se para, na primeira oportunidade, tomar uma desforra, do João Paraense principalmente, que elle considerava o inspiradôr de toda «aquella patifaria» de que elle fóra victima.

Deu-se principio a quinta e última parte da «quadra».

—Firme! mandou o Farófa. Cerra! Abre a róda, abre a róda, rapaziada! Olha o *trazás*! Segue á direita!

E com as mãos batia o compasso, dizendo a cada instante:

—Segue! *Sangê!* Atenção! Damas dentro, cavalheiros fóra: Anjinho e cruzeirinho, ao mesmo tempo! *A cé pláci: Turdemi! Gran* roda! Caminho da roça! Olha o bicho: vamos p'ra cidade! Segue o

gran galope á *retú !* Balancê com *vizaviz ! Turdemi ! A cê pláci*, balanço ! *Trúa, trúa*, rapaziada ! Cerra ! Vamos ao paraense !

E, galopando, seguiram para a sala em que se dançava ao mando do João Paraense.

—Cerca ! Abre a roda ! Cerra, cerra ! Não deixa partir ! Gira á direita !... Segue o vite ! *Pramaná* ! *Guarani*, primeira fórma: *Peri te amarra !...*

A orquestra parou. Estava terminada a quadrilha.

Reinava uma confusão convulsionante.

O Farófa tinha as costas doridas e as mãos avermelhadas pelos abraços e cumprimentos recebidos, por causa da vivacidade que déra á dança. Estava radiante de contentamento, e sentára-se ao lado da Martinha, a conversar.

O Sevéro convidava para a mêsa. Precizava-se, dizia, de reconfôrto, para não esfriar o estusiasmo reinante, mesmo porque a terceira quadrilha seria de espavento.

As raparigas, metidas nos pannos, tomavam assento na mêsa e os rapazes, na adéga, «endireitavam a gravata». O Paraense recommendava que se providenciasse de modo a não ficar a mêsa com trêse pessôas. A Martinha recuzára-se a to-

mar parte no banquête. Estava muito cançada, allegava, e, como era quase de casa, aguardar-se ia para a segunda mêsa.

Começaram a servir. Era immensa a variedade das iguarias. Havia dêsde o apimentado carurú até ao perú de papo recheado. O arrôs de fôrno viéra para a mêsa na propria «frigideira» de barro em que fôra temperado e assado. A mesma coisa fizeram com os leitões (havia três) e com os quartos de carneiros. E o Romário lastimava haver «tanto ferro para tão pouco aço»: ali comeria um batalhão e ainda havia de restar muita comida! Passaram á sobre-mesa: baba de moça, bananas em calda, dôce de murici, goiabada e bacuri, em massa e em calda, distribuidos por uma bôa duzia de «compoteiras.»

Chegára a hora dos brindes ou das «saúdes,» como queria o Romário que se dissesse, e ao lado da cadeira em que se sentára o Sevéro, assomou, espalmando as mãos sobre as pontas da mêsa, o João Paraense. Começou dizendo que ia pedir uma «saúde,» não ao dono da casa, cujos méritos, que todos reconheciam, a outras mais competentes do que elle oradôr cabia enaltecêr. A sua «saúde» era para o seu collega mestre-sala, que

tanta alegria causára naquella noite,—o sr. Domingos, cuja presença exigia ali junto á mêsa.

—Apoiado! Venha o Farófa! bradaram.

E corrêram todos á busca do Domingos para recebêr as ovações. Surprêsa geral! O mestre-sala não era encontrado. Azulára, conduzindo consigo a Martinha.

Começaram as exprobações, a maior parte dellas feita pelos que minutos antes se mostravam os maiores admiradôres do Farófa.

—Não façam caso, não s'importem, disse o Sevéro; o rapaz foi arejar...

—Protesto! gritou o Zé da Cambôa. Aquillo era uma reunião quase familiar, e elle não admitia que *seu* Farófa procedesse como se fosse no Marciano, no Silva Santos ou no Burgos.—O homem abusou da sua casa, sr. Sevéro. Reaja!

—Para que ir com tanta sêde ao pote? Então a pequena, apezar de arisca, não póde ter a sua afeição?!

—Não deixa, Farófa! Passa-lhe a rasteira! gritaram do corredôr.

Os dois mestres-sala estavam atracados na porta da rua. Sopapavam-se valente e mutuamente.

O Paraense, suspendendo o brinde, fôra á pro-

cura do Farófa, e este, supondo que o outro o havia ido espiar, julgou se exautorado e pespegou-lhe uma bofetada estalejante. Disso proveiu o grude. O Zé da Cambôa, aproveitando-se da occasião para tomar desfórra da vaia que lhe deram, quando recitava, apagou a luz do corredôr. E o pau cerrou. Cadeiras quebraram-se, mangas de vidro dos candieiros voavam em estilhaços, a caixa da rabeca do Pantaleão foi arremessada á parède da casa fronteira. O Romário apitava pela policia, que não vinha. O Raimundo Bordão, porteiro, afirmando-se no seu inseparavel cacête, debalde clamava pelo silencio. A vizinhança protestava com vehemencia: eram horas mortas e aquillo era um encommodo; o Zé Patuscada jurava contar tudo, no dia seguinte, pela *Pacotilha*, pois considerava um grande abuso realisar-se um baile duvidôso naquelle bairro, onde moravam tantas familias respeitaveis.

Finalmente, o salseiro, depois de durar um bom quarto de hora, foi apaziguado. Dispersaram-se os convivas e os motineiros. O Sevéro, com o Gregório e o Romario, e alguns rapazes dos mais serios, fecharam-se naquelle ambiente bachante e foram cear descansadamente.

Fôra o diabo, commentava o Sevéro. Borra-

ram-lhe o capitulo! O seu nome na *Pacotilha* era o mesmo que sepultá-lo vivo! Não podia tolerar! Iria, logo ao amanhecêr, pedir desculpas aos vizinhos; humilhar-se-ia o mais possivel, contanto que não ecoasse pela cidade «aquella nota nêgra», que viéra tisnar a sua festa.

—O que houve de mal já se passou, meu caro, conjecturou o Romário. Amanhecendo, ninguem se lembrará do acontecimento. Presentêa toda a vizinhança logo cédo, pois ha ainda muito «defunto e anjo,» isto é, assados e dôces. O agrado é o principal factôr das grandes relações de amizade! sentencionou.

—E' certo, Romário; lembraste bem. E' o que eu vou fazer: «anjo e defunto» com elles. Nem falemos mais no caso.

E o Gregório fazia espumejar a cervêja. Comeram e beberam a fartar, e adormeceram, vencidos pela fadiga e amortecidos pelo alcool.

Um clarão dos raios auroraes, penetrando pelo rotulamento aberto da varanda da casa do Sevéro,

espelhou irradiantemente os rostos desfigurados e lacrimejantes daquelles festeiros, apresentando um quadro bellissimo.

E o éco do sonoro apito da Fabril movimentava toda a cidade,

Eram seis horas da manhan.

1903.

A Viriato Corrêa

A PROCISSÃO DO REDENTOR

O Antéro Côxo, metido na sua opa branca, bamboleava-se ritmicamente, ao som da marcha funebre, que a fanfarra executava. Era elle quem rompia o religioso prestito, dando-lhe esse direito a saliente posição que occupava na irmandade promotora da *Via-sacra* por alma das pessoas que haviam pertencido, não só a ella como ás confrarías dos demais santos, que se veneravam na ermida donde saía a santa ceremonia.

Na frente, uma cruz, ladeada por clerigos, e logo após, num andôr, a imagem do Bom Jesus Redentor das Almas.

A cada esquina a que chegavam os que, ungidos da mais profunda consternação, choravam os que lhe eram caros, uma campainha de som rouquenho badalava, e todos se ajoelhavam, a ouvir o sacerdote na tocante adoração.

Estação 3.ª ! dizia o padre. *Esta Estação...* E lia o misterio, seguido de Padre-Nossos, Ave-

Marias e Santa-Marias, que o povo acompanhava em côro.

E assim seguiam, de Estação em Estação; em cada qual maior numero de fieis se juntava á procissão.

Chegavam a uma praça. A lua projetando a sua claridade argentea sobre a negra cruz, fazia que se destacasse bem nesta a alva toalha representante do sudario santo que envolveu o Martir do Golgota. E seguiam. Cada vêz mais crescia na multidão o sentimento da Fé. O numero de fieis que compunham o cortejo era agora o centuplo do que quando elle se formára. Já a bamboleante figura do Antéro não era vista facilmente.

Percorreram o itinerario previamente traçado, treze Estações, e chegavam á ultima. A egreja era infinitamente pequena para contêr os penitentes. Um sacerdote tinha que predicar sobre a adoração ás almas, e, daquella porção de gente ali aglomerada, nem a terça parte poderia ouvir. Então rezolveu-se estacionar no adro da egreja. Ahi celebraram a decima-quarta e ultima Estação. A campainha deu sinal; todos se ergueram, na mesma dôce emoção de dôr que o acto lhes causára. Um frade capuchinho assomara ao pulpito.

—Que suave e meiga ventúra! dizia o Antéro, ouvir um sermão em pleno ar livre, por um luar tão bello!

Da torre o tristonho badalar a finados, que abafava o som da campainha, que ha pouco conclamava os fieis a curvarem-se, tambem não mais se ouvia. O frade já se havia benzido, e, para dar principio á pratica, aguardava que cessasse o borborinho entre a multidão.

Os irmãos, em alas, com cirios numa das mãos, tendo os que se mostravam mais ortodoxos a outra mão sobre o peito, afetando tornar o semblante no mais profundo recolhimento religioso, esforçavam-se por estabelecer o silencio.

E o borborinho terminava. Ia começar o sermão.

—Santa Barbara! Jesus! Valha-nos Deus! Acuda-nos! Nossa Senhora! Crédo! Cruz! Fôgo! Misericordia! Socorro! Estes gritos partiram subitamente da multidão. O capuchinho, com a palavra prêsa aos labios, não sabia de que se tratava. E, aumentando os gritos cada vêz mais, estabeleceu-se um enorme panico. Era uma carreira infrene. A egreja não comportava aquella gente amedrontada, que não sabia que fazer.

O frade, que, por alguns instantes, com a sua figura livida e com a corôa reluzente se resignára a aguardar os acontecimentos, depois de clamar, debalde, pelo silencio, não esteve mais pelos autos, desceu e refugiou-se na ermida.

E quando parecia querer voltar a dôce e serena ordem, até então reinante na ceremonia, eis que recomeça o tumulto, agora mais violento. O alarido, a confusão, a gritaria e o panico crescem entre os devotos. Recrudescem assoladôra, instantanea e indomavelmente. Entre aquélla beata multidão o terrôr e a confusão não conheciam os limites.

O *frei* Lucas, no côro, procurava tirar do harmonium algumas notas, para abafar o ruido, que ia crescendo. Do lado do altar-mór uma sineta badalejava fortemente e um sacerdote ordenava o silencio. Mas tudo era em vão: a assuada não cessava; Eram mães á procura de filhos; estes, dos paes; irmãos, todos enfim, chamavam incessantemente por parentes. Todos queriam saír, mas ninguem se atrevia, ninguem tinha coragem.

E a assuada aumentava com os gritos de moçoilas atacadas do mais forte histerismo. Uma houve que se abraçou com um sacerdote, e este

viu-se atarantado para, ao mesmo tempo, desenvencilhar-se della e evitar que o cirio, que elle trazia ardendo, nas mãos, a queimasse. Mulheres quase que descompostas, prêsas do desmaio, tombavam no soalho da igreja.

No largo, precipitavam-se desordenadamente na mais vertiginosa carreira. Era p'ros lados da Barreira, do Ribeirão, do Cáes, p'ro bêco da Sé, p'ro largo do Carmo, enfim para todas aquellas cercanias que a multidão, levando tudo de rôjo diante de si, abalava desenfreada. Velhos, crianças, todos fugiam sem sabêr de que; com os espiritos aferrados pela duvida abalavam as pernas numa gritaria atroadôra, deixando o terrôr e a inquietação por onde passavam.

E quando, vindo do quartel de S. João, um grôsso contingente de policiaes acudiu ao local do tumulto, para mantêr a ordem, esta já se havia rastabelecido naturalmente.

Do lado da sacristia da egreja ouvia-se ainda o ruido dum conflicto numa rua adjacente. O cacête cantára desapiedadamente nas costas de algum mortal, tiros de revólver fôram disparados, e a faca certamente que não se fez rogar, comparecendo ao sarilho.

E fôra esta a causa do panico, que os fieis interpretavam por mil formas diversas. No patamar da escada, que vae ter ao côro, numa roda pronta a dissolver-se no momento preciso, comentava-se o caso, ignorando-se ainda ali o que realmente acontecêra.

O Paulo Caroeira garantia ter visto o Antonio Neves, de faca em punho, e que, depois de deitar por terra os dois policias, que lhe iam no encalço, evadira-se pelo Bêco dos Barqueiros, para os lados do Caes da Sagração. E aconselhava ser melhor fechar a egreja. O mestre João Calafate, afirmava haver chegado o fim do mundo. Profetisara-o para esse dia, 13 de novembro, dizia, o allemão Falb, e acreditava muito nos calculos que traziam os almanaques, em que era muito lido. A velha Satira, que no tumulto perdera o seu trancelin, que prendia uma colleção de bentinhos, chegara-se a roda somente para dizer ao Antéro o que vira.—Na ocasião em que o frade ia começar a predicar, dizia ella, um bode sem cabeça, magro e peludo, muito prêto, dirigiu-se ao prégador e... então nada mais observára. Era algum castigo, certamente, concluia.

O João *Coisa* dizia nada haver visto, pois que,

começada a carreira, elle só tivéra tempo de procurar a igreja, para, dado que fosse caso de morte, morrer na casa de Deus, junto dos Santos. O Roque do Desterro concordava com o João *Coisa* e tinha as mesmas intenções.

O Antéro, com o negro rosto banhado de suor, dizia de nada querer saber, e que tudo se teria evitado, se ouvissem o sen conselho. Pois fazer saír á noite uma procissão como aquella, numa terra onde de tudo se zomba, até mesmo de Cristo! Fôra algum *gravata-lavada,* certamente, quem promovêra o disturbio, que não tomaria tamanhas proporções, se não fosse o mulherio. E terminava opinando para que se evacuasse o templo, pois não queria que os malvados se internassem nelle, e houvesse alguma «tragedia de sangue», para ser ordenado, depois, o interdito.

Já a ermida estava quase vazia. O Bom Jesus Redentor, com a fronte pálida e serena, contemplára aquella scena, saíndo incolume, apezar de muitos, com medo da morte, se haverem abraça-

do ao negro madeiro em que elle estava crucificado.

A Perpetua da Currupira ainda se penitenciava, rezando pela vêz quinta o seu terço. Uma ou outra mulher rebuscava pelos reconcavos da igreja algum lenço com rosarios ou dinheiro, atados á ponta, guardas-soes, chales ou quaesquer outros objectos.

E o Antéro, conferindo os cobres das esportulas existentes na salva de prata sobre a banquêta, instava para que saíssem, afim de fechar a ermida. Fechada esta, o zeloso Antéro foi verificar os prejuizos que porventura haviam sido causados. Nenhum, á primeira vista. Subtrairíam da salva alguns nikeis? Naquelle conflito quem se lembraria de cometer tal sacrilegio? Segunda revista, e dá pela falta de um dos dois quadros, colocados por aquelles dias na parede, logo ao entrar do templo, com a inscrição:—«*Nesta egreja não se fuma, não se conversa, não se ri, nem se cospe*».

E foi só o que faltou, quando, no dia seguinte, o homem empreendeu a terceira revista. Tambem, considerava elle, a falta não era lá de todo sensivel, pois elle não concordára com aquella «infeliz idéa» de colocarem ali os taes quadros, que, a

seu vêr, eram até um escarneo aos bons e fieis católicos que lá iam; aos bons e fieis católicos, sim, pois os que não o eram não entravam naquelle recinto sagrado.

E no outro dia reuniram-se os irmãos, sugerindo alguns a idéa de mandar celebar uma missa em desagravo, ao que o Antéro se opôz com vehemencia pois pensava que não houvéra sacrilegio, e sim muito medo, e tambem muita imprudencia. Ouvissem o seu previdente conselho, não fazendo a procissão á noite, e tudo teria corrido calma e silenciosamente e em frente á casa de Deus reinariam o respeito e a contrição.

Impugnada pelo Antéro a idéa, dissolveu-se a assembléa, pedindo todos ao Redentor perdão pelo acontecido.

E assim ficaram remidas as almas e mais partes dos devotos!

Janeiro—1903.

A ALVES DE FARIAS

A surprêsa

O Leoncio era um rapaz com quem se podia contar para qualquer pandega. Bailes, passeios ao Anil, Bacanga, Calháu ou a Vinhaes, jantares, aniversarios, tê-lo-iam como companheiro, para o que désse e viésse.

Da rapaziada do seu tempo, porém, não havia um só que contasse a excelsa ventura de sabêr o dia em que viéra ao mundo o bom e sempre pronto parceiro de todas as festanças. Ao Manoel Lino e outros, que, num domingo em que estavam de passeio no Turú, o exprobraram pela sua persistencia em «negar a pé firme» sabêr a data em que nascêra, disse:

—Conhêço-os, marôtos. Vocês querem é obrigar-me a fazer despezas. Felizmente, porém, para mim, e infelizmente para vocês, não faço annos.

E contou, mais uma vez, a sua costumada lenga-lenga.

Nascêra em Lorêto, no alto sertão; a sua mãi

fôra chamada á presença de Deus. deixando-o ainda a gatinhar, e dos poucos parentes, que tinha, não sabia nem novas, nem velhas, nem mandados.

Ha tempos mandára buscar a sua certidão de edade; mas, tendo o vigario exigido uma somma fabulosa para passa-la, a pessôa a quem elle encarregára de obtê-la hezitára, no que fizéra muito bem, concluia o Leoncio.

—Pois já que você ignora quando nasceu, sei eu, diz o João Lamôa, um rapaz que, embora desconfiado, nunca soubéra que coisa era zanga.

—Duvido! exclamou, emocionado, o Leoncio.

—Foi a 1 de novembro, dia de Todos os Santos. Se *S. Nunca* recebe as suas preces nêsse dia, porque não havemos de festejar tambem nêsse dia o seu anniversário? Pois lá estaremos, conte!

O Leoncio, com a resolução do Lamôa, estremeceu, antevendo-se já com a casa cheia daquella camarilha. Pela fronte deslizava gôtejante e frio o suor do mêdo. E foi receiando desmaiar que, apossando-se da garrafa de tiquira, que haviam levado para a beira do riacho em que se banhavam, golejou pela nêgra e polida cuia uma boa «talagada» do reconfortante nectar. Ao reanimar-

se, já no seu cerebro de esperto e velhaco uma espirituósa resposta fôra concebida. Então, fazendo-se de muito zangado, pôz-se a vociferar que só entre impios como aquêlles haveria quem se propuzesse a pandegar num dia em que, além de não ser o do seu nascimento (disso estava elle certo), era de preceito relijiôso—vespera de Finados, em que todos deviam estar possuidos da mais sagrada contrição, chorando pelos seus parentes relijiosamente sepultados lá na quinta do Furtado. E simulou tão commovidamente a sua indignação pelo desrespeito que se propunham ter para com o dia 1 de novembro, teve tanto espírito, aparentando uma virtude de que não era capaz, que os collegas, receiando irritá-lo, e, no futuro, perdêr a sua companhia—tão valiósa era ella—trataram de o aquietar.

Que se não zangasse, diziam. Ninguem o incommodaria, pois estavam certos de que, se elle soubesse a data do seu nascimento, não a ocultaria, a elles, principalmente.

—Que diabo! uma vêz não eram vêzes e o Leoncio não faria cara em obsequiá-los uma vêz ao anno, concluiu o Paulo Guarnandin, rapazóla

de espírito trocista e ao mesmo tempo conciliadôr.

E cada qual por sua vêz estreitou o Leoncio num amplexo fraternal, todo doçura e amizade.

* * *

Alguns annos passaram depois do incidente do Turú.

O Leoncio estava casado, morando em casa propria e tinha arrumado o seu peculiosinho. Não tinha filhos. Os seus parentes eram poucos e adherentes não havia. Dos seus antigos companheiros de pandega só o Xico Julião e o Vicente, das Carneiros, tinham partido dêste mundo. Os outros ainda gozavam a santa vida, entre elles o Manuel Lino, que, como uma das testemunhas que fôra do casamento do Leoncio, conseguira abelhudar, na sua certidão de batismo, a data exacta do seu nascimento, que, por signal, coincidiu com a do consorcio. Isto mesmo deu o Leoncio a entendêr ás pessôas que assistiram ás suas nupcias, quando, agradecendo as *saúdes,* que lhe foram erguidas, disse que aquella data lhe era du-

plamente cara, sem, entretanto, explicar o motivo da duplicidade, ao que o Manuel Lino acenou sorridente com a cabêça, como que para atestar o júbilo que lhe ia n'alma por só elle haver compreendido as palavras do consorciante.

Aproximava-se o dia do anniversário natalicio e do casamento do Leoncio. O Manuel Lino combinára com os companheiros uma surprêsa ao anniversariante. Era certo que, depois de casado, como em solteiro, nunca o Leoncio fizéra uma festa na sua casa, porque, dizia o Manuel, era genio, e este negócio de festas era muito bom, mas na casa alheia. Só o incommodo que a gente tomava! Não queria que o Leoncio gastásse do seu bôlso, lá isso não; mesmo podia o rapaz não estar prevenido. Elle se incumbiria de tudo, empenhando-se ardosamente para que resultasse uma festa supimpa.

E, de facto, agiu caprichosa e proficientemente. Corrêra a sacóla entre os amigos, e obtivéra somma tão elevada que, feitas todas as despezas, separado o cobre da musica - esse era sagrado!—ainda restou uma fraçãosinha, que, por intermedio da Rosa Guarda-Mór, em «barquinhas

de oiro e mares de rosas», seria enviada aos Lazaros, no dia seguinte.

O ponto de reunião dos manifestantes era a casa da familia Silva, onde todos deviam achar-se ás 10 horas da noite. Tudo quanto se preparava para a festa era mandado para lá, onde, á bôca da noite, era de vêr o desusado movimento reinante, o que intrigava a visinhança, sôfrega por saber quem faria annos na «casa das Silvas», naquelle dia.

Em taboleirões era, á proporção que vinha chegando, arrumada a comida. Preparada pelo Benjamin, diplomado na arte culinaria, em que se exibira na casa do Barão de S. Bento, era variadissima: um leitão assado, com os dentes á mostra e todo estrellado de rodelas de limão; duas terrinas de carúrú e, num prato de travessa, as competentes bolas, em numero elevado; um quarto de carneiro assado; tortas de miudos, camarões e carangueijo; um *roast-beef* de nove kilos; um pastelão de borracho, tendo em cima, em monograma, as iniciaes do manifestado; um lombo, cheio; arrôs, branco e de forno, á discrição; um grande camorim, do branco, recheiado, muito fresquinho, por sinal que fôra comprado na praia

do Desterro; costellêtas, empadas, gallinhas, assadas e guizadas, além de outros acepipes. Em artigo bebida, nada restava a desejar, havendo sido feita a provisão na casa de Carvalho, Silva & C.ª, ao Largo do Carmo.

O Luiz *Filho de branco*, tôra de antemão nomeado mestre-sala. As môças convidadas, e certas de comparecer, eram tantas que, reunidas aos rapazes, se receiava que a casa as não comportasse. A orquestra, sob a direção do Leocadio Souza, era composta dos mais afamados professores: o Evaristo, no clarinete, o Marinho, o Colás, o Pedro do Rosario, o Ludgero Teixeira, o Bragança, o Lira e outros.

Estava-se já na hora da surprêsa. Apenas se esperava um musico, o Bragança, quando chêga esbaforido o João Lamôa e chama de parte o Manuel Lino. Tinha uma revelação importante a fazer-lhe; e febricitante disse que acabára de passar pela casa do Leoncio e que lá estava tudo ás escuras, parecendo que não tinha gente.

—Qual, conjecturou o Manuel, o motivo já eu o sei. O moleque festejou o anniversario caladinho com a mulher, meteu-se na tiorga e a uma hora destas já está estirado no fio. É até melhor

assim, opinava, será uma surprêsa, uma senhora surprêsa!

—Olha, Manuel, objectivou o Lamôa, lembra-te de que o Leoncio sempre nos dizia que, na casa delle, nunca haveria «comes e bebes». Quem nos diz que elle não mudou de casa?

—*Home*, parece-me que estás com pena dos cobres com que contribuiste! Se é isto, dize-me com franqueza, que t'os restituirei. A despeza está feita...

—Bom, bom, não briguemos por isso. E resmungadamente: Queira Deus, porém, o meu presentimento não sáia certo.

Com a chegada do retardatário Bragança, poseram-se em marcha os manifestantes no rumo da casa do Leoncio. Rompia o fulgurante prestito o Anisio, levando enfeixados no hombro os foguêtes que constituiam uma salva de vinte e um tiros, caprichosamente preparados na fábrica do João Mendes. Seguia-se: a orquestra; as moças, vestidas de branco, duas a duas ladeadas por rapazes que, aproveitando-se do momento, se iam arranjando logo para a primeira quadrilha que se dançasse, fechando o cortejo, além dos curiosos, que a elle se incorporaram, os homens que carre-

gavam os taboleiros e as caixas em que iam acondicionadas as iguarias e as bebidas. Num pequeno taboleiro iam alguns candieiros de kerozene, alugados ao Alfredo Cabral e destinados a reforçar a illuminação, caso o gaz viesse a escassear. E, como nota comica, uma «surprêsa» do Paulo Guarnandin:—Num côfo, sobraçado por um rapazola, iam acondicionados abano, fogareiro, chaleira, chocolateira, carvão, caixas de fòsforos, de modo que o Leoncio não se incommodasse no serviço da cosinha.

—Psiu!... Psiu!.. fazia na frente o Manuel. Era preciso silencio, para não «entornar o caldo».

Estavam á porta da casa do anniversariante. O alegre promotor da festa, numa azafama, na ponta dos pés, depois de ordenar o cortejo de modo que, quando o surpreendido abrisse as janelas e a porta, se lhe deparasse um quadro extraordinariamente bello, sinalou ao Anizio. E não se fez esperar o clarão e a consequente zoada do primeiro foguete, que, fendendo zunidamente as alturas, estrugiu, o seu forte e repercutinte estampido indo despertar povos e povas daquellas cercanias, que, áquellas horas, estirados no fio, dormitavam roncadamente.

A orquestra, enfileirada no passeio cimentado da morada do Leoncio, rompeu maviosa e sonoramente a valsa *Carolina*, uma das últimas composições do Leocádio Souza, e que havia sido executada uma unica vêz, na festa dos Remedios, pela banda dos Educandos. E os visinhos acorrêram pressurosos á janela Enquanto o foguetório salvava cadenciada, atroadoramente, e a orquestra passava do trio á códa da valsa, o Manuel Lino, com a sua grossa bengala «canela de viado», estridulava pelo rotulamento das janélas, dizendo: —Acórda, malandro, que demos na tua cuia de quiabos!—Viva quem faz annos! gritava o Paulo Guarnandin.

O foguetório cessou de estrugir, e a orquestra executava agora clangorosamente uma polka do Ludgero Teixeira, intitulada *O Grilo no Axixá*, que tambem na festa dos Remedios alcançára sucésso, quando tocada pela Filarmonica Bellas-Artes Maranhense, banda de que era directôr o mesmo Ludgero. Nessa ocasião o João Lamôa chega-se ao Manuel e segredadamente repete o seu presentimento.

Nos semblantes dos festeiros pairava uma grande inquietação pela demora em ser aberta a

porta, quando o Guarnandin, espiando pela fechadura, saltitou gritando alegremente:—Tem luz! tem luz! está em casa o molecório!

Neste interim terminava a execução da polka. E foi o momento solenne. Abriu-se uma das janélas, e ao apresentar-se nella a gôrda e simpática figura era de vêr o entusiasmo com que aquellas dezenas de pessôas saúdavam unisonas o Leoncio, avermelhando as mãos em prolongadas e estuantes palmas. Parecia que um oradôr consagrado assomára á tribuna. Foi, porém, com geral estranhêsa que notaram logo que o manifestado não agradecêra, com um gesto sequér, as ovações que lhe prestavam, e que a porta continuava trancada. Entreolharam-se todos, numa muda inquirição, em que transparecia a mais febricitante dúvida. Teria alguem doente na casa? Nêsse caso aquillo fôra uma imprudencia, commentava um dos bailantes.

O Leoncio, pigarreando, e numa atitude semelhante á dum sacerdote que aguarda o termino do borborinho para predicar, debruçado á janéla, na mais santa e suave calma, inquiriu:

—Mas, afinal, que querem vocês? Dançar?

Na minha casa, não!... Eu não lhes disse que queria festa aqui...

O Manuel Lino, julgando que o Leoncio estava a pilheriar, meio sorridente e meio atrapalhado, dirigiu-se ao amigo e, segredadamente, dulçurosamente, observou-lhe que o caso não era para graças, que elle visse bem a que ridiculo ficaria elle Manuel expôsto, se «gorasse aquella festa». O manifestado, sem se condoer do amigo, possuido da mesma calma com que falára anteriormente, retorquiu de modo a ser ouvido por todos:

—Eu creio que ainda mando nesta casa. Já faço muito em não mandar vir a policia para pedir-lhes contas do incommodo que me vieram dar a estas horas ..

E o Manuel, com a cara toda suplica e commiseração, ainda tentou catechisar o Leoncio, dizendo:—Com que cara fico eu, meu Deus!... ao que o surpreendido, motejando, acrescentou:—Só não ficarás com a tua, se não quizeres... Meus senhores, boa noite! Com licença... E fechou vagarosamente a janéla.

Não restava dúvida, o homem falára sério e com aquella última scena consumára a sua obra. O Manuel, metido numa camisa de onze varas,

arquejava enraivecido, bramia furibundo, exasperava-se. Pois então, tinha lá geito! Tanto trabalho, tanta canceira e consumição, para receber uma desfeita daquellas, passar por tamanha decepção!... Vinham-lhe á idéa impetos de que se lhe abrisse aos pés uma «cóva, para o sepultar vivo».

Tirou-o dessa dificil posição o Paulo Guarnandin, que, vendo crescer o alarido feminino e prevendo uma debandada, tão clamorôso era já o bramir entre os convivas do Manuel,—espalmando a mão sôbre o hombro dêste e revestindo-se dum entusiasmo vigorôso, esclamou, soberana e resolutamente:—Meia volta e tóca á pandega!

—A casa do Manuel! ordenou o Lamôa. E' casa sempre franca!

—Não vê que a nossa festa vae morrêr na casca! Tanta comida, tanta bebida e tamanha disposição, disse animadamente o Viriato, um dos mais influidos.

E retrocedêram. O Manuel, perplexo, ainda atoado e fóra de si, sem ter que responder ao perguntar-lhe o Lamôa:—Que te dizia eu, Manuel?—, seguia quase que maquinalmente, levado

por aquêlles festeiros, que elle, no auge do contentamento, arrebanhára tão solicitamente.

* * *

Ia alta a noite. E na casa do Manuel Lino, um sobrado, á rua da Palma, dançava-se, comia-se e bebia-se prazenteira e folgadamente, durando a festa até a madrugada, quando ao sonoro bimbalhar da sinarada de Santo Antonio, chamando á missa, começou o dispersar. E as recordações dessa festa ainda hoje pairam com júbilo nos corações dos que nella partilharam. As homenagens, que entre risos e flôres estavam preparadas para o Leoncio, recebeu-as o Manuel Lino, que esquecendo a formidolosa decepção porque passára, tratou a véla de libra os que o honraram, escolhendo a sua casa para se regosijarem.

No dia seguinte, domingo, ainda houve os frios: uma feijoada, o esquelêto do perú mətido em quiabada. E tão profusamente foi distribuida a *branquinha* que houve alguns pifões, arriando-se o João Lamôa numa rêde do Manuel Lino.

(1904).

A FRAN PAXECO

A PROMESSA

2.º «Premio Francisco Guimarães», no Concurso Literario d'*A Revista do Norte* (1903).

No Anil estava tudo preparado, afim de que nada faltasse ao Jóca e á sua comitiva, que, no trem da manhan, aportariam áquelle suburbio. O Tancrôso executava com a maior proficiencia as ordens que do Alto-Amazonas, donde viéra ha mezes, recebêra do seu bom amigo e compadre Jóca, que, conhecendo o Maranhão apenas «pelas tradições e pela lhaneza e fidalguia do trato dos seus filhos», o visitava pela vêz primeira, em cumprimento dum vóto a S. José de Riba-mar, de cujos milagres tivéra noticia, trazendo como companheiro» um sobrinho e dois amigos.

O Trancôso, que recebêra dinheiro e carta branca para organisar uma romaria, de cuja fama se falasse por muito tempo, convidára muitos rapazes e algumas «raparigas da pandega» da cidade, incumbindo o Flodoardo, residente na Maiobinha, de convidar algumas pessôas da Maióba, do Cururúca, do Paço do Lumiar e de outros lugares da

Ilha, que deveriam encorporar-se á romaria em S. José dos Indios ou do Lugar.

Foi contando com um regular numero de romeiros, na «dôce e sorridente companhia do Joca», que o Trancôso encommendou ao Lourenço e ao Alziro um «balaio» farto e variado, no genero do que elles preparam para a «festa de Santo Antonio dos Prazeres», porém ainda mais ampliado, devendo os dois dirigir o serviço no santo lugar para que se encaminhava a romaria.

Era esse farto e variado «balaio» que o Trancôso acommodava da melhor maneira, num dos quatro carros que do Cururuca foram mandados pelo Xavier, tirados cada um por quatro juntas dos bois mais gordos que existiam naquelle sitio.

Tudo bem disposto, sob uma meiassaba estendida sobre a mesa do carro e depois coberto com um encerado, que o Trancôso obtivéra no armazem do Bastos, onde, na sua infancia, fôra caixeiro-vassoura, com o fim especial de impedir que o sol «derretêsse o gordurame dos suinos», o infatigavel homem passou a installar noutro carro a bebida, a «alma de todas as festas», cuja provisão, feita na casa do Rocha, ufanava-se o Trancôso, não invejava a do «baile á Esquadra», de que até

hoje se admirava, com a diferença de que naquelle tempo comprava-se tudo por dez réis de mel coado, ao passo que hoje era tudo pela hora da morte.

Preparado o segundo carro, num terceiro o incançavel Trancôso acommodou as malas com roupas, e uma cèsta em que iam algumas garrafas de «bebida branca», para se ir «molhando o bico» pelo caminho.

No outro carro iriam os dois *Manézinhos* e o Novaes, conduzindo cada um o seu violão, e mais «algum fraco» que désse o prego pelo caminho, pois tendo sido a promessa para ir-se a pé, ninguem, salvo o marréco que incorresse naquelle caso. iria trepado, visto que os bois «eram de carne», explicava o Trancôso.

Estava tudo pronto. Ouvia-se já o silvo agudo da locomotiva, cujo éco vinha do lado do Cutim. Muitas pessôas que faziam parte da romaria já lá se achavam, tendo ido, diziam, com a fresca da madrugada, o que dava motivo ao Alziro para commentar tanta prontidão: «receio de perder tão piramidal festa e tão fina boia».

E aquella gente, confundindo-se com os operarios da fabrica do Anil, concorria para aumentar

o costumado movimento do lugar áquellas horas. Um prolongado silvo, seguido dum chiar de vapor, ranger de ferros, toques de sinêtas e duma grande algazarra: é o trem que chega. E o Jóca, com os seus companheiros, trajando um terno de brim pardo e chapéu do Chile, vinha no ultimo carro, sendo logo recebido pelo Albino, que lhe foi solicito em oferecimentos.

E como o Trancôso dissésse não haver tempo a perder, por causa do sól que «vinha forte», puzeram se em marcha. Era mais quem quizesse dar explicações ao Jóca, no decurso do caminho; e elle ouvia tudo mui prazenteiramente e agradecia.

Sete horas da manhan. A romaría passava alegre pelo Oiteiro do Giz. Atravessaram o estirão e a ponte do Saramanta, benzendo-se o Paulo Pequeno ao passar por esta, por se haver recordado de que naquelle lugar «morrêra estuporado», ha mezes, um romeiro que se fôra banhar no rio sob a mesma ponte. E avançavam, animada e apressadamente, afim de que estivessem no rio de S. João á hora do almoço.

O sol ia subindo e escaldando cada vez mais,

e achava-se quasi no zenith, quando descançaram sobre a ponte do rio, que estava «liso como um espelho». As suas aguas, pardacentas, não impediam que nelle se reflectissem os ardentes raios solares. E todos, extenuados, pediam o almoço. O Alziro e o Lourenço dirigiram o serviço, comendo-se e bebendo-se fartamente.

Terminada que foi a refeição, combinaram que só partiriam ás duas horas; uns, embrenharam-se pela mata, outros, pela povoação, troçavam com as caboclas, embora o Paulo Pequeno os previnisse de que ellas, além de serem ariscas, tinham todas os seus donos, os quaes eram «muito desconfiados».

Num banco em frente á quitanda do João Ferrador sentaram-se os dois *Manézinhos*, o Novaes, o Leopoldo flautista e outras pessoas; o Paulo Pequeno, cujo fraco é cantarolar e recitar, sinalou ao Novaes e ao Leopoldo, e, num subito arrebatamento de extase, chamando do fundo da sua recordação trechos da lenda *S. José de Riba-mar*, que, escrita por Gentil Braga, ouvira dizer que corria impressa nas *Tres liras*. Não lhe compreendêra bem o sentido, mas naquelle momento apa-

receu-lhe uma clareza luminosa, e pôz-se a cantar:

Se ahi fôrdes sósinho algum dia,
Tendo alguma promessa a cumprir,
Bem fareis a fiel romaria,
Nada, nada tereis que sentir
Levae cêra, não crúa, mas benta.
.....

Já o sol «havia quebrado». O Trancôso verificando se estava tudo em ordem, não se esquecendo das velas, que, com os «baques do carro», se poderiam partir, e encontrando-as intactas, puzeram se de novo em marcha. A's quatro horas da tarde chegavam a S. José do Lugar ou dos Indios; pararam apenas o tempo necessario para «beber agua», e fazer as apresentações ao Flodoardo, que com a *sua* gente, umas seis pessoas, ali aguardava a romaria a que se ia incorporar, seguindo todos, para entrarem no «santo lugar» ainda com «dia claro», e «sem confusão».

O Flodoardo fizera-se logo amigo do amazonense, informando-o detalhadamente de todos aquelles sitios e caminhos que ficavam ás margens

da estrada. Indicou-lhe o caminho que ia ter ao *Pau Deitado*, sitio em que a Amancia, de parceria com o Rodrigues Pagé, exercia a profissão de *curandeira*, e concluia:

—Muita gente bôa, e só da cidade, tem pizado este caminho, senhor meu. Só da cidade, é preciso que note, pois que, se *nhá Amancia*, p'ra viver, fôsse atrás de gente cá destes sitios, então... já tinha morrido de fome.

O Jóca trocou algumas palavras em que exprimia a *sua* duvida sobre se haveriam doentes que deixassem os facultativos por uma *curandeira*, o que fez que o Flodoardo retorquisse:

— O' homem! o senhor nem parece ser do Amazonas, a terra da bruxaria, de onde se *vem descascando*. Acredite no que lhe digo: Muita gente bôa e illustrada, da cidade, tem pizado o caminho do *Pau Deitado* p'ra fechar o corpo!

O amazonense, não querendo levar longe a discussão com o Flodoardo, mudou de conversa, passando a lastimar a pouca largura da estrada por que seguiam. E andavam. Passaram o Miritiua, a entrada do sitio do Apicum, a Moropoia, e debaixo dum frondoso cajueiro descançavam, sacudindo-se do pó, para não entrarem no arraial «na-

quelle estado». O Leopoldo flautista trepou no carro em que iam os dois *Manézinhos* e o Novaes, e, formada a orquestra, executava a valsa *Moropoia*. E assim entravam no arraial.

São cinco horas e meia da tarde. Era o mez de novembro, em que são frequentes as romarias a Riba-mar, quer por terra, quer por mar. As praias estavam literalmente cheias de barcos, que haviam conduzido os romeiros do Rosario, de Alcantara, de Guimarães e da «outra banda» (Munim, Icatú, Manga, Morros). Esses romeiros, em numero avantajado, concorriam para o desusado movimento do suburbio. Da capital mesmo era grande o numero de familias que tinham ido reconfortar-se com os banhos salgados.

Foi por entre grande multidão, que se alvoroçou com o chiar dos carros da roça, os sons harmoniosos da orquestra, e os festivos repiques, rithimicamente impulsionados pelo João Miranda, annunciadôres da chegada da romaria do Jóca, que este e a sua comitiva passaram radiantes, sem cumprimentarem, pois, dizia o Paulo Pequeno, o primeiro dever a cumprir era ir á Igreja. O grosso da multidão encaminhou-se atrás dos romeiros que chegavam, ao mesmo tempo que os curiosos

perscrutavam os carros, donde se exalava um picante cheiro de assados e bebidas.

O amazonense entrou na Ermida, e fez uma ligeira oração, guardando-se para, no dia seguinte, em que realisaria o pagamento da promessa, vizitar a Igreja minuciosamente. O Trancôso, auxiliado pelo Lino, o ermitão, já havia preparado agazalho, destinando-se a *Casa Grande* para o Joca, o sobrinho, os dois amigos, o Paulo Poqueno e elle Trancôso. Os demais abrigar-se-iam por outras casas, para o que o Alziro, que era amigo do Tiágo, o inspector do quarteirão, tomára as providencias precisas.

O crepusculo deixa já caír lentamento as suas côres indecisas sobre um calmo campo, onde jaziam innumeras moitas de mato seco, que, devastado pelas enxadas e pelos facões, aguardavam a ocasião da queima; o dia agonisa dôcemente no delicioso sorriso da noite que desce.

Do campanario, alvo e esguio, partem as vibrações do sino, que sôa a Ave Maria; um sino de voz cançada, de timbre um pouco triste, que acresce a melancolia da tarde tranquilla, apezar do João Miranda querer torna-la festiva.

A fadiga da viagem fez que, servido um ligeiro jantar, adormecessem todos muito cedo.

Alvorecia. Manhan brilhante, ainda allumiada por uma argentea fita lunar. Ouve-se ao longe o chiar dos carros da roça. E o mesmo sino, que na vespera bimbalhára com tristeza, matinava agora alegre e festeiramente. As portas e as janellas abriam-se apressada e atabalhoadamente, e no adro era uma invasão enorme, sedenta de curiodade. A' porta da *Casa Grande* apeava-se do seu soberbo cavalo um frade capuchinho, que vinha para celebrar os actos constantes do voto do Jóca, o que concorreu para continuar a despertar a curiosidade da multidão pela romaria do seringueiro. Aquelle homem, commentavam, que ia pagar uma promessa com tão grande pompa e com tamanho aparato, não era, certamente, nenhum João Ninguem. E os mais sófregos em saber da verdade foram ter com o Lino, que os informou satisfatoriamente. Então, foi uma leva constante de visitas ao Jóca, empenhando-se todos com o Trancôso e mesmo com o Lino para uma apresentação.

Chegára a hora da missa, o primeiro acto por que o amazonense ia demonstrar o seu reconhecimento ao milagrôso Santo. A ermida estava

cheia. A caboclada da *Villa* e os romeiros que atravessaram do lado do Munim não se queriam misturar com a gente do Jóca, por um instincto de respeito ao voto dêste. E o Raimundo Papudo, escrivão na villa da Manga, imaginando e pondo em prática essa resolução, assim concluia:

—Não nos devemos aproveitar das graças que sobre o illustre sr. Jóca cairão dos céus.

Tambem era essa a opinião do Trancôso, do Paulo Pequeno e do relijiôso Quintino, da Villa do Paço do Lumiar.

Da familia do Mafra, lavradôr no Icatú, três moçoilas haviam-se oferecido para acompanhar a missa a orgam; e o Trancôso sugeriu a idéa da missa ser cantada. Sendo um só celebrante, para o não fatigar, cantar-se-ía a missa do *Dom Ratinho*, duma bella execução, em que o seu autôr puzéra o que de «mais puro e suave ia na sua alma», quando a compôz.

Ao começar a ceremonia o capuchinho teve que ouvir do Lino a triste, mas verdadeira confissão de que: elle «não sabia ajudar a missa», nem rezada, quanto mais cantada. O oficiante, porém, foi salvo da melindrosa situação em que o meteram pelo *frei* Lucas, um rapaz da comitiva, que tomou

o lugar do Lino. Chamavam lhe *Frei*, por haver aprendido a tocar harmonium com um frade, e ainda por ser muito relijiôso.

Houve communhão, concorrendo ao banquête espiritual, com gaudio do Paulo Pequeno, do Quintino e do *frei* Lucas, que tambem commungaram, dezenas de pessôas. Terminado o santo oficio, o capuchinho fez uma ligeira prática, terminando por exortar os fieis a seguirem o exemplo daquêlle amazonense, que, rico de dinheiro e mais ainda de Fé, viéra de tão longinquas paragens, numa «santa e dôce peregrinação», agradecer ao milagrôso Santo o ter satisfeito os seus desejos.

O Paulo Pequeno, maravilhado, segredou ao Trancoso que «sermão como aquêlle», só pregava o Frei Dorotêu, na igrêja de Santiágo, isto em «tempos que não voltavam mais».

Era uma mostra geral de alegria em todos os rostos, sendo o Jóca alvo da contemplação de todos. E enquanto, na sacristia, o capuchinho se desvestia dos habitos ceremoniaes, o amazonense, no adro, distribuia esmola aos pobres. O Atanazio, um habitante do lugar, aproxima-se nessa ocasião do Jóca, e, rendendo-lhe homenagem em frases engrossativas, convidou-o para padrinho dum

barco de sua propriedade, que naquêlle dia, á tarde, seria lançado ao mar, ao que o seringueiro accedeu, «com muito prazer», disse meigamente.

O Trancôso, que havia ido esperar as cantôras no patamar da escadaria do côro, cumprimentou-as pela belleza da vóz, e, revelando-se um dos mais prestantes mortaes e oferecendo-se «para o que quizessem», disse que--quando qualquer dellas se cazasse, elle estava pronto par «levar as almofadas á igrêja».

O sol era já abrazador. E não permitindo o santo lugar, despido de arvores, que se estivesse agora ao ar livre, o Trancoso lembrou já serem horas do almoço Encaminharam-se para a casa que haviam destinado exclusivamente para nella se servirem as refeições. Era logo junto á rampa, uma espaçosa casa de propriedade da Joanna Passos, que a cedêra ao Trancoso, seu compadre.

Já o Alziro havia preparado a mesa com todos os requintes. Sentaram-se os maioráes da comitiva, o Joca tendo aos lados o capuchinho, o *frei* Lucas, que o acolitára na missa, o Tiágo, como a primeira autoridade do suburbio, o Atanazio, o novel compadre do amazonense, e as tres moçoilas que se haviam oferecido para cantar na

missa. As outras pessoas não tinham lugar especial: era á vontade, dizia a Trancoso.

O Lourenço, esmerando-se por levantar cada vez mais a sua fama na arte culinaria, apresentára um extenso cardapio, de que se destacavam dois pratos: «lombo de porco á Amazonas» e «fritadas á italiana», como homenagem ao Jóca e ao capuchinho. O Alziro preparára uma «salada á maranhense».

E o almoço corria por entre conversas sôbre multiplos assuntos. O Jóca elogiava a cosinha amranhense, só lamentando a ausencia da «sôpa de tartaruga», o prato predilecto da sua terra. O capuchinho não tinha razão de queixa, pois, dizia elle, bebendo aquelle vinho Barbedo e comendo aquelle macarrão de fôrno, preparado com tão bom paladar, experimentava uma «dôce recordação» da sua patria, que deixára para vir, no sertão maranhense, servir a Deus, o que não fôra, acrescentava, reconhecido por «aquelles infelizes selvagens» que massacraram, no Alto Alegre, os seus irmãos e amigos. E fitando os céus, dizia:

—«*Il Ministri de Cristo sè stesso per propagare nella do mon Religione, e tu, o popolo sacrifica il mondo per conservarla in te stesso*».

Ia animada a prósa num banco em frente á casa, transformada em refeitorio. Tinham-se servido já umas duas ou tres mesas. O Alziro convidava todas as pessôas para entrar e comer «sem ceremonia», que não se iria deitar á praia o que poderia «acamar-se no estomago».

Entardecia. E o Atanazio lembrava ser chegada a hora do baptizado do barco. Encaminharam-se todos para a praia. Já lá na frente do povo, que ia assistir a ceremonia, estava o Lino, tendo no braço o sobrepeliz e a estola do capuchinho e a caldeirinha de agua benta com o hissope.

O Atanazio, dirigindo-se sorridente ao Jóca, pediu licença para apresentar-lhe a Xica do Rôxo, a madrinha do barco, a sua comadre, portanto. A Xica para aquella ceremonia, estava «metida nos pannos», como commentava o Tiágo. Com uma saia de barra, camisa rendada, chale de sêda, cordão d'oiro de três voltas ao collo e africanas tremeluzindo nas orelhas, tinha nas mãos, «só por compustura», uma rica toalha, que sómente servíra uma vez,—no baptizado da sua néta Martinha. No meio da ceremonia o Alziro irrompeu da multidão com uma pequena garrafa de rótulo doirado, das «seis especies» da adega, entregando-a ao

Jóca. Desamarrado o batel, devidamente aspergido, o amazonense, com mão certeira, sacudiu a garrafa á prôa do *Flôr dos Mares* (era esse o nome do barco), que deslisou contornando a parte da costa em frente á Ermida, galhardamente enfeitado, o Atanazio ao leme, como um triunfadôr, e a tripulação erguendo *vivas* ao «sinhô S. José», aos padrinhos, ao Amazonas, á classe maritima, e voltou direito ao ancoradoiro.

Anoitecêra. E os sinos badalavam chamando os fieis. Ia-se cantar uma ladainha, promessa do Atanazio, em regosijo ao baptismo do novo sulcador dos mares. Logo atrás do capitulante genuflexavam-se o *frei* Lucas, os padrinhos e o dono do *Flôr dos Mares*. A ladainha foi rezada por entre o mais relijioso silencio, o Atanazio esforçando-se por tornar saliente a sua voz no *ora pro nobis*.

—Era delle a promessa, dizia, e ninguem mais do que elle tinha obrigação de orar.

Terminada a ladainha, promessa do Atanazio, rezou-se, acompanhada a harmonium, outra, da promessa do Jóca. Terminado o acto, reuniram-se defronte da *Casa Grande* tocadores de harmonicas, reque-reques, pandeiros e violas. Os dois *Manêzi-*

nhos e o Novaes, tomando o «lugar de honra», no alpendre, á direita da residencia do Jóca, dedilhavam nos violões e no cavaquinho com maestria, e o Leopoldo esforçava se por tirar as mais «agudas notas» da sua flauta. Fizeram-se fogueiras, acenderam-se «cabeças de breu», que, na opinião do Trancoso, com a sua luz mesmo fumosa supriam a falta de luar.

E o Jóca, cachimbo no queixo, esticado numa cadeira de lona, contemplava extasiadamente aquelle folguedo. Dançava-se «familiarmente». Corria a verdinha, munim, genipapo e, do barril de decimo dum bom Collares, encanteirado junto ao alpendre, sorvia-se a «preciosa pinga», que o Cantidio, sobrinho do seringueiro, já um «pouco timbrado», distribuia franca e insistentemente.

Ia entardecendo e os folgazões já se iam numa debandada geral, deixando o ambiente saturado dum acre cheiro de alcool.

No dia seguinte, logo cêdo, o Jóca, dirigia-se á igreja, para vizita-la minuciosamente, acompanhado, além da sua comitiva, pelo Lino e pelo Mariano, um antigo residente do lugar, que lhe iam prestando as devidas informações.

O Mariano fizera ao seringueiro um muito ra-

pido historico sobre a Ermida, outr'ora muito damnificada, sem tôrre e sem frontispicio, que eram agora novos, um padrão de «arquitetura bizantina». E o amazonense admirava no interiôr do templo: os quadros de fina pintura, vindos da Allemanha, representando a vida do orago; o pulpito de ferro, «esmerado trabalho» do Zé Tomás; o candelabro que pendia do centro da igreja, oferta duma devota, e os quadros representando a Sagrada Familia. E, á proporção que ao Jóca e á sua comitiva iam sendo feitas essas narrativas, o cumpridor do voto ia de altar em altar genuflexando-se ligeiramente.

Chegando ao altar-mór, onde se erige a Sagrada Familia, o amazonense demorou-se numa prece, em que o balbuciar sobresaía aos estalidos das velas que ardiam no cirio e ao crepitar do azeite da lampada. Depois de permanecer muito tempo nesse recolhimento relijioso, o Jóca ergueu-se, tirou da carteira um envelope, que depositou na salva de prata que fica sobre o altar. Em seguida transportaram-se á sacristia, a observar «os milagres». Foi o Lino quem os introduziu.

Na primeira sala havia um grande numero de pequenos barcos de buriti, feitos com esmero e

arte, carregados de velas de cêra: vinham de diversas partes da Ilha, impellidos pela correnteza; pequenas caixas de papelão, com cartas em numero avultado, que, por «ordem do vigario», eram queimadas á proporção que se iam acumulando. Encerrava a maior parte dellas pedidos a S. José para «um bom casamento», outras para «fazer Fulano se casar» com a missivista; umas mais para «ter fortuna»; ainda outras solicitando do milagroso Santo a «tranquillidade no lar»; outras, enfim, com um churrilho de asneiras.

Passando á outra sala, ahi a vista confundia-se diante da porção de objectos de cêra, desde a de côr mais alva té á mais amarella. Havia pendurados nas paredes, modelos de todos os membros do corpo humano: braços, mãos, pernas, pés, dêdos, orelhas, seios, narizes, cabeças. E o Lino indo ainda buscar outros, que estavam encerrados em bahús, continuava a informa-los:

—Pessoas doentes, de tal ou qual parte do corpo, prometem, se ficarem bôas, trazer o modelo em cêra *para o santo*.

Tambem havia: caixões de velas de todos os formatos; grande numero de garrafas de azeite de mamona e de côco destinado á lampada; uma ca-

misa de flanella azul, com que um devoto naufragára, além de outros muitos objectos que ainda havia nessa sala. Tamanha quantidade de cêra era o total do que entrára por «aquelles dias». De tempos a tempos, informava o Lino, mandava-se para a cidade caixões e mais caixões, cujo producto da venda era aplicado na «despeza com o culto». O Jóca fez pesar algumas libras de velas e, pagando-as, pediu que as ascendessem conjunctamente as que trouxéra já.

Terminára a visita ao templo. E o amazonense, depois de agradecer ao Lino as informações que lhe prestára, retirava-se, dizendo ao Trancoso admirar-se como o ermitão explicava as proveniencias «daquelles milagres», como e quando lá chegavam, tudo minuciosamente, e, no entanto, não sabia «ajudar á missa» ! Era isso o que «mais o intrigava».

Chegára a hora do almoço. O Atanazio havia levado ao *sinhô* compadre Jóca dois grandes camorins, um preto e o outro branco, que o Lourenço preparou logo: um, recheado e assado no forno,—«camorin a *Fiôr dos Mares*»; outro, em postas, foi frito e, em escabeche, guardado para a «volta da romaria».

Já o sól havia «quebrado mais», quando o Trancôso disse achar conveniente reencetar as visitas aos lugares que elle reputava mais importantes.

Começaram pela nova Igrêja, cujos trabalhos de construcção, que só duraram quatro mezes, estavam paralisados. O Mariano explicava que naquella area, de trinta e cinco metros de comprimento sôbre onze de largura, onde se erguiam paredes de tres metros de altura, se via um sonho que, «para muitos», seria irrealisavel. E lamentava a falta de gosto dos maranhenses, que não se esforçavam por seguir os trabalhos daquelle templo, que, concluido seria o mais bello do Maranhão e um dos mais lindos «padrões arquitectanicos do Brasil».

—Os nossos templos, continuava elle, edificados sem a minima preocupação de estilo, apresentam um *barroquismo* só compativel com o estado de «ignorancia dos tempos que se foram». E' tempo já do Maranhão ser dotado com alguma coisa que o recommende em «materia de arte», o Maranhão tão illustre pelo merito literario dos seus filhos. E lastimava não ter tão «tradicional terra» nenhum edificio que nesse particular o recommendasse, a não ser algumas fabricas de fiação.

—E' preciso, dizia ainda, que deixemos de atestar tristemente o nosso gôsto artistico e os nossos sentimentos esteticos, conservando aquélia velha igreja acaçapada (e apontava para a Ermida) e deixando que se pérca o que já está solida e artisticamente feito nesta. Mas felizmente, concluíu, daqui sairá um monumento sublime e sem egual entre nós.

Visitaram o Cemiterio Velho, em que se suspendêram os enterramentos, havia pouco, por insuficiencia de tamanho, muita proximidade da igreja e má collocação; e, em seguida, visitaram tambem os dois poços: o da Saúde e o de S. José, este, de agua potavel e aquêlle, de agua mineral. Dirigiram-se ao Cemiterio Nôvo, a duzentos metros do arraial, que causou admiração ao Jóca pela «simetria» e pela «limpeza».

Nesse mesmo dia, pela manhan, chegára a Ribamar, na sua excursão mensal, o Zé Lins, o «infatigavel» membro da commissão da Santa Causa das Aguas. Fôra elle quem convidára o amazonense para uma visita a Moropoia, «ás bellas fontes». E o Jóca, com a sua gente, deixando os poços e os cemiterios, chegaram a uma porteira, onde se via gravada numa columna, a inscri-

ção :—«Romeiros! Entrae e admirae os vastos rezervatorios das bellas e cristalinas aguas!»

Já o Zé Lins lá se achava, aguardando a inspeção. E acompanhou-os, informando-os de tudo, o mais minuciosamente possivel. Começou historiando a constituição da empreza da Santa Causa, na casa do Arthur das Virgens, á Fonte das Pedras; a exposição do «magistral cofre» na praça do Mercado, a celebre «carta animadora» dum honrado negociante, a construção dos rezervatorios e a quantia nella despendida, a «solenne inauguração» do primeiro delles, precedida de «benção eclesiastica» e, depois, a distribuição de imagens, garrafinhas d'agua do rezervatorio, pães, todas essas ceremonias «acompanhadas de orquestra». E disse ufano :

—Já se fez muito, se compararmos com as obras da igreja dos Remedios, que não dão sinal de vida».

Explicava ao Jóca que da propria Amazonia viéra «muito auxilio expontaneo», e a isso se devia o adiantamento das obras dos rezervatorios. Só faltava agora o encanamento, que levaria agua ao arraial, o qual já poderia estar pronto, se não fosse o «lado economico» por que a commissão

levava a empreza. Quer esta que o referido encanamento seja de calhas de cantaria que «durarão seculos e seculos».

Num cofre, collocado em frente a um dos rezervatorios, tendo por baixo a inscrição:—«Quem neste cofre um vintem botar—São José o hade ajudar»,—o amazonense, com gaudio do Zé Lins, collocou o *seu* obulo. O Zé Lins continuou a prestar informações ao romeiro, e dizia-lhe sorridente:

—Não parta, senhôr, para a sua terra, sem ir admirar o «magistral cofre», na cidade, em casa dum dos mais distinctos membros da commissão. E' uma obra d'arte, em que o *merito* do artista se revela admiravelmente. Construido especialmente para visitar os maranhenses residentes em outros Estados, aguarda para isso a ocasião oportuna. Ha tambem o «cofre infantil», que visitará proximamente o interiôr do Estado nos «lugares ribeirinhos».

O Jóca, já um tanto fatigado, pediu licença para retirar-se. E o Zé Lins continuava a falar aos romeiros:

—Temos trabalhado, senhores, temos trabalhado com afinco. *Labor improbus omnia vincit*, sem dar valor ás duvidas de uns, á incredulidade de muitos e até aos sarcasmos de outros, a commis-

são tem seguido impávida. E muita coisa temos conseguido. Venha de todos o fraternal concurso! Haja justiça e faça-se a luz! A Cézar o que é de Cézar! E teremos tudo.

E transportadamente, num indomavel jubilo, rompia de salto a espalmar a mão sobre o hombro do amazonense:

—E que bella paizagem! O *Colíbria*, que aqui veiu, fotografou-a e vae scenografa la.

—Coliva, Coliva, seu Zé Lins, emendou o Trancoso.

—E' *Colíbria*, o nome, senhor! E' italiano! E a pronuncia...

—Qual o quê! Você, como impingiu latim, quer vêr se impinge italiano. Coliva é que é o nome.

—Bom, bom, já não está cá quem falou.

E saíram do sitio. O Zé Lins chamando ainda a atenção do «romeiro amazonico» para os rezervatorios, que eram divisados de longe, dizia:

—Querêr é podêr! Edificante exemplo! Venha de todos o fraternal concurso e teremos a Santa Causa triunfante!

Deixaram o sitio, tendo o Zé Lins prometido

ir jantar com o Jóca, e que então «conversariam á vontade».

* *
*

O Alziro e o Mariano sugeriram a idéa dum *Carimbó*, para «aquella gente se divertir». Já o seu compadre Geraldo havia cedido a casa, que dispunha dum enorme avarandado e a rapaziada estava avisada. Chegada a hora já era impossivel ter se entrada nas «quintas do Geraldo», como chamava á casa deste o Mariano. Dançantes, convidados ou simples espectadores, acotovelando-se pelos corredores, interceptavam a entrada, pelo que o Jóca, o chefe da romaria, e em honra do qual se fazia agora a festa, teve que entrar, seguido da sua comitiva, pela casa do Florencio, cujos fundos eram communs com os da do festejo.

Nenhum conviva mais faltava, e o Mariano, que dirigia a função, prevenia ser chegado o momento de dar se começo a ella.

Os dois *Manézinhos*, com os seus violões, o Novaes, com o cavaquinho, o Leopoldo flautista e outros *amadores* afinam candida e caprichosamente os seus instrumentos. Principia a execução. A primeira pessoa a pular na roda é a Malvina, que, com

uma saia de chita côr de rosa, muito rala, apresentava toda a sua nudez venusta e perfeita. Em seguida salta o Alziro, que, batendo palmas, «para animar a coisa», deslumbrado e aturdido, já não se satisfazia em galantear a Malvina. Rebolava-se todo para a Carlota, que, antes de entrar na roda, disséra baixinho ao Novaes que «apimentasse o carôço». E, cantando dulçorosamente, reuniu se ao Alziro e á Malvina.

—Esquenta, minha gente, esquenta! Requebra quarto, finca pé! Gostoso, gostoso! animava o Rubem, agóra reunido á trilogia dançante.

O João Eleutério atoado, doido e inquieto, arremessou ao centro da roda uma colher de páu. E o Alziro, vendo-a, entoou:

Ajunta *culhé* do chão,
(côro) *seu* cancão!
Quebra o cangóte grosso
seu collosso!
Requebra co'os quartos bem,
O' meu bem!
.....
Ajunta *culhé* co'a boca
minha *cabôca!*

A Malvina, depois de muitos requebros, em que puzéra á mostra todos os contornos dos seus quadris, erguêra-se firme com a colher prêsa á boca. Foi então um chuveiro de palmas e hurras, e os dois *Manézinhos* tambem cantavam extasiados. O manifestado, diante daquillo, estava arrebatadamente inflamado, e tambem bamboleava rithmicamente. O Trancoso sinalava ao Lourenço que «corresse a pinga». E ao Jóca dizia ser a cachaça o «sustentaculo de todas as pandegas».

A Rita, uma cabocla dos Perizes, com uma saia de chita roxa, casaco mandrião, caindo-lhe os cabellos ao longo do sulco dorsal, numa trança cingida por um laço de fita verde, que, dizia o Euclides Curuassú, parecia «periquito quando no leilão», era o alvo da curiosidade com os seus requebros e dengues.

E o samba proseguia animada e estardalhadamente. Dirigia-o agóra o Felicio Cabrito, um rapaz cuja fama nos *Carimbós* transpuzéra os limites da sua terra. O homenzinho gritava tronitroantemente:

—Cerra, cerra, rapaziada! Entrem, minhas mulatas! nada de acanhamento, cada um mostra o *seu* serviço!

E puxava pelos braços a Coló e a Leonarda, que, obedecendo-lhe, entraram, e dançavam, graduando progressivamente o rebolar. O Felicio, batendo nas mãos o compasso ia dizendo:

Descaróça, minha *nêga*,
(côro) 'stou descaroçando!
Cóça o fio do lombo,
p'ra *tirá* calombo!
....

E a Roberta, do S. Simão, com os olhos injectados de sangue, e o suor a escorrrêr-lhe gotejante pela fronte, num supremo arranque de entonação, conseguia fazer sobresair naquella delirante festança a sua fragil, porem segura voz no

Nêga você não *mi* dá
(côro) Eu dou!
Eu aqui não tenho *sinhô!*
Eu dou!
.....

Outras pessôas iam tomando parte no «folguêdo». E agora uma sarabanda boleada de qua-

dris, num desbragado porfiar, causava a admiração e o júbilo de Jóca, que, sentado no parapeito do avarandado, esfregava ruidosamente as mãos e bamboava as pernas. O festim seduzia-o com uma violencia abrazadôra.

A Malvina, toda torcendo-se em denguices, fugindo da roda e, acompanhada pelo Alziro, por sua vez seguido pelos olhares dos curiosos, vão embrenhando se pelo espêsso matagal, existente no fundo da casa. A Puluca, com uma garrafa sobre a cabeça, e a Luiza que deixava vêr os seios impudicamente desabrochados no decóte, e a Amália da Barreira, ocupam o centro da roda.

E o Chico Bordão, um quinquagenario, lembrando-se «dos seus tempos», cantava sonoramente o

> Cincinato, abre os olhos,
> não deixa a policia *sabé*
> que na tua casa dança
> negrinha de *cruasé*
> .....

A animação da dança tocava ao auge, quando se ouve uma grande assoada, vinda do lado da

estrada geral. E era um debandar infrene, quédas, gritos de socôrro! acudam! fujam! Ahi vem o homem! Corram!

Era o Antonio Neves, que, evadido da cadeia da capital, se internára na Ilha, causando terrôr por onde passava. O homicida, diziam, acabára de perpetrar novo assassinato na pessoa do Manuel Maria, um encanecido cabôclo, que morava sósinho numa palhoça, na Moropoia; e agora, doida e esbaforidamente, corria a bom corrêr pelo santo lugar, empunhando uma faca ensanguentada. E do meio daquélla multidão não partia uma pessoa que se dispuzésse a desarmar e prender o delinquente, que desaparecêra, encaminhando-se, constava, lá p'ras bandas do sitio do Apicum.

Só depois de se ter a certeza de não estar mais naquelle sitio o criminoso foi que o Tiágo, sentindo a *sua* autoridade de inspector de quarteirão «desmoralisada», com a vóz estertorada e o olhar torvo, perverso e ameaçador, dizia querer ir ao encalço do Antonio Neves. Os companheiros opunham-se. Intimamente sabiam que o «mêdo por todas as juntas» constitua o apanagio daquella autoridade modêlo.

—Não vê, relutava, que eu fico desmoralisado!

Ou prenderei o touro, ou não serei mais autoridade aqui!

Depois de muita insistencia, o Tiágo cedeu. Não iria expôr a sua vida, concordava, na captura dum perdido, dum endemoninhado!

No arraial a tarde descia lentamente, mansamente. E os ruidos do tumulto vão-se pouco a pouco extinguindo. Poucas pessoas eram vistas. Anoitecia. O santo lugar adormecia já docemente entre os ultimos fogos do dia, que lhe punham na fronte uma corôa d'oiro.

E quando do campanario, alvo e esguio, partiram as vibrações do bronze, plangendo o ANJELUS, o sino, de voz cançada, de timbre um pouco triste, fez crescer a melancolia no espirito dos festeiros, que se recolheram a dormir, tomados do mêdo, do terror que ali reinava, ao mesmo tempo que uma psalmodia, lenta e monotona, partia do silencio da capella ensombrada pela quéda do dia.

*
* *

A' tarde cheia de alegria sucedêra uma noite triste, silenciosa e até inquietadora. O mêdo imperava naquelle suburbio dum modo indescritivel.

O amazonense e a sua comitiva recolheram-se. O Zé Lins não tendo aparecido para jantar, como prometêra, tomaram uma ligeira refeição, que correu friamente, e deitaram-se. Todos conciliaram o somno, menos o Jóca, que, farto de coragem e inquieto, ingeria calices e mais calices de *cognac*, a vêr se lhe abrandavam a violenta crispação de dôr. Via «naquelle desastre» um máu prenuncio á sua vida, até então sempre feliz. E culpava o Alziro e o Mariano, que tinham *inventado o tal Carimbó*. Fôra, com certêza, dizia, castigo do santo por «aquélla profanação». E, assim pensando, sacudia-se no tremuras de frio, e elle passeiava desencontradamente, agitadamente pelo aposento sem sabêr mesmo o que tinha, o que queria.

Tirou-o dessa aflição o capuchinho, o qual regressava da palhóça em que houvéra a terrivel tragedia de sangue, tendo ido dar a extrema-unção á victima do famigerado Antonio Neves, a qual, na ocasião em que este lhe vibrára a mortifera facada caíra sem sentidos; tornando a si, quando já todos o julgavam morto, pedira que desejava confessar-se e perdoar ao assassino. Vieram então chamar o frade, e este, ao chegar á

palhóça, achou o moribundo, que já não falava, em estado de só ser ungido.

O capuchinho dissuadiu o Jóca das aprehensões que se lhe haviam incutido no cerebro, e recolheram-se ao leito. O Jóca dormia socegadamente, enquanto o frade, de minuto a minuto, ia sorvendo o *cognac*, cuja garrafa o seringueiro deixára a menos de meio. Terminada esta, passou para uma outra de *munim*, esvasiando-a tambem. E depois roncou.

* * *

Alvorecêra. Era o dia do regresso do Jóca e dos seus companheiros. Já os carros da roça estavam sendo carregados de bagagem, e os animaes a postos, para serem atrelados. No fundo da bella bahia de S. José, do lado dos Mosquitos, avista-se um fumo como que partindo dum vulcão.

E' vapor! E' vapor! gritaram todos alegremente.

Foi um reboliço extraordinario. O Jóca, que no seu intimo estava receioso de encontrar-se no caminho com o Antonio Neves, ficou radiante de satisfação. Estava resolvido: despacharia os carros

e iria por mar; quem quizesse ir por terra, acompanhando o Flodoardo com a sua gente, que fôsse. Elle é que «não era lorpa». Fez que o Trancoso providenciasse para as bagagens irem seguindo para a rampa.

E o vapor, aproximando-se, silvava estridentemente. Fundeou. Havia voltado do Icatú, e como tivesse de aguardar o «reponto da maré», no Estreito, os passageiros lembraram ao commandante que mais valeria ir até aquelle santo lugar, donde partiria quatro horas depois. Estas informações foram dadas ao Trancoso pelo Feitosa, maquinista, que havia ido a terra comprar melancias.

Trataram logo do embarque. E o capuchinho, que, com o *cognac* e a *munim*, tomára uma tremenda carraspana, não se queria levantar. Foi com muita relutancia que tal conseguiram, e foi quase arrastado que o frade entrou na Ermida, onde balbuciou ligeiramente a sua prece, seguindo para embarcar entre os braços do *frei* Lucas e do Paulo Pequeno. Todos se riam do caminhar tropego do frade; até os dois *Manézinhos* e o Novaes, cegos, consideravam, gaudiamente, com «que cara estaria o frade». Já estavam todos na rampa, quando deram por falta de Alziro. Esperaram

ainda um bom tempo; mas, fazendo-se tarde, seguiram para bórdo, todos concórdes em que o «prestavel rapaz» partira por terra.

O vapor deslisava calma e serenamente pela vasta bahia, o frade vendo na coagulação de barcos, que nella havia,—gondolas nas praias italianas. E o Alziro, com grande satisfação dos romeiros, aparecêra tambem a bórdo entre elles. Fôra o primeiro a embarcar, assim que o vapor fundeou. Ainda tinha recordações, dizia, da carreira que o Torquato Milhão lhe déra, e do susto que a *Manguda* lhe causára. Por isso, sabendo que o Antonio Neves errava pela estrada, não se iria expôr a dar uma terceira carreira, ou—quem sabe?—a ter a mesma sorte do pobre velho Manuel Maria, da Moropoia.

Emquanto iam todos satisfeitos no veloz barco, o Atanázio, o Mariano e o Tiágo, na rampa, contemplavam-o a fumegar, já quase impercetivel. E o Flodoardo, com a *sua* gente, tornava ao «seu cantinho», de onde, dizia, não sairía tão cêdo, temendo a faca do Antonio Neves.

A Vespasiana Ramos

O DISCURSO DO FABRICIO

A classe commercial fizéra naquella tarde uma estupenda manifestação de regosijo pelo advento da nova fórma de govêrno.

Do largo dos Remédios partira uma grande procissão cívica, em que se ostentavam carros allegóricos, andôres com bustos dos principaes propagandistas republicanos, pintados a oleo; bandeiras de todas as Repúblicas do universo; deusas da Justiça, do Commercio e Lavoira, da República; um indio, representando o Brasil, e deuses mithológicos: Marte, Minerva, Apollo, Mercúrio, Diana e outros. Caudalosos rios de dinheiro foram gastos para revestir de tão esplendorosa pompa a passeata dos commerciantes, que propositalmente se aguardaram para serem os últimos a cantar hosannas á República nascente. E o rutilante préstito, depois de percorrêr galhardamente as principaes ruas e praças da cidade, recolheu-se ao Teatro S. Luis, onde, á noite, houve imponente

sessão solenne, a que assistiu, além do govêrno provisório, a delegação de todas as classes sociaes.

Entre os oradores inscritos, achava-se o Fabricio, chefe duma das oficinas da Usina Maranhense, homem de illustração acima do vulgar. O seu nome, conhecido em todas as sociedades, era acatado reverentemente. O Fabricio fôra presidente do Club Abolicionista e, na Usina, se os operários tivessem uma instrucção regular, teria, inspirado pelo seu sabêr, conquistado um lugar preeminente; levantaria, se quizesse, um partido, tal a céga abnegação que por elle tinham. Acercava-se daquelles que, pela sua intelligencia, o poderiam compreender e explicava-lhe, fundado na sua farta e variada leitura, a República, que elle considerava a melhor fórma de govêrno para um paiz. Prégava-a com uma eloquencia em nada inferiôr á dos melhores tribunos. E, dos que o podiam entendêr nessas prédicas, só um, o João Cadête, divergia das suas idéas. Todas as vezes que o fervoroso repúblico terminava, na Usina, as suas «palestras doutrinárias», o Cadête respondia-lhe :

—Qual, *seu* Fabricio, se «isto aqui chegar a

ser República», algum dia, muita gente apanha bôlo e você vai á cadeia!

Ainda no dia em que o telégrafo trouxe a sensacional noticia de que a República passára a regêr os habitantes das brasilicas terras, o Fabricio, opulentamente possuido de alegria, esfregando as mãos, chegou-se sorridente ao Cadête, e disse-lhe:

—E' agora que você vai vêr o que é govêrno! Vamos navegar em mar de rosas!

— E' agora, retorquiu o Cadête, que você vai á Cadeia e que muita gente apanha bôlo! Vamos navegar em mar de espinhos!

* * *

O pessoal da Usina ocupava grande parte do Teatro e estava relijiosamente empenhado em ouvir o discurso do Fabricio. Afirmava-se que este, não fazendo caso do amordaçamento da imprensa e do mêdo então reinante, iria dizêr, «nas chinchas» do govêrno, o seu sentir, lançar o seu protesto pelos grandes desmandos, protesto que exprimiria o mais verdadeiro sentimento popular.

Assomando á tribuna, o Fabricio foi recebido

por uma estridente salva de palmas, que rumorejou altisonante pelo abobadado edificio, ao contrário do que o auditório, superiôr á lotação da casa, fizéra com os oradôres que o precederam e que foram recebidos friamente.

Diante da estrepitosa manifestação que o pôvo lhe faz, o tribuno deixa transparecêr a commoção, dominando-se, porém. Fitando a enorme massa popular, que incessantemente o aclama, como que procura perscrutar o que vai na alma do pôvo, o que elle sentia e o que ia de sincéro nas constantes e vivas aclamações.

E a multidão, de instante a instante, agita-se sofregamente; todos como que anciam pela palavra do oradôr; sente-se que aquelles milhares de cerebros teem o mesmo objectivo, o mesmo desêjo.

Faz-se, finalmente, o silencio; e a palavra do oradôr, temida e querida, é escutada. Fluente, emocionante, carinhôso umas vezes, causticante outras, vai dominando o auditório, que, compacto, se acotovelava.

O pôvo, agora, mudo e quieto, sentindo vibrar a sua alma ás palavras do Fabricio, ouvia-o atentamente, embaladamente prêso ao silencio; aquêlle

discurso, em que ironicamente era feito um verdadeiro libello de acusação aos membros do govêrno provisório, era tambem o porta-vóz das angustias de todos aquêlles corações.

E quando o ardorôso oradôr compreendeu que tinha por si a grande massa popular e que, pela palavra, dominára essa avalanche de sêres vivos e pensantes, perorou :-Concidadãos! Esta fórma de govêrno que ora nos felicita, de República só tem o rótulo! A República, como deve ser, ainda não a temos, pois os bôlos estão chovendo nos postos policiaes, e, cidadãos livres, como somos, nós, os brasileiros, assistimos ao degradante espectáculo de vêr os nossos irmãos com as cabêças raspadas á navalha, a um simples aceno do Queirós! Abaixo os tirannos! Viva a *futura* República!

A grandiosa assistencia avermelhou as mãos e enrouqueceu se, tão estridentes foram os aplausos com que ella abafou as últimas palavras do vibrante oradôr.

* * *

O Fabricio, ao deixar a tribuna, erguida no

palco do S. Luis, avaliava a profunda impressão produzida pelo seu discurso no espírito público, mas não supunha, não calculava o ódio que havia causado aos governantes. Por isso, não foi sem grande estranheza que, ao chegar á casa de sua residencia, viu, formado á porta, um pelotão de policiaes que o esperavam. Prêso, sem resistir, deixou-se conduzir placidamente á presença dos membros do govêrno provisório, cujos actos foram por elle, instantes antes, criticados acerbamente, violentamente.

A sua fisionomia, naquêlle momento, estava revestida da mais dolorosa impressão. Desditôso contraste! Uma hora antes, quando muito, o Fabricio recebia as unanimes aclamações dum pôvo, por intermedio de representantes de todas as classes sociaes, e estava radiante de glória, enlevado, satisfeitissimo, por ter cumprido um dos mais meritórios devêres—advogar a causa do pôvo. Agora, estava como que diante dum tribunal, mas não dum tribunal digno dêsse nome. Atiravam-lhe toda sorte de improperios, insultavam-o baixa e torpemente, e elle, impotente para se defender diante daquelles espiritos neronianos, submetia-se,

e, resignadamente, ouvia tudo. Ainda tentou justificar-se, dizendo timidamente:

—Eu pensava que a liberdade da palavra me seria mantida, como cidadão que sou...

—E *tu* ousas fallar em liberdade, por ventura ? ! atalhou encolerizado um dos governantes.

E o Fabricio, o «arrojado que tão atrevidamente ousára criticar os actos do govêrno», chamando para este a ira e o clamor públicos, foi mandado levar a prisão, ficando incommunicavel, como se fôsse réu de crime nefando.

O Club Abolicionista, de que o Fabricio fôra presidente, gosava de grande simpatia e popularidade. Não pequena foi, por isso, a indignação que causou o procedimento do govêrno, mandando prendêr o seu *factotum*. O pôvo, satisfeito com a noticia da nomeação dum governador, que viria do Rio de Janeiro, estava dispôsto a dar comêço á reação. Ao demais, constava que a canhoneira *Trairipe*, que guardava o pôrto de S. Luis, ficaria neutra ante qualquer movimento, em virtude de divergencia do seu commandante com o govêrno. Na capital da Republica eram com vehemencia prôfligados os desmandos dos que, no Maranhão, dirigiam a barca governamental; e, portanto, qualquer

reação, não importava por que classe, teria os aplausos e o auxilio do pôvo e as fôrças seriam impotentes para contê-lo.

Ou fôsse por temêr uma rebellião, ou por solicitação da directoria do Club, ou ainda por se arrepender da violencia, o certo é que o govêrno mandou soltar o Fabricio, logo ao alvorecêr do dia seguinte.

Centenas de pessôas, numa crescente romaria, se encaminharam para a casa da victima, apresentando-lhes todos «os seus cumprimentos pela sua liberdade» e os seus protestos da mais «franca e imquebrantavel solidariedade».

E, quando nesse mesmo dia, o Fabricio compareceu na Usina, era de vêr os co operários, num concerto harmoniôso, correrem presurosos a dar-lhe os parabens pelo discurso, cujo brilhante sucésso a prisão nem siquer de leve conseguira ofuscar. O Graciliano, um dos seus admiradôres incondicionaes, classificou o oradôr de «grande mártir», e numa insistencia viva pedia-lhe o original da vibrante peça, afim de remetê-la para a Côrte (elle ainda se não havia acostumado a chamar Capital Federal), onde seria publicada na *Tribuna Liberal*, do Laét. A Côrte inteira, e o estran-

jeiro, depois, ficariam sabendo das horripilantes barbarias e das inqualificáveis violencias póstas em prática na sua terra; o capitão Queirós, o deshumano delegado, seria chamado á presença do ministro da guerra e quem sabe se não iria «dar com os costados em Fernando de Noronha»!...

Mas o Fabricio negava-se peremptoriamente a franquear ao Graciliano as tiras em que foram esculpidas as ricas e preciosas frases que constituiram o seu discurso, cuja fama resoava pela cidade toda. Guardá-las ia como uma reliquia dum valôr inestimavel, para atestar aos pósteros o quanto tinha sido infeliz o seu torrão natal no termino de 89. E o Graciliano, respeitando as «justas considerações» do seu companheiro, do «reivindicadôr da liberdade», desistiu do seu proposito, não sem grande desgôsto, por não podêr, pela fórma que desejava, «dar uma lavagem na canalha», lá mesmo «nas barbas do Deodoro».

Chegada que foi a vêz do João Cadête trazer os seus cumprimentos ao Fabricio, destacou-se bem do grupo, e, em alta voz, falou, saboreando o seu prenuncio:

—Então, *seu* Fabricio, que lhe dizia eu?

—Muitas coisas, *seu* Cadête, bôas e más...

—Não, *seu* Fabricio, nada de subterfugios, fale verdade. Eu não lhe dizia que «quando isto aqui fôsse República», muita gente apanharia bôlo e você iria á Cadeia ? !

—Ora, *seu* Cadête, isto são infelicidades da vida !...

Novembro—1903.

A Antonio Lôbo

O DOMINGO DAS MARAMALDOS

(SCENAS DA VIDA DEVÓTA)

Acabára-se o almôço na residencia das Maramaldos, as senhoras Estefania e Joaquina, duas solteironas, primas, muito unidas, como que irmans gemeas, as quaes palitavam os dentes, confortavelmente installadas em cadeiras de balanço, esperando pelo chá.

Uma rumorosa palma estrugiu no corredor e, cessando o éco, ouviu-se numa vóz não desconhecida na casa:—Licença p'ra uma criada.

—Esta casa é sua, exclamaram unisonas as duas senhoras, acrescentando a dona Estefania.

—Que é feito da sua pessoa? Já se vende tão cara! Já se quebraram os dentes dos cachorros que lhe morderam nesta choupana...

—Quem é vivo sempre aparece... Falta de tempo...

—Não ha desculpas, *sua* ingrata! atalhou dona Estefania. Sente-se. O seu pai não foi bom cavalleiro, mais ainda se arranja um pouco de quei-

mado. E olhe que não é arrôs inglês. E' cá da terra.

—Nada, nada de incommodos. Uma chicarazinha de café, e estarei servida, respondeu a visitante.

—O' Clara! chamou dona Estefania. E apparecendo imediatamente a Clara, a criada da casa, a ama ordenou-lhe que preparasse café para a *nhá* Francelina.

Era *nhá* Francelina uma mulher dos seus cincoenta annos, mais ou menos, que levava a sua vida a frequentar todos os actos relijiosos. Disso provinham as suas relações com as principaes familias que eram assiduas no cumprimento dos seus deveres de bons católicos.

Nhá Francelina visitava-as aos domingos, depois de ouvir a *sua* missa, almoçando sempre com uma das visitadas, previamente escolhida, de modo a não ser a filança do almoço na mesma casa dois domingos seguidos.

A casa das Maramaldos era uma daquellas em que gosava de mais liberdade, frequentando-a de preferencia a outras, segundo ella propria o afirmava. Havia, porem, cerca duns três mezes que por lá não aparecia. A ultima vez que visitou as

Maramaldos teve a infelicidade de encontrar-se lá com o Quincas, um rapaz do commercio, livre pensador, muito intimo da casa, que, conhecendo o seu horror por quem falava contra os ministros de Christo, passou ironicamente uma sarabanda nos clerigos.

E a mulher, sem se despedir das donas da casa, saíu fula de raiva, babujando esconjuros. No dia seguinte mandou o Lourenço, seu sobrinho, pedir muitas desculpas ás senhoras, dizendo que ella se retirára por aquella brusca forma, porque, se respondesse ao «atêu» perderia a virtude da missa que acabára de ouvir. Não que lhe faltasse resposta, mas por intimo respeito ao dia de Domingo. As Maramaldos mandaram-lhe dizer que não visse naquillo ofensa, pois o rapaz estava a gracejar,—e que aparecesse para a conversa.

Mas a Francelina pretextara, embora sem quebrar as relações, não ir lá tão cêdo ou talvez nunca mais. E aquella scena não lhe saía do pensamento. Chegava ás vezes a exprobar as duas senhoras, duvidando do seu sentimento católico, pois dizia:—se ellas fossem verdadeiramente da parte de Deus, como eu, aquelle pelintra não diria ali nem metade do que disse. Que desaforo! ex-

clamava. E ainda se riram! E' graça, é graça do doutorzinho! Quem sabe se eu nunca vi doutor?! E doutor direito! Não é cá esse que ellas chamam doutor, quando todo o mundo sabe que elle não o é. Se é por lêr muito, ninguem lia mais do que sinhô Zéquinha, formado na Côrte, que eu, o primeiro anno que elle foi para lá, acompanheio-o, e o menino sempre ás voltas com os livros e sempre temente a Deus.

Era essa a sua litania diaria, ora comsigo mesmo, ora nas outras casas a que ia. Não perdoava ao Quincas.

Finalmente, num domingo, encontrou-se, depois duma missa celebrada na igreja do Rosario, de madrugada, com as duas senhoras, no adro da ermida. Abordaram-na, e ella, depois de muitas evasivas, tentando esconder o verdadeiro motivo do *seu* afastamento, prometeu-lhes uma visita. Pela sua parte, disse ao despedir-se, estava tudo acabado; mas como perguntar «nem sempre é pecado» ella desejava saber se o hereje ainda lá ia. Responderam-lhe que elle estava no interior, a serviço da casa em que era empregado. Então um sorriso de satisfação brilhou no rosto da Francelina, que se despediu retirando-se.

Era, portanto, depois dos arrufos, a primeira visita que a reconciliada fazia ás suas amigas. Parecia esquecida do que houvera, e as Maramaldos, por sua vez, não fizeram allusão ao caso.

—Conte-nos, *nhá* Francelina, alguma coisa de novo, pediram as duas matronas.

—Voçuncês é que me devem contar. Eu nada sei, a não ser que a missa hoje cantada foi missa nova, vinda da Bahia, e que se ensaiou em duas semanas. A igrèja estava repleta, as vozes muito afinadas, houve pratica e benção de S. Francisco. O Carmo é que dá a letra, como bem diz o Ramiro. Voçuncês não foram hoje á missa, aposto.

—Fomos, fomos de madrugada a Santo Antonio.

Então a mulher pòz-se a contar o motivo por que pouco ia agora á missa pela madrugada. Já por diversas vezes, acordando sobresaltada, encaminhava-se ás pressas para a igreja (era sempre a de Santo Antonio), guiada pela lua «bonita e clara como o dia», e deparava o templo ainda fechado. Nem viva alma por ali havia. Eram duas horas da manhan ainda, e, com mêdo de tornar a casa, e tambem de ficar na porta da ermida, preferia este ultimo alvitre, esperando que passassem as duas

boras que ainda restavam para «dobrar a missa». Outra vez fôra um grupo de vagabundos e bebedos, que, vindos da banda do Silva Santos, entenderam de apedreja la no bêco do Ascanio. Finalmente, num Domingo Gordo, um grupo de mascarados «immundos e ordinarios» despojaram na do sea chale em pleno largo de S. João, nas barbas da policia.

A' vista desses factos tomára a resolução de só ir á missa já com o dia claro.

—*Nhá* Francelina, que é de dona Camilla? perguntou lhe dona Joaquina.

—Não a tenho visto, sinhá. Ella agora está arribada do Carmo. Está toda das Mercês. Francelina é que lá não vae. Se antes eu não ia, quanto mais agora, que anda por lá uma intriga medonha entre as irmans do Coração de Maria ..

—Mas, atalhou dona Estefania, a propria dona Camilla foi quem me disse aqui que já estava tudo serenado, e que o mobil de tudo fôra o roubo do navio de prata da imagem de Santa Maria do Socôrro.

—Sim, eu sei, retorquiu a Francelina. Quem não as conhecer que as compre. O que eu quero é viver afastada dos libambos, e é por isso que as

minhas igrejas agóra são: o Carmo, Santo Antonio, Rosario (no mês de outubro) e o Convento, uma vêz ou outra.

—*Nhá* Francelina, quem'stá varrendo o Carmo agora, você sabe?

—Ora quem ha de ser! A Perpetua e *tia* Gertrudes. Com a desculpa da varrição, entram no cafésinho com pão, adubado de manteiga, e, quando Deus quer, alguma tóra de queijo com um copazio de vinho, tudo que os frades—bons corações!—lhes dão. E depois falam da gente, e mesmo dos proprios frades! Ainda outro dia eu soube duma da *tia* Gertrudes! Mas... como em bòca calada não entra mosca!...

—E no Desterro, *nhá* Francelina, quê houve por lá?

—È è sinhá! Então voçunçês ainda não sabem?! Foi uma grande *disgraça*, minhas senhoras! Aonde chegamos! E que cinismo, e que descaramento!

—Mas... que foi?!

—Um verdadeiro *sacrileque*, uma semvergonhice! O sacristão ..

—Sacrilegio, emendou dona Estefania.

—O sacristão, aquelle compadre de *nhá* Chica,

que tem amisade com o Miguel, filho da defunta Marcelina, com uma mulher—uma *indigna*, de quem até me esquece o nome,—estavam sósinhos lá na igreja, ás escuras, ás 7 horas da noite!... De modo que agora sinhô Bispo fêz lá tambem o .. o... Como é o nome dessa historia que elle fez na Conceição ?

—O interdito, diz dona Joaquina.

—O *intedito*, é verdade, o *intedito*. Vejam só! 'Stá bem livre que no Carmo se dê disso!

Estava nesse pé a conversa, quando a Clara que, estava á janella, vem de carreira e, dirigindo-se para abrir o cancelão, annunciou:

—Aí vem dona Camila, com a Amalia.

—Falando no sineiro e o sino a tocar! exclama dona Estefania.

Ergueram-se as duas senhoras e foram ao encontro das visitas.

—Que alma se salvou?! Julgava-mo la de mal comnôsco ..

Que mal, que nada! Vocês é que não acharam um cristão para mandar saber deste cachôrro, que esteve tão doente, e trabalhando assim mesmo!

—Ora, dona Camilla, diz dona Joaquina, quando se está doente não se trabalha. Por isso vejo

que a sua doença não foi dessas a que se chama graves.

Grave, propriamente, não; mas fôra de inspirar cuidados. Como, porém, ella se comprometêra a fazer as seis palmas para o altar de N. S. das Dôres, nas Mercês, e não queria faltar ao prometido, não pudéra atirar com os quartos á cama para um tratamento sério. Graças a Deus, já estava capaz de outra. Além de que as suas amigas bem sabiam que ella não entregava seu côrpo á doença...

A dona Estefania, então, desculpou-se de não ter mandado saber della. A Clara pouco tempo tinha para ir lá. E ao demais a Amalia, sua afilhada, tendo-se encontrado com ella no Canto Pequeno, bem na esquina da loja do Bento, nada lhe disséra.

—Esta Amalia é assim mesmo—é uma cabeça de vento. Mas, no fundo é boazinha. Ella bem que me ajuda, e, no trabalho das flôres, póde-se-lhe passar diploma...

—Bom, já me vou chegando, diz a Francelina. Dão licença?

—Então já se vai? perguntam, ao mesmo tempo, as duas primas.

—E com a nossa chegada? interrogou tambem dona Camilla.

Mas a Francellina ia-se despedindo, pretextando devêres a cumprir e prometendo aparecer sempre.

A mulher não vira com bons olhos a visita da dona Camilla, e era essa a verdadeira causa da sua retirada.

Então as senhoras continuaram a conversação com dona Camilla, que lhes indagou logo se não haviam sabido pela Francelina do que houvéra no Carmo, na semana ultima, e que era a «ordem do dia» em todas as bôcas. As Maramaldos responderam-lhe nada saber, e que muito lhes interessava que ella lhes contasse minuciosamente.

—Um rolão, minhas amigas! E contou: A *coisa* fôra entre cantôras De pouca monta, a principio, tornára-se séria por fim, sendo preciso a intervenção do frei Martinho. Uma cantôra dirigira uma frase insultuósa a uma outra, que, enraivecendo-se, lhe roçára o rôsto com o guarda-sol. E da confusão estabelecida resultou uma tremenda assuada por parte dum grupo de rapazes que se achavam no adro e que vaiaram o frade conciliante, que, num impeto de zanga, traçando o habito nas pernas, desafiou-os a repetirem a mófa atirada. Os rapazes, amedrontados, calaram-se, e

o frade ordenou-lhes que se retirassem, que elle não queria ajuntamento na porta da igreja. E as cantôras brigantes fôram mandadas para os seus penates, sendo seguidas por pessôas da mais inteira confiança do frade. E depois de tudo terminado, segundo me consta, concluia, o piquete de cavallaria foi lá ter. Vejam só que escandalo, que vergonha!

Outra coisa que ella todos os dias está a prevêr. Ainda haveria, numa procissão, um grande desaguizado de irmandade com irmandade. O caso éra:—todas as vêzes que havia procissão a saír do Carmo, convidavam-se as diversas irmandades, que eram muito bem tratadas, ao passo que, quando a irmandade do Carmo, ia a qualquer procissão, as pessôas das outras irmandades punham-se a fazer-lhe picardias, chamando os irmãos de «caras escuras». Era um desafôro!—Seremos nós, as irmans do Carmo, culpadas do rito ordenar que seja esse o nosso distintivo?!...

E, afectando conhecimentos liturgicos, continuava.

—Somos as unicas que cumprimos religiosamente os devêres do rito. Seguimos cabisbaixas, sem ter que estar a olhar para um ou outro lado,

durante o giro da procissão, evitando encarar com os profanos, como muito bem nos ensina frei Milano. Mas quem tem a culpa são muitas irmans novas do Carmo, que não teem sentimentos catolicos. Ainda outro dia, quando o padre Maia «foi nomeado beneficiado», era uma galhofa na sacristia que parecia mais um bastidôr de teatro! E' essa gentinha quem faz tudo. Por essa e por outras é que eu não quero ir mais ao Carmo.

Agora, nas Mercês, estou livre daquella gente!

—Com efeito, se assim é, tem a senhora razão, dona Camila.

—E não é só isso, retorquiu esta. Quando eu digo que ha intriga! A dona Esmeralda, ali, naquèlle Carmo, é uma baronêsa. Vive a impostur ar com todo mundo. Ainda na primeira sexta-feira do mês eu soube que elia levou carão por estar a resingar com a Silvéria, por causa de lugar, e a Silvéria, que é das minhas, e que não tem papas na lingua, disse-lhe tambem todas, e ella zangou-se e foi «disque dar parte» a frei Manso. Foi buscar lan e saiu tosquiada, pois o frade passou-lhe um repelão!

—E' verdade, dona Camila, acudiu dona Joaquina, *disque* os frades fizeram uma fala, uma fala

propriamente não... um... um pedido p'ra aquélla gente, que, depois da réza terminada, fica lá a conversar, rogando-lhe que, atendendo á despeza que elles faziam com o consumo do gaz, não se demorassem na igreja ?

—Já ouvi dizer isso, mas não sei se foi certo. o que não seria sem razão. Pois então, dona Joaquina, tem lá geito ?! a réza termina ás 8 horas, e dão 9 horas e ainda estão lá a tagarelar sobre a vida do proximo! Aquélla gente não tem brio!

—Mas quaes são as pessoas que lá ficam ?

—Ora quaes são ?! São sempre as mesmas do grupinho: dona Esmeralda, a Silvéria, a Olegária, a Firmina, dona Carlota, *nhá* Catarina, *tia* Fé, *nhá* Benedicta, *nhá* Esperança... *nhá* Francelina...

—Ah! *nhá* Francelina tambem ? pergunta dona Estefania. E não nos disse nada, a maròta!

—Sim; ella mesma é que ia contar. Se a coisa lhe tocou... Mas apósto em como tratou do navio de Santa Maria do Socôrro! São bem boas as minhas collegas, as senhoras carmelitas! *Nhá* Francelina pensa que eu me esqueci do que ella me fez no dia do Perdão de Assiz ?

—Ah! ah! ah! nem sabem do que me lembrei! disse, rindo fortemente, a Amalia. Por

falar em Perdão de Assiz, lembrei-me duma muito bôa. Ontem fui a casa da Leopoldina, que fez annos; e quem havia de estar lá ? O Francisquinho, o *pozitivista*. Como de costume, a conversação delle encaminhou-se contra os frades, e o moço, entre outras tolices, saiu-se-me com esta :

—Então os frades já se vão chegando ao rêlho, pouco a pouco ?...

—Que rêlho ? ! Elles são escravos ? perguntei-lhe.

—Não deixam de ser, respondeu-me. Mas da igreja, bem entendido. Faço-lhes esta justiça, á vista do que elles prégam.

—Bom, deixe-se de historias que não adiantam, disse-lhe. Conte lá a sua prependa. E narrou :

—«Chegam-se ao rêlho, já. No dia em que se inaugurou na Escola Normal o retrato do Porciuncula, os frades tambem fizeram no Carmo o «Sermão da Porciuncula ou Perdão de Assiz». Ainda bem que se chegam. Assim vão bem ! Festa civica ! festa civica ! E' comigo, não ha duvida !» E eu, sabendo que não era este o primeiro anno que se fazia Jubilêu da Porciuncula, no Carmo, ri-me gostosamente de mais essa cincada do desfrutavel e ridiculo Francisquinho.

As senhoras entreolharam-se no correr da narrativa da Amalia; e dona Estefania perguntou logo á dona Camila quem era «esse Porciuncula», cujo retrato se inaugurára na Escola Normal. A dona Camila respondeu que o conhecêra, quando fôra presidente do Maranhão...

—Governadôr, emendou dona Joaquina.

.. e que falecêra ha cêrca dum anno no Rio de Janeiro. Fôra elle o fundadôr da Escola Normal do Maranhão, em cuja escola quiz que o finado frei Caetano ensinasse pedagogia, tendo-se o frade recusado aceitar a cadeira; a collocação do retrato nêste estabelecimento visava, certamente, perpetuar-lhe a memoria. Mas, concluía, esse negocio do retrato e do perdão no mesmo dia, estava a dar-lhe na paciencia. Tiraria isso a limpo com o frei Milano, pois ignorava se seria «coincidencia ou confraternisação . »

Bateram á porta. A Clara annunciou dona Mariquinhas Gusmão. Esta, entrando, cumprimentou prazenteiramente a todos, dizendo logo á dona Estefania que mandasse deitar uma canéca d'agua ao fôgo, visto que ia filar-lhes a janta, ao que a dona Estefania respondeu que: «onde comiam cinco, comeriam tambem seis» pelo menos era

esse o adagio, e com o qual ella estava de pleno acôrdo, de completa concordancia.

—*Justus*, retorquiu a dona Mariquinhas. E esta é uma das poucas casas de familia que, no Maranhão, não se submeteu á lei da criadagem,—o almôço ajantarado, aos Domingos. Os criados não se quizeram submetêr ás cadernetas impostas pela policia, mas quase todas as familias, capitulam diante da lei do ajantarado! *O' tempora ó mores* . .

—Xentes! como a dona Mariquinhas manêja o latim! A senhora é afilhada do Sotero ou do Trajano? interroga a dona Camila.

—Infelizmente, não. Conheci-os apenas. A senhora sabe que quem muito lê e réza. . .familiariza-se por força... Mas vamos ao que nos convém. Conte-nos o que ha de novo, dona Camila,—a senhora, que já trocou o nosso Carmo pelas Mercês.

—Troquei, propriamente, não. E' que, como a senhora sabe, cança-me muito subir escadas e como, em materia de relijião, para mim tudo é gôsto, prefiro dar maior caminhada e ir ter ás Mercês, onde não ha escadas . .

—Mas ha a meninada do Liceu ali junto, adiantou dona Joaquina.

—Ah! isso tambem havia no Carmo, nos bons tempos! retorquiu a dona Mariquinhas Gusmão, e nunca me fizeram cousa alguma.

—Ora, dona Mariquinhas, nem diga isso, tornou dona Joaquina. Naquêlle tempo o Carmo não era o Carmo, a não ser pela festa de Santa Filomena ou pela Quaresma.

* * *

A dona Estefania ordenou á Clara que puzesse o jantar na mêsa, para «se acabar cêdo com a arrumação». Houve um arrastar de cadeiras e um rumôr de pratos, cópos e talhéres; a principio nada se ouvia, não ser o ruido que faziam com os labios, ao sorvêr a sôpa de arrôs, com rodélas de paio. Foi a dona Mariquinhas quem quebrou o silencio, fazendo um elogio a sôpa, e terminando por manifestar a sua admiração pelas iguarias de que se serviam os frades.

—Lá isso é, concordou dona Camila. Tratam-se os santos homens, tratam-se bem, lá isso é! E que vinho! que queijo! O Lopes que o diga, elle que já provou um pouco de tudo!

—Até nisso se nota o gôsto dêsses virtuósos homens, opinava dona Mariquinhas Gusmão. São aptos para tudo. E ainda bem que os mais incrédulos lhes reconhecem essa virtude. Se não fossem elles haveria igreja do Carmo, que já estava caíndo ? ! Entregue-se-lhes a igreja dos Remedios, com o resto dos cobres que tem e veremos...Não dou um anno, que a não levantem ! Já todos chamam-na «obra de Santa Engracia» !

A Clara trouxéra uma torta de camarão, cujo cheiro aguçava o apetite. E todos comeram do soberbo e apimentado prato, a dona Joaquina lastimando que a Clara se houvésse esquecido de deitar um pouco de hortelan, a «alma de toda e qualquer comida em que entrassem os mariscos».

—Sabe quem esteve aqui hoje, dona Mariquinhas? perguntou dona Estefania.

—Já sei. Foi a Francelina; ella disse-me ontem, á noite, depois da résa, que apareceria por cá. Não lhes contou a *falazinha* que o frei Martinho lhes fèz, outro dia? A coisa tocou-lhe um pouco tambem...

—Não nos contou. Soubemos já, mas por outra bôca. Passa-me o bife, Amalia.

E dona Mariquinhas, depois de elogiar mui-

tissimo os frades, considerou qne elles não tinham gente para os ajudar a proseguir na Santa Cruzada da Fé, terminando por dizer que quase toda aquella gente que lá vai não tem devoção. Era uma indignidade. Ella se um dia viésse a perder a Fé na sua relijião, o que Deus não permitisse, não entraria mais na igrêja. Depois, não tinha coragem para arrostar com os abelhudos reparos de dona Esmeralda e de outras devotas do Carmo, que vivem a bisbilhotar quando a gente passa uma semana sem se confessar. Na casa de Deus... não se deve cuidar da vida alheia. Mas qual! não havia meio de tirar o costume daquella gente, ainda que mil sermões se pregassem a esse respeito!

—Dona Mariquinhas, como ha de ser para obter um escapulário da Conceição? perguntou dona Joaquina.

—Agora é dificil, pois não se encontram. Os poucos que havia foram p'ras Filhas de Maria, que são agora as que estão na ponta, e que já encostaram as irmans do Coração de Jesus. Mas d'aqui a umas semanas os Salesianos mandarão nova remessa e então preveni-la-ei.

A dona Estefania rogou-lhe muito que se não

esquecêsse de, logo que chegassem, lhe obter tambem um ou mesmo dois.

—Não minha amiga, vae-se tomar lá!

—Eu fui uma das primeiras que tomei! exclamou dona Camila. Fui lá e, numa primeira sexta-feira do mês, tomei um com toda a ceremonia.

—Pois eu tambem irei, retorquiu a dona Estefania. Você sabe que eu não faço questão disso... Não quer farinha d'agua? Olhe que é da quitanda do Mané Zé, á rua de S. Pantaleão.

Dona Mariquinhas passou a narrar a sua costumada litania contra as «Filhas de Maria». Concordava que todas as sociedades se subdividissem; mas, na igrèja, achava que tal não devia acontecêr. Sempre fôra e continuaria a ser contra «esse negocio de distinções». Já na irmandade do Coração de Jesus houvéra um desaguizado por causa das velhas, especialmente as de côr prêta, quando não quizeram que ellas se misturassem com as môças, separação essa que Deus certamente não haveria de louvar... Aparecem agóra as «Filhas de Maria», com um luxo que Deus nos acuda! E a escolha? Tanto se hão de benzer que ha de haver narizes quebrados. E é uma exigencia!... Vestidos brancos, com gola azul celeste, e mais fitas,

tambem azues, sapatos do *degagé* e outras pinoias mais, de modo que quem fôr pobre não poderá entrar na casa de Deus. O que é certo é que a maior parte daquellas que lá vão não são levadas pela «relijiosidade». Exemplo: as Sodrés. Estas abandonaram logo o Coração de Jesus e já ontem as vi com as fitinhas verdes, distinctivo das aspirantes a «Filhas de Maria».

Ella bem que via como nas primeiras sexta-feiras do mês o Santo Antonio e o Convento estavam desertos; mas no dia da procissão do Coração de Jesus, era gente que se apresentava como irman que a igrèja nem comportava. O que querem é figurar, e mais nada! Em cada cem tiram-se cinco ou seis verdadeiramente da parte de Deus. Apreciava muito a nova confraria, não havia duvida, mas nunca abandonaria a do Coração de Jesus, com a sua fita encarnada da côr da capa da irmandade do Santissimo Sacramento, por uma azul que, embora da côr do céu, não lhe agradava absolutamente.

Além de que já o seu confessôr disséra que o Apostolado da Oração era como um «rio, que se enchia á proporção que o esvasiavam».

—Deus guarde a quem passa bem! Ponham

mais um prato na mèsa, que aqui estou ! gritaram do corredôr. Era o Quincas, que chegára do interiôr naquêlle dia. Passando por lá, dizia elle, entrára atraído, não sabia se pelas saudades com que estava das senhoras Maramaldos, as suas boas amigas, se pelo «faro da boia». O certo era que ali se achava, dentes afiados, queixos devorantes.

--Conte-nos o que viu por esse interiôr afóra, pediu-lhe dona Joaquina satisfeita.

O Quincas observou que não podia conversar, emquanto não entrasse na sôpa, pelo menos. Desculpassem-lhe a franquêsa...

—Não senhor, protestou dona Estefania. Esta é a casa do máu homem: quem não trabalha, não come. Enquanto não conversar, o que para nós equivale a trabalho, não comerá !

Diante da sentença proferida por uma das donas da casa o rapaz não teve remedio senão dar á lingua. E começou escolhendo para alvo a dona Camila sua conhecida antiga.

—Então como vae o catolicismo cá pela capital ? Por esses interiôres é uma lastima, nem padres *hão*. O que por lá existe é ainda o rastro luminoso da passagem do novo prelado, que, em visita pastoral, administrou toda a especie de sa-

cramentos que existir possa, creio mesmo que até o da «ordem», e, se mais mundo houvéra, lá chegára . Tambem não houve gallinheiros que não fornecessem o seu contingente, nem chiqueiro que não doasse aquêlle animal cuja carne é condemnada dêsde Moysés, que eu considéro um grande higienista... E aqui? Cada vêz mais por baixo, hein? Já se foi embora o Julio Maria? Então já temos mais um *frei*, o Defendente, hein, para couraçar a igreja contra os inimigos e consumir o bom vinho de Malaga, como diz o nosso Paixão? O diabo é que o governo mandou pôr em hasta publica o Convento do Carmo, agóra transformado em «Casa Rosada», e os moleques teem de se desempoleirar e .. *Italia nostra patria*, pois Alto Alegre babáu!

—Qual, menino, respondeu compassadamente dona Camila, roendo uma aza de gallinha guizada, a Fé, entre nós, é cada vez maior.

—Sim! A Fé!... Eu é que não a vejo. Uma cidade com cincoenta mil habitantes, em que, nos domingos em que ha résa numa igrèja, nas outras não ha concorrencia! Passe-me, senhora dona Mariquinhas, por obsequio, essa guizadeira que aí está aguçando-me...

Nenhuma das senhoras respondeu á observa-

ção do Quincas, que, triunfante, proseguiu nas suas chacótas.

—Já eu soube que o sino da igrêja de S. João, o celebre, que fez S. João dar um passeio ao Cáes da Sagração, já está collocado, mas que o som não afina com o dos outros já existentes. De modo que é um elemento dissonante. Tambem soube que a collocação dum sino é «uma arte», e que o emperiquitadôr do nôvo conclamante dos fieis aprendeu e foi diplomado num só dia sendo elogiado, assim numa especie de «ordem do dia»... Comamos, minhas senhoras, comamos, porque de nós será o reino dos céus!

—Qual, menino, você diz tudo isso só dos dentes para fóra, diz-lhe dona Joaquina. Quero saber em que relijião você foi batisado?!

—Foi porque eu ainda não tinha entendimento, e é por isso que os meus filhos, se os tiver, serão entregues ao registro civil e mais nada. Quando crescerem tomarão a relijião que lhes aprouver. E querem que eu, mudando de assunto, lhes diga uma coisa? As senhoras, talvês sem o saber, estão cometendo um pecado de que a Igrêja ainda não cogitou.

—Qual é? interrogaram todas a uma só voz.

—Estamos todos a comêr gallinhas com lentilhas.

—Ah ! ah ! ah ! riram-se todas. Onde está o pecado ? perguntou, admirada, a dona Mariquinhas.

—Frisante, minha senhóra, á nossa frente, aos nossos olhos, respondeu o moço. Então, continuou, as senhoras, católicas ortodoxas, ignoram que houve uma grande personagem da Igrêja que se vendeu por um prato de lentilhas !

—Oh ! que absurdo ! a Igreja prohibir que se comam lentilhas ! exclamou a dona Camila.

O rapaz, com essa resposta atoadamente dada pela senhora, sorriu e ainda ousou perguntar a dona Mariquinhas se elle não poderia fazêr parte da confraria das «Filhas de Maria».

O semblante da senhora annuveou-se duma sombra nêgra de zanga. Já um tanto enfiada, fêz que não ouvira, ao mesmo tempo que a dona Joaquina pedia á Clara que trouxésse o café, o que fez o Quincas exclamar:

—Vinde a nós, apreciado Moka !

O rapaz, tendo no rôsto, ao canto dos labios, grossos, um sorriso zombeteiro, indagou pela velha

Francelina, respondendo-lhe a dona Estefania que, dêsde o dia da troça que elle fizéra della, só lá voltára naquêlle domingo.

Serviu-se o café.

O Quincas, com um ar de prazêr, puxando do bôlso um charuto, e cortando com os dentes a ponta, soltou um olhar maliciôso para a Amália, e repoltreou-se confortavelmente numa cadeira de balanço, sorvendo com delicia o primeiro góle do aromatico liquido.

Acendeu um «Dannemann», sorveu outros góles do café e dispunha-se a continuar a conversação, quando a Clara, que tinha ido espreitar á janella, volta apressada, trazendo um avulso, que lhe fôra entregue pelo Machado, que andava a distribuir um volumôso maço delles.

—Sei já o que é, disse, tomando-o, a dona Mariquinhas. E' o apêlo dos confrades de S. Vicente de Paulo.

E era realmente. UMA SEMANA DE ABNEGAÇÃO, era a epigrafe que trazia.

—Quem assina? perguntou motejando o Quicas.

A senhora immediatamente lhe satisfez a cu-

riosidade, lendo-lhe o nome dos sete sinatarios do papel.

—São suspeitos ! exclamou o rapaz.

—Suspeitos ! ?

—Sim, senhora, suspeitos !

—Mas, Deus meu ! Pois não será dêsses abnegados cristãos que deveremos esperar a salvação das nossas almas, tão comprometidas entre tanta incredulidade que vai por ahi afóra ? ! Ora, menino, sêja coherente !

E passou á leitura do avulso.

—Ouça, por quem é, menino, ao menos este pedacinho, tocante e sugestivo:—«A prática de uma SEMANA DE ABNEGAÇÃO é de grande alcance para a educação cristan. Por ella vive a familia mais unida com Deus, parecendo estar sempre na presença d'Elle e dando no lar um bello exemplo de compaixão pelos que sofrem fome e nudez. .» Como isto cala nos nossos corações !—Mais est'outro:—«A esmola não empobrece a ninguem; antes pela promessa divina tem a recompensa de cem por um e o reino do Céu». —Guarde este precioso papel, dona Estefania, e pratiquemos a virtude que nelle se implora !

O Quincas, com um sorriso de escarneo, disse

que, se não dava a sua franca opinião sôbre o avulso, era só por não querêr abusar da hospitalidade leal e sincera que recebia das senhoras Maramaldos. Temia que, no calôr das suas expansões, se lhe escapasse alguma palavra que ofendêsse a sensibilidade e os sentimentos relijiosos dellas e das suas visitas.

* * *

Os sinos da igrêja de Santo Antonio badalejavam agóra a Ave Maria; o primeiro plangêr produziu como que um estremecimento em dona Camila, a qual, persinando-se, se ergueu e propôz que fossem todos á résa, até mesmo o Quincas. Este pediu muitas desculpas por não lhe ser possivel acompanhá-las, a não ser até ao canto da igrêja, visto que queria vêr se ainda encontrava uma cadeira para o S. Luis, onde ía á scena *A lagartixa,* que elle estava anciosamente doido por aplaudir.

—Pois vá, *seu* atêu, disse-lhe a dona Mariquinhas. Já estou inteirada do que é aquillo por lá, —uma heresia!

—E ainda ha quem gaste dinheiro com essas tolices, acrescentou a dona Camila, quando até nas repartições publicas estão installados cofres para a piedósa e santa obra de S. Vicente de Paula, cofres que, entram e saem mêses, continuam vazios! Para isso não ha dinheiro! Mas para os teatros aparece!

O Quincas, chupitando o seu charuto aromatico, aguardou que as senhóras se preparassem para a résa, o que não tardou.

Saíram todos. E compassadamente iam conversando, lastimando a dona Camila o estado actual dos sentimentos teologicos no Maranhão, que ella via cada vez mais decadentes.

—Está tudo ás avessas, dizia a dona Mariquinhas. Então não viram noutro dia, a procissão de N. S. dos Remedios?! A Santa foi ao Commercio, lá á Casa da Praça, saúda-lo! E o bonito era que estava no programma este pedacinho, que eu decorei:—«N. Senhora irá cumprimentar o respeitavel e honrado còrpo commercial!» Está isto escrito em letras redondas. Antigamente eram os negociantes, os lavradôres, os industriaes, que a tinham por protectòra, que iam lá aos Remedios orar aos pés da Virgem; hoje, se a Santa quizer que elles deem dinheiro para a conclusão da Er-

mida, tem de ir cumprimentá-los ! E' por isso que está a acontecer tanta coisa,—se é uma incredulidade geral ! Nas quitandas, sêjam de portuguêses ou de nacionaes, já se não encontra um cofre, sequer, de Santo Antonio, coisa que noutros tempos não deixava de haver !

A dona Camila, concordando com as observações da senhora dona Mariquinhas Gusmão, dizia-se admirada de algumas quitandas ainda terem cofres para a Santa Causa das Aguas de Ribamar por empenho do João Lús.

Chegaram ao canto do Ascanio. Despediram-se todos do Quincas, as Maramaldos pedindo-lhe que aparecêsse sempre, e a dona Mariquinhas recomendando-lhe que fosse mais crente, pois era muito bonito que um rapaz como elle fôsse fiel e temente a Deus.

—Sim, minhas caras amigas, e gostosamente. E demais onde se poderá passar um domingo melhor e mais confortavelmente do que entre as senhoras Maramaldos, onde fulguram sempre as figuras das senhoras donas Mariquinhas Gusmão, Camila e Amalinha ? !

E dirigiram-se todas para Santo Antonio, emquanto o Quincas, ouvindo os estridentes e clango-

rosos sons do bronze, que convocava os fieis, seguia apressadamente para o Teatro S. Luis, saboreando os gostósos e fartos domingos das piedosas senhoras Maramaldos e antegoasndo o grande regosijo de assistir a uma récita de espavento.

Maranhão, 1903.

A PESTE

I

A OPINIÃO DA EUSÉBIA

II

AS PRECES

A Francisco Lisbôa Filho

A opinião da Eusébia

—«Assim, minha comadre, depois que *seu* Benzinho Mendes lhe deu a sorte-grande, já ninguem tem licença de lhe pôr os olhos», dizia a Eusébia das Carneiros á Libania, de quem era, além de amiga e patricia, comadre, de fogueira, pois embora ambas levassem vida airada, nenhuma havia concorrido com uma só unidade para aumentar os algarismos da estatistica da população. Eram naturaes do Codó, escravas das Carneiros, tendo vindo para a capital por intermedio do *Caixa d'oculos*, que as vendeu ao capitalista Fagundes, o qual, na antevisão do aceleramento com que se aproximava a extinção do elemento servil, as libertou e outras suas escravas juntamente, rendendo-lhe o acto de filantropia um Hábito da Rosa.

A Eusébia, rapariga ainda moça, vivia alugada como cosinheira, em cujo oficio era eximia; gostava de dormir em casa dos patrões, não só

para melhor se esquivar de «metter-se com baralhos», o que nenhum lucro dava, como tambem para estar a «par das novidades»; não morria lá muito de amores pelos homens, apesar da sua corpulencia bem formada e dos seus fartos quadris.

A Libania, mulata cujo corpo era de feitura semelhante ao da sua parceira, gostava de viver amaziada, e nessa vidinha era notavel a sua predileção pelos *Manueis*. O Manuel Grande, a quem Deus haja, o Manuel Romêu, o Manuel Pimenta, o Manuel Bem-servido, o Manuel Pichôso, o Manuel Rabada e parece que até os dois *Manêzinhos*, todos a tiveram como apaixonada. Ultimamente amancebára-se com o Manuel Casimiro, e morava lá p'ras banda do *Filipinho;* vinha á cidade uma vez por outra, não deixando, em cada uma dessas excursões, de visitar a comadre. E como já fizesse muito tempo que não dava um ar de sua graça, foi que a Eusébia, que vinha da praia do Desterro, com uma cambada de peixes no balde, fez aquella observação, ao encontrar-se com a Libania, numa manhã, na Praça da Alegria, no canto da quitanda do João Pachóla.

—Qual, minha comadre, não me culpe. Você

bem sabe que, por mim, eu não estava naquella solidão!

—Vá dizendo p'ros outros, morda aqui!

E motejante apresentava o indicador á Libania. Não comprehendia como pudesse haver quem nos tempos presentes, ainda se escravizasse voluntariamente. Deixasse penar p'ra lá o Manuel Casimiro com os seus achaques de hemorroidas e viésse p'ra cidade, que *Manés* lhe não faltariam, aconselhava.

—Isso não, minha comadre, isso é que não faço, nem nunca farei. Quem come a carne é quem róe os ossos. Aturo-o, que remedio! Tratada a vela de libra, como sou, ninguem se atreverá a chamar-me ingrata, pois não darei pé para isso. Vou indo aguentando o meu boi *inté* quando Deus quizer...

—O que é de gosto regala a vida. Que eu vou fazer p'ra sua sorte? E, batendo nas costas da amiga, a Eusébia ria-se maliciosamente.

—Quando buzinar e que você fôr ao Açougue compre-me dois kilos de carne da maçan do peito, que eu quero levar p'ro sitio. Lá p'ro meio dia lhe aparecerei...

—Eh! eh! minha comadre, você «ainda 'stá

André na historia». Então você ainda não sabe que todos os dias se está botando carne fóra, por causa dessa doença que 'sta andando ahi? Você com aquèlle homem até está ficando «panema» ? E acercando-se mais da Libania, começou a narrar baixinho as «calamidades e as bandalheiras».

Não calculava a sua amiga a confusão e a trapalhada reinantes, a «despiadade» que andava pela cidade.

—Mas que vem a ser, minha comadre? perguntava amedrontada a predilecta dos *Manueis*.

Ella sabia lá explicar! Desde a historia da carne de vacca lá p'ras bandas do largo dos Amôres que a *coisa* aparecêra e disseram ser *peste borbonica*. Foi então que os moradores daquelle bairro fizeram as suas malas e «tiraram o corpo», deixando o lugar deserto completamente. Ninguem mais quizéra saber do peixe trazido á praia do Genipapeiro pelas canôas do Carneiro e de Florentino. Os cabôclos das bandas do Calhau e do Turú passavam de largo, e afrontando o vento esperto, com risco de ter os seus «cascos» alagados, iam ter á praia de Santo Antonio. Era um atropêlo da nossa morte. E depois o incommodo da gente sujeitar-se á tal *desinfeição!* Ella mesmo não consentiria tal coisa na

sua casa, se tivesse. Defumadôr por defumadôr bastava o que ella fazia todas as sextas-feiras, no *seu* quarto: um fogareiro pequeno de barro, um pouco de incenso, pastilhas e benjoim, uma lasquinha de páu de Angola, p'ra afugentar as bruxas, isto quanto á casa; e, quanto ao *seu* corpo: numa banheira d'agua do sereno uma infusão de murta, orisa, jardineira, folha-grossa, jasmin, tipi e uns dentinhos d'alho, e estava feito o negocio, *desinfeitados* casa e côrpo. Estavam tambem com uma historia de vacina, *chiringamento*, nas costas ou na barriga, o que não ia com ella, que se tratára de bexigas, em casa da Canuta e não vira tanto arreganho e tamanho alarido.

—Quê?! As coisas por cá estão assim?!

—E' o que lhe digo! E até porquinhos da China teem sido *chiringados*. Uma trapalhada dos trinta. Ainda bem não se acaba de morrêr da *cuja*, lá no *Jurujuba*, e a qualquer hora lá vai a gente, ainda quente, no carro do *Mãi da Lua*, caminho do *Gavião*. Cá para nós:—falou-se muito que uma menina, conduzida no «bahú negro», *seu* Furtado a encontrou de bruço!

—Virgem Maria! que barbaridade, meu Deus!

—Você ainda não viu o melhor... Pois até os pobres dos ratos, nascidos e criados ao Deus dará nos canos do Ribeirão, não foram mortos de surprêsa ? !... *Disque* deram combate nelles, tal qual como se faz no *Fandango* lá das Barraquinhas. A Joanna Páu-bonito, na rua da Fundição, teve de mudar-se ás pressas para tocarem fogo na palhoça onde ella morava. E no meio de tudo isto quem mais sofre, já se vê, é a pobresa... Os ricos se *arremedeiam*, não s'importam que a farinha e o jabá subam de preço... Era só que nos faltava, essa doença agora !

—E você não tem mêdo, minha comadre ?

—Eu ? ! *Oras quaes* ! Então você não me conhece ? Até me rio dessa patacoada. Os brancos lá em casa vivem toda hora ás voltas com *crioulinha*, o defumadôr da moda, quando nos tempos da bexiga doutôr Maia mandava que se queimasse brêu e mais brêu e a *coisa* foi-se. Hoje, é um angú, uma misturada, que até parece que a gente pega a *cuja* mais depressa... E' um reboliço, senhora ! *Seu* Gambôa, *seu Garvão, seu* Nazareth, na tal estufa, *Rezendo*, de tia Ignez de *prantão* na *Ingenhe,* lá na Escola Onze de Agosto, que já nem se fecha, e muitos homens de lá já nem pregam mais olhos.

Pela cidade, a toda hora, é um barulho de carro da nossa morte, e diz-se por bocas pequenas que o governo, só de carros, paga a *seu Batazá* cem mil reis por dia! O doutor que veio do Rio, disse que é *borbonica*, e tambem pegou; mas tem alguns doutores daqui, desses mais velhos e mais *aquilotados*, e ainda um outro lá da terra donde vem português p'ra cá, que disseram lá p'rôs meus brancos que é febre passageira. . E vive a gente nessa *dipindura*, metida nessa bandalheira... Se isto continuar, concluia, pégo nos meus cacaréos faço a minha trouxa, e vou empoleirar-me na minha terra, ou então vou p'ra Vargem Grande, só para ver-me livre desse baculejo dessa patuscada macha!

—Pois eu não sabia, minha comadre, dessa doença...

—Não é coisa de maior, senhora, é *andaço* e mais nada. Elles são que andam com tamanho espalhafato. S. Sebastião ha de ser por nós, com as preces que se estão fazendo...

—Quem nos dirá que não é castigo?... A igrêja da Conceição fechada, já lá se vão dois annos, só de pirraça... Hum! hum! Será o que Deus quizer... Eu lhe apareço mais tarde, minha

comadre; agora vou lá em Santiago, visitar meu compadre Anastacio...

—Entonce, adeus! Veja lá que esse Anastacio não seja algum outro *Mané!*

—Oh! minha comadre, você tambem não quer acreditar que eu já *esteje* de tempo acabado! Aquêlle que eu aturo já me basta...

E separaram-se.

A Eusébia encaminhou-se pelo bèco do *Papo-rôto*. Chegando ao largo do Quartel, encontrou-se com a Pulquéria, uma velha beata, sua conhecida, que fôra da casa da *Catirina Mina*. Descansou o balde e falou:

Bença, tia Puluquéria? Então, vem de ouvir a sua missa, hein? Eu quero as minhas festas...

—Ah! minha filha, venho de rezar por *nós, tudo*. Anda se matando gatos á pedrada, pobres animaes de sete fôlegos, protegidos de Sam Roque! Isto é castigo, Eusébia, que Deus 'stá mandando. Bem *frei* Dorotêu dizia! Os rios 'stão secando, já nem vapor pode viajar; a carne, nem mais se póde comer; as chuvas fazem um arreganho e tornam a sumir-se. E' castigo, rapariga; são os nossos pecados... Vamos rezar pelos herejes, pelos descrentes!...

—Qual, *tia Puluquéria*, que castigo, que nada; vôce quer é vêr se péga a gente lá p'ro Carmo. Eu creio em Deus, que é santo velho, e é o bastante.

—Então qual é a tua opinião, minha filha?

—E' *andaço*, não é outra coisa.

—Eu te abrenuncio se não é castigo do céu! Escuta, sua endemoninhada...

—Qual, tenho mais o que fazer. Você quer é *mi cançá*. Não se esquèça das festas do Natal...

E, segurando o balde, tomou o caminho da rua das Hortas, para a casa dos patrões, deixando a Pulquéria, no canto de Sant'Anninha, parada atonita, bestificada com a sua partida brusca, inesperada.

A beata, tornando a si, afinal, palmando as mãos sobre os olhos, com o que a sua vista, cansada, ainda lograva alcançar, divisou lá no fim da rua, a dominar o bairro infeccionado, a gingantêsca torre da nova igrèja dos Remedios, cercada de andaimes, com a sua cruz de três metros de altura, sob o puro anil do céu, junto ao mar vivo, que parecia haver naquella manhan estadeado a sua mais rica tunica azulinea. Tristonhamente, as mãos cruzadas no peito, exclamou:

—Gloriosa N. S. dos Remedios, agora, que a

vossa igreja vai-se aprontando, não nos *desprezais*, *sejais* por nós!

Então, ouvindo o tilintar duma campainha, a velha alegrou-se: Ainda se celebrava missa em Sant'Anninha.

Recompôz nos hombros o chale preto e chererecando as suas esfrangalhadas chinellas de tapête entrou na cap lla, persinando-se e deixando sair dos labios, ciciadamente, numa explosão de Fé, os murmurios das suas preces pelos herejes, pelos descrentes.

1--Janeiro—1904.

A Clóvis Vieira

AS PRECES

Dêsde os inolvidaveis tempos em que as Firminas vendiam flores da quinta das Carcereiras, que ellas viviam unidas, como irmans, sabendo uma dos segrêdos da outra.

Uma, carafusa, orçando pelos quarenta annos, vira o manto da proteção no Joaquim Peixe-boi, um português, que era proprietario de carros de condução e que a alforriou, beneficiando-a ainda com uma porta e janella, á rua do Oiteiro, quando se foi de muda para o Reino, a ser *brasileiro* na sua Povoa de Varzim. Com «essas quatro paredes» para abrigar-se e com uns cacaréosinhos, comprados aqui e ali, sem «rabos» que lhe pegassem, pois não tinha filhos, dava «a lêtra á canalha», e não era qualquer casca-grossa que lhe via os dentes, dum esmalte brilhante, alvissimo. Era conhecida por Firmina Peixe-boi.

A outra aparentava ser mais idosa, era rôxa, cabellos «molles», já pintando; morava lá p'ras ban-

das das Barraquinhas; era muito relijiosa e lia mais ou menos correctamente, pelos menos o *Diurnal da mocidade cristan*, e nas suas conversações afectava conhecimentos liturgicos. Nos tempos em que deu panca na cidade teve três filhos, todos homens. Da amisade que votava á xará, fazia valiôso cabedal, por sinal que a levou por madrinha do batismo do seu filho caçula, o Gregório, circunstancia que serviu para ainda as vincular mais pelo laço duma estima sólida, inquebrantavel, productôra dos mais santos e salutares resultados. Era conhecida por Firmina das Barraquinhas.

Naquêlle dia, á bôca da noite, conversavam na rua Grande, no canto da quitanda do Jacinto, ao dobrar do trilho.

Era a primeira vez, desde que se conheciam, que divergiam no modo de pensar.

* * *

—Então, minha *cheira*, você viu como nós abrimos a Conceição ? perguntou a Firmina Peixeboi.

—Sim, mas esperemos pelo castigo do Senhôr...

—Castigo de quê ? Castigo era a igrêja estar fechada ha tanto tempo e a gente padecendo desta maneira... «Ahi foi que vocês ficaram aborrecidos !» Agora, ella está aberta e eu quero vêr quem «fecha ella». O bispo está pensando que este povo é molle...

—Ah ! minha *cheira*, vocês não quizeram obedecer a *sinhô* bispo, e nós todos agora vamos pagar. E, choramigante, queixou-se.

Ella bem que se recordava do que haviam feito com o *outro* bispo, numa sexta-feira da Paixão, em que «até côfo» atiraram sôbre o «santo pastor». Ella estava pejada da sua primeira filha e fizéra parte dos bons catolicos que acompanharam o bispo ao Paço, no largo dos Remedios. O pastôr, agradecendo o acompanhamento, e com os olhos cheios de lágrimas e a vóz quase sufocada, disséra que perdoava aos seus inimigos, como Cristo o fizéra, mas que não sabia se a «cólera de Deus, naquelle momento», suportaria não cair um castigo sôbre o Maranhão. E dito e feito: não passára muito tempo e a bexiga lavrou, que foi morrer gente de dentes arreganhados como cachorro ! Até o Cemiterio se enchêra !...

—Ora, minha *cheira*, a bexiga veiu porque

tinha de vir, assim como essa peste, que ahi está...

—Não diga isso, senhora! Credo! Você está ofendendo a Deus! Até me arrependo de ser sua comadre! Que blasfemia! Então você acha bonito *aquillo,* ali na Conceição, feita casa de Orates? Qualquer um vai chegando com a sua réza, muito mal amanhada, num «latim da roça», - e é prece! Você acha mesmo que San Sebastião aceita «essas preces e essas rezas», *disque* feitas de pirraça p'ra *sinhô* bispo? *Sinhô* Sam Sebastião aceita é um acto de *abnegnidade,* assim como o do *sinhô* padre *Migué,* que todos os santos dias, chôva pédra, faça sol, de manhan, de tarde, lá vai o santo homem caminho do *insolamento,* consolar os enfermos, sacramentá-los...

—Que *tálos,* que nada! Isso é o que você ouve dizer!

—Ora, minha *cheira,* e minha comadre tambem, crie juizo!

—Crie você tambem, que é mãi de três filhos, e ainda vai atrás de ladainhas dos outros. Eu cá estou do lado do pôvo. A Conceição hoje é do pôvo. O bispo não quer que padre nem frade vá lá celebrar; nós rezamos, por nossa conta e risco.

Olhe:—Hoje o Tancrêdo vai lá cantar a ladainha do defunto Pedro do Rosário. Nós já temos muito dinheiro e havemos de botar a procissão na rua! As «preceiras» todas hão de acompanhar!...

—Não é a filha de minha mãi quem vai lá. Não é pelos santos, elles bem que sabem, mas é por via da profanação, do desrespeito, que vocês estão praticando lá. Em que terra já se viu isso numa igrêja? Vocês «puzeram ella numa anarquia»; cada um manda a sua semana, até *nhá* Maria da *Cruzada*...

—Ah! ah! ah! ora, minha *cheira*, deixe de scisma; quem manda nas igrèjas é o pôvo...

E, engrossando estrondosamente a risada, concluiu: – As igrêjas são públicas!...

—Ah! *tabom*, vá-se rindo, que quem se ri por ultimo é quem se ri melhor. Como a igrêja é pública, vocês acham que ninguem manda lá... E' bôa! O Cemiterio tambem é público, mas não leve bilhête de sepultura, p'ra você *vê* se *seu* Furtado lhe enterra! O funeral de vocês será triste! Olhe, minha *cheira*, eu não queria falar, mas agora você me ouve: Você não se recorda de têr ouvido dizer que os *maçãos*, na Terezina, deram tróte em *sinhô* Bispo? E que foi que aconteceu lá, agora?

Não apareceu uma febre de *quebra-cangote*, que está lavrando desapiedadamente? E' ou não a mão de Deus, Nosso Sinhô? Ouça mais: Você pensa que não se sabe da pandega e da pouca vergonha, que se *anda praticando* lá na sacristia da Conceição? Pois se sabe que até andaram bebendo vinho «na canéca» e gritando: Viva Nossa Senhora da Conceição! Môrra o Bispo! «Se sabe» que encommendaram foguêtes de bomba-real *bem fortes* p'ra atanazar a paciencia de sinhô Bispo! Elle *se sente*, está bem visto, como qualquer um de nós, que somos desobedecidos; mas elle apéla p'ra Aquêlle (E apontava para o Céu)...

A Firmina Peixe-Boi, irritada, fez um gesto de abandonar a discussão, mas a outra, retendo-a pelas saias, disse-lhe:

—Venha cá, ouça o resto, venha acabar de tomar a sua lambada. Diga p'r'essas desocupadas, que andam a metêr-se com a vida de *sinhô* Bispo, que vão ao largo de Palacio, que elle dá emprego lá, nas obras do Paço, p'r'ellas irem ser serventes de pedreiros, ou então que vão puxar cabrêsto dos burros dos carros da Intendencia, que vão matar ratos, p'ra vender na *Higienha*.

A Peixe-Boi teve novo impeto de retirar-se,

mas ainda foi detida pela xará, que lhe sentenciou:

—Tenha paciencia, minha *cheira*, você hoje me ouve, e é bem bom para não ofendêr assim aos outros. Não é de hoje que as coisas lá *pula* Conceição andam desmanteladas. O defunto padre Sodré, boa alma, que sempre se abria comigo, quando puzeram aquella cruz de ferro, lá no largo, me disse que até se admirava como o *outro* Bispo «benzeu ella». A cruz devia ser como aquella que *seu* Benedicto Serra fez p'ra missa campal.

—Mas o outro Bispo benzeu; se fôsse *esse* que está ahi...

—Sim, meu bem, agora o *outro* dom Antonio já é bom, e até de mais!

—Vá dizendo p'ros outros! Eu mesmo não vejo tal bondade. Você quer saber duma coisa? Eu não sou *seu* consul!

—Olhe, Valentim por carregar pilão achou *gravação! Cadê* as chuvas, que não aparecem?

—«Ahi é que vocês vão e eu fico». Deixe estar que ellas virão.

—Os nossos semelhantes estão morrendo á ufa e o mal 'stá cada vez maior. O doutôr *batorogista* já vai p'ra terra delle, e disse que não quer

saber mais disto, que este povo é muito ingrato, que a cidade está toda minada de *micobre*... Disto é que nós devemos cuidar, não é agora estar com essas coisas co' *sinhô* Bispo, dizendo que elle só quer dinheiro...

—E é mesmo...

—*Qui*, o quê! *Sinhô* Bispo é rico, elle tem muito dinheiro, não preciza. Eu sei dizer que aquêlle telheiro velho, ali junto da Sé, é hoje o palacio mais bonito do Maranhão. Nem o palacio do Governo, nem a casa da *Cambra*...

—Mas foi com o dinheiro do povo...

—Por certo! O Palacio não é p'r'elle só; é p'ros outros bispos, que chegarem depois delle tambem. Que pôvo, meu Deus! Até eu tenho vergonha de ser filha d'aqui...

E baixou a cabeça, num chôro convulsivo.

—Mas, minha *cheira*, você está cada vez mais caróla, zangando-se atôa, por causa do bispo...

—Nós estamos perdidos e é só por causa dessa descrença, respondeu soluçando. Até o Pará já nos faz guerra; não quer mandar vacina, nem receber carga *de vapôr* d'aqui!... Ah, Pará! Pará! quem tu fôste, quem tu és! Eu me lembro de que

meu compadre *João das Moedas* (que Deus tenha lá, no reino da Gloria!) sempre me dizia que d'aqui se mandava miudeza p'ro Pará, como se manda p'ro Munim; e hoje o Pará é rico, está-nos fazendo guerra...

—Por certo, meu bem, quem tem ôlho fundo, chora cêdo. Elles mandam p'ra cá; e, depois, quando a coisa crescêr lá, como é?

—Espere, espere, minha *cheira*, que uma *purga* está a me sugar a canella .. Arre! maldita, peguei-te! *Disque* vocês são que trazem a *coisa*, a mandado dos ratos .. Eu tenho cuidado é só por causa das duvidas, que dês que eu me entendi vêjo rato furtar as coisas e *purga* morder a gente. Coitado de quem fôr parar agora no S. João. *Purga* e *pursubéjo* como lá tem...

* * *

Enorme e compacta multidão fervilhava na direção do Hospital Português, formando um clarão d'um efeito bellissimo.

A Firmina Peixe-boi, divisando-a, exclamou para a Firmina das Barraquinhas:

—Lá veem as *preças*, minha cheira; vamos «acompanhar» ?

—Conforme.... Se houver ordem... De quem será aquella ?

—Deve ser de *nhá* Rosa.

—Que Rosa ?

—*Nhá* Rosa *guarda-mór* . .

—Ah ! essa eu já vi; tem ordem e ha respeito . . Acompanho, sim.

E prepararam-se. A aproximação do prestito foi como que um véu passado sôbre a discussão das duas Firminas. Confraternizadas, reconciliadas, quando a Rosa *guarda-mór* chegava perto das xarás, já ellas, munidas de velas, compradas na quitanda do Jacinto, estavam prontas a encorporar-se ás «preces».

Num arrebatamento de crença, desencontradamente, desafinadamente, mas unisono no mesmo sentimento, o pessoal da Rosa psalmodiava:

O' martir de Cristo,
Meu santo varão !
Livrae-nos da peste,
Meu Sam Sebastião !

E num pequeno andôr, todo recamado de belbutina azul, fartamente enflorecido, galhardamente illuminado, uma pequena imagem do advogado contra a peste, atada a uma columna, apresentava o seu côrpo nú, serenamente pálido, crivado de setas, aos que, submissos, joelhos em terra, lhe imploravam o termino do flagello.

O préstito encaminhou-se para o Oiteiro da Cruz, os penitentes deixando transparecêr nos seus rôstos a crença clara, immensa, consoladôra e purificadôra de que só o «Martir de Cristo» abrandaria a fúria impétuosa com que a peste nos vai dizimando, atrozmente, implacavelmente.

E, Caminho Grande afóra, numa sinfonia majestosa, reunindo todos os sons e todas as vozes, as das coisas e as dos homens, ia pululando o sentimento, que domina o Amôr profundo e violento da Alma popular.

1—fevereiro—1904.

A Euclides Bandeira

Os dois herdeiros

O Liberato Bombeiro, caldeireiro de cobre, concertou e reconcertou tantas bombas que, chegando aos 85 annos de idade, era senhor duma fortuna respeitavel. O seu estabelecimento de ferragens e artefactos navaes, em que foi transformada a sua caldeiraria, logo que a sorte lhe permittiu, era um dos primeiros da praça. Abandonou o oficio, mas ficou lhe a alcunha.

Sem ter vivos parentes proximos, a não ser um sobrinho, o Paulo, o caixa da casa, a quem ultimamente tornára interessado, não tinha ainda feito testamento dos seus bens, na sua maioria apolices da divida publica e prédios solidamente construidos.

As bajulações choviam a cantaros em redor do encanecido capitalista, prodigo em derramar utilmente as sobras dos juros da valorosa fortuna de que dispunha, especialmente ás sexta-feiras-santas, quando viuvas desherdadas, numa romaria

incessante, accorriam pressurosamente ao patamar da escadaria do palacête do venerando ancião.

Era crença geral que os bens do Liberato, que «elle não poderia levar comsigo para a cova, na qual já estava com os pés», seriam legados a algumas instituições de caridade e a uma meia duzia de afilhados, que elle possuia.

Numa tarde, o velho, ao sair do armazem. foi atacado por uma congestão cerebral. Conduzido ao seu palacête, os principáes medicos da cidade foram espontaneamente oferecêr os seus serviços, a vêr se salvavam a vida do capitalista. E os esforços por elles empregados foram tão ardorosos que conseguiram que o enfermo, apezar da sua adiantada idade, apresentasse melhoras promissôras duma cura completa.

Recobrando o uso das suas faculdades, o Liberato fez vir á sua presença um tabellião e um padre. A'quelle, confiou a tarefa de registar a distribuição dos seus bens, designando os herdeiros da sua abastada fortuna; ao padre, confessou as suas culpas, reconciliando-se com Deus e com os homens.

Dias depois, nôvo ataque prostrava o ex caldeireiro, sobrevindo lhe dessa vez a paralisia na quase totalidade dos orgãos.

O Paulo, á vista das circumstancias, chamára a si a direção da casa do tio; e, esperando a qualquer momento o desenlace fatal e ter de vêr talvêz passar a outras mãos, que não ás delle, a «cobreira» do Bombeiro, pôz-se a meditar na melhor maneira de arranjar-se. E tanto meditou que uma idéa lhe despontou. Achou-a soberbissima.

No dia seguinte, pela manhan, foi como de costume dar a sua prosa, na vizinhança, na padaria do Pastôr, seu compadre. Cultivando com este a mais dedicada e proveitosa amizade, consultava-o todas as vezes que se lhe apresentava ocasião de resolver negocios intrincados. A execução da sua idéa dependia, portanto, sómente da sanção do Pastôr. E foi com esse intuito, mais do que para a costumada prosa matinal que elle foi ter com o conselheiral padeiro.

—Compadre, disse-lhe, em particular, o tio está assim meio lá meio cá e, segundo dizem os medicos, se elle escapar, não terá mais o uso da razão. Hontem, depois daquella melhora passageira, fez testamento e estranhei que elle me não aproveitasse como testemunha... Não fui ouvido nem cheirado; creio que elle nada mais me deixará, a não ser a collocação que tenho... Era

por isso que eu vinha aconselhar-me com você. Ha uns cobres, uns *contécos* em caixa, e..

—Oh! compadre, resuma se, diga o seu plano. Então não somos amigos?

—Eu tinha concebido, continuou o Paulo, a idéa de ir passando, em pequenas dóses, uns *contéc s* para você me guardar. Não lhe é espinhosa a tarefa?

—Suculentissima! Maravilhosamente pensado! Porque você não se formou, compadre? Com esse tino e essas idéas, quem sabe se você não sairia um Encarnação ou um Vilhena?!

—Mas olhe que é cá só entre nós dois. Se eu fôr contemplado, reponho no logar a quantia; se não, do que muito desconfio, ficarei arrumado e o compadre tambem, pois uma commissãosinha «não féde»...

—Está dito, compadre; mas não concordo com a ultima condição; o meu auxilio é desinteressadamente. O que convém é você trazer hoje, ou mesmo já, o que puder; olhe que a congestão é uma molestia traiçoeira, que mata brincando...

—Lembra-me bem, compadre; é já.

Momentos depois, a primeira dóse, onze con-

tos, numa caixa de charutos estava em poder do Pastôr.

E nos outros dias, á proporção que as dóses das receitas prescritas pelos medicos do enfermo lhe iam sendo ministradas, as dóses dos «contécos», sempre no mesmo sistema de vehiculos, iam passando da burra do Bombeiro, para a do padeiro, de modo que no dia em que os clinicos deram por esgotados os recursos que a sciencia lhes permitia para arrebatar da morte a vida do Liberato, cinco caixinhas atulhadas de maços de cedulas, calçados com umas centenas de patacões, acusavam em poder do Pastôr a gôrda quantia de sessenta contos de réis.

No fim de alguns dias de sofrimento, o capitalista rendeu a alma ao Criador, numa bella manhan de Outubro.

O Germano, caixeiro-vassoura do Bombeiro, que fôra o encarregado da pezarosa missão de noticiar aos seus collegas no armazem o desenlace, chegando lá, foi assediado pelos negociantes estabelecidos nas circumvisinhanças, a indagarem:— Então, como vai o sr. Liberato? Como passou a noite?--ao que o rapaz, lacrimejante, cheio de

emoção, rispostava :—Está com Deus, desde as 4 horas...

Então trataram todos de cerrar as portas dos estabelecimentos, e alguns houve que jesuiticamente abraçaram o Germano, que deixou-se apertar, soltando olhares todo timidez e desconfiança.

As casas commerciaes nesse dia fecharam mais cedo, e patrões e caixeiros foram acompanhar ao Cemiterio Publico os restos mortáes do Liberato. Os funeráes, «a cargo da acreditada casa Carvalho Branco», como fizéra notar um antigo e conceituado orgam dos interesses commerciáes e industriáes, revestiram-se de extraordinária pompa. Assistiram ás ceremonias representantes de todas as classes sociáes; as irmandades e confrarias mais antigas fizeram se representar com as suas insignias, e, tanto na camara mortuária, como na capella do Cemiterio, cantou-se o *Memento*.

Todos os aparatos foram póstos em prática por exigencias do Paulo, que se justificava dos extraordinarios gastos, dizendo :—Nada de regateamento; tudo do bom e do melhor para o tio, já que é a ultima coisa que se gasta com elle. . Era seu o dinheiro, ganho honradamente...

Os necrologios estampados na imprensa da

terra foram extensos, ocupando quase uma columna só a lista das dedicatórias das corôas que ornaram o ataúde. E, mezes depois, ainda se lia, até nos *A pedidos*, as choramingas de amigos e antigos conhecidos do môrto, que de longe enviavam a sua prova de pezar.

No setimo dia, depois da missa de *requiem*, na Cathedral, o Paulo reuniu os amigos mais intimos para assistirem a abertura do testamento.

Trajando o mais rigoroso luto e revestindo se dum excessivo tom de gravidade, com os olhos marchetados, o rosto empallidecido, as mãos tremulantes, o Paulo tomou o envolucro de sobre uma mesa, partiu os sellos e, pretextando incommodo nos olhos, passou-o ao Pastôr, pedindo-lhe que o lèsse. O padeiro prontamente cavalgou os oculos e satisfez a solicitação.

Surprèsa geral! Estupefação completa! Salvo alguns pequenos legados a afilhados e a estabelecimentos pios, o testamento consagrava o Paulo herdeiro universal do tio!

E divulgada que foi a noticia, o homem tinha a casa cheia de amigos; muitos lhe deram pezames pela segunda vez; outros desculpavam se de não o ter feito ha mais tempo; advogados ofere-

ciam os seus serviços gratuitos para tratar do inventário; medicos mandavam as contas com o *quantum* em branco; finalmente, os amigos e os engrossadôres do tio passaram a sê lo do sobrinho.

—Quem mais havia de herdar o grôsso da fortuna do sr. Liberato, dizia um delles, senão o senhor, que tanto o ajudou?

—Eu nunca t'o quiz dizer; mas o teu tio sempre me dizia que os seus haveres eram teus, falava um intimo do herdeiro. E um outro houve que, esforçando-se em fazer sobresair a sua pericia engrossativa, julgou ser agradavel ao Paulo, dizendo-lhe:—Permita-me que lhe diga que o Sr. seu tio não pensou bem legando aquella quantiazinha á Santa Casa de Mizericordia. Aquillo por lá é só p'ra uma meia duzia; ali vê-se a caridade por um óculo. Só á você, seu sobrinho e amigo até aos últimos momentos, competia a recompensa.

Passado o periodo do nojo, o Paulo, reassumindo a direcção do estabelecimento, tratou de por todos os meios rehaver a importancia depositada nas mãos do Pastôr, solicitando-lhe sem que por qualquer fórma o molestasse.

Num dia dirigiu se á padaria do compadre, e

depois de conversar com este, divagando sobre varios assuntos, abordou-o sobre o que ali o levava naquelle momento. Queria mandar proceder ao inventario, e para isso era necessario dar entrada a quantias recebidas, balancear, extrair contas correntes, enfim, pôr em ordem a escrituração da casa. O Pastôr mordicava os beiços, enquanto o Paulo precedia amedrontadamente daquelles considerandos justificativos o mobil da visita. Ia buscar a quantia, os «contécos», passados em dóses, gordas e sucessivas, para a burra do compadre.

—Ora, compadre, respondeu o Pastôr, você já está arranjado, e melhor ainda do que esperava; e eu concorri muitissimo para o seu triunfo, animando-o, encorajando o a fazer da sua fraqueza força... Deixe que o seu compadre tambem se arrume...

—Mas...

—Nada, compadre, você é herdeiro universal e eu serei parcial. Os sessenta «contécos» já estão bem empregados. Pú-los na Caixa Economica, em diversas cadernetas, em meu nome, no da sua afilhada, no da sua comadre... Enfim, sei o que fiz.

Ahi o Paulo, com ar doidejante, o suor a go-

tejar-lhe emperoladamente pela fronte, não se podendo conter ante a placidez e o descaramento do Pastôr, estoirou :

—Canalha! Ladrão! Com autorisação de quem?

—Nada de arreganhos, compadre. Acalme-se. Olhe que no nosso contracto não se estipulou essa clausula, respondeu serenamente o padeiro.

—Ah ! traidor ! mostro-te como has de arrepender-te !

E saiu, deixando o padeiro com a fisionomia serena e um sorriso sarcastico pairar-lhe nos labios como resposta ás suas frases insultantes, ás suas diatribes injuriosas, que foram impotentes para demover o Pastôr da sua resolução, una, inabalavel.

Encolerisado, sedento de vingança, o Paulo, deixando a casa do astuto compadre, encaminhou-se logo para o escritorio do doutor Adelino, advogado notavel, e expoz-lhe summariamente a tramoia, occultando, já se vê, a verdade sobre o meio por que a quantia fôra ter ás mãos do padeiro. Fora um emprestimo, allegára, e o Pastôr agora não lhe queria pagar.

O advogado aceitou o patrocinio da questão e deu-lhe as instrucções preliminares a executar.

Marcou ao seu cliente o dia seguinte para elle apresentar-se no escritorio com os respectivos documentos.

—Quaes documentos, doutor ?! pergunta espantado o Paulo.

—Os de toda essa transação que o senhor acaba de narrar-me.

—Mas é que... é que... não os tenho... não se cogitou de tal...

—Nem ha testemunhas ?...

—Nada disso, senhor doutor; o negocio foi feito entre nós dois, tão sómente...

—Então, meu caro, ficamos nisso. Nada lhe posso aconselhar...

* * *

Depois duns quatro mezes de amuo, os compadres reconciliaram-se. Ambos são hoje senhores de uma regular fortuna.

Gosando docemente a ventura de possuir «cem annos de perdão» os dois herdeiros, o universal e o parcial, continuam a cultivar a mais dedicada e invejavel amisade.

1904.

INDICE

Dedicatoria 5
O suplicio da Ignacia 7
O batidinho 25
Vicencia 43
A festa do Sevéro 57
A procissão do Redentôr . . . 73
A surprêsa. 85
A promessa 101
O discurso do Fabricio 139
O domingo das Maramaldos . . 151
A peste :
—A opinião da Eusébia . . . 187
—As preces. 199
Os dois herdeiros 213

Do autôr:

A VIDA MARANHENSE, contos, 2.ª série (1904—1905). [*A entrar no prélo*].

SELECTA MARANHENSE (Edição do Estado do Maranhão) [*Idem*].

AS FESTAS POPULARES MARANHENSES, narrativa histórica, (*Em preparação*).

Biblictéca da Oficina dos Novos

Publicados:

I.—O OCEANO, versos, de Alves de Farias (*Esgotado*)
II.—ESPECTRO SENTIMENTAL, versos, do mesmo autôr 2$000
III.—MINARÊTES, contos, de Viriato Corrêa. . . . . 3$000
IV.—ROSAS, versos, de Alves Farias . . . . . 3$000
V.—PAMPANOS, versos, de Costa Gomes . . . . . 2$000

19970